



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E  
DOS POVOS INDÍGENAS**

LEODINÉIA DA COSTA REIS

**ESTUDANTES PALOP/UNILAB:  
ENCANTOS E DESENCANTOS ALÉM DO ATLÂNTICO NA UNILAB**

CACHOEIRA - BA  
2020

**LEODINÉIA DA COSTA REIS**

**ESTUDANTES PALOP/UNILAB:  
ENCANTOS E DESENCANTOS ALÉM DO ATLÂNTICO NA UNILAB**

Relatório apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, sendo requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em História da África, na área de concentração em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas.

Orientação: Prof. Emanuel Luis Roque Soares

Co-orientação: Prof<sup>a</sup>. Rita de Cassia Dias Pereira Alves.

CACHOEIRA/BA  
2020

---

R375d      Reis, Leodineia da Costa  
Estudantes PALOP/UNILAB: encantos e desencantos além do  
atlântico na unilab. / Leodineia da Costa Reis. Cachoeira, BA, 2020.  
165f., il.

Orientação: Prof. Dr. Emanuel Luís Roque Soares  
Coorientação: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Rita de Cassia Dias Pereira Alves

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da  
Bahia, Centro Artes, Humanidades e Letras, Mestrado Profissional em  
História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Bahia, 2020.

1. Ensino Superior - Estudo e Ensino. 2. Ensino Superior – Brasil.  
3. Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) -  
Cooperação. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro  
de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 378.007

---

Ficha elaborada pela Biblioteca Universitária do CAHL - UFRB.

Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (*Bibliotecária – CRB-5/ 1396*) (os dados  
para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **ESTUDANTES PALOP/UNILAB: ENCANTOS E DESENCANTOS ALÉM DO ATLÂNTICO NA UNILAB**

Relatório Técnico submetido à avaliação para obtenção do grau de Mestre em História do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

Aprovada em 28 de maio de 2020.

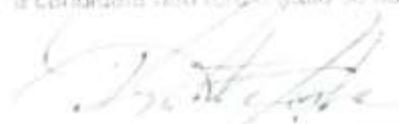
#### **BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Emanuel Luis Roque Soares (UFRB – Orientador)

Prof. Dr. Kabengele Munanga (UFRB – Examinador interno)

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rutte Tavares Cardoso Andrade (UNILAB – Examinador externo)

Aos vinte e oito dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte, às 10h00min, de forma remota, com auxílio do recurso para videochamadas Google Meet, devido à pandemia da doença do coronavírus 2019 (COVID-19), instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado da aluna Leodineia da Costa Reis. A banca examinadora foi composta pelos professores: Dr. Rutte Tavares Cardoso Andrade, UNILAB, Examinadora Externa à Instituição; Dr. Kabengele Munanga, UFRB, Examinador interno, e Dr. Emanuel Luis Roque Soares, UFRB, Orientador. Deu-se início a abertura dos trabalhos por parte do professor Emanuel Luis Roque Soares, presidente da comissão, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, de imediato solicitou a candidata Leodineia da Costa Reis, autora do trabalho, iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada: "Estudantes Palop/UNILAB. Encantos e Desencantos Além do Atlântico na UNILAB" marcando um tempo de 60 (sessenta) minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o Prof. Dr. Emanuel Luis Roque Soares, presidente, passou a palavra à Examinadora Externa à Instituição, Dr. Rutte Tavares Cardoso Andrade, para arguir a candidata, e, em seguida, ao Examinador Interno, Dr. Kabengele Munanga, para que fizesse o mesmo, após o que fez suas considerações sobre o trabalho em julgamento, tendo sido  APROVADA ou  REPROVADA a candidata, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo de 60 (sessenta) dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constantes na folha de correção anexa. Conforme a Resolução 24/2018 - CONAC, a candidata não terá título se não cumprir as exigências acima.



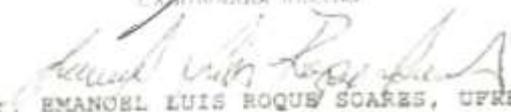
Dr. RUTTE TAVARES CARDOSO ANDRADE, UNILAB

Examinador Externo à Instituição



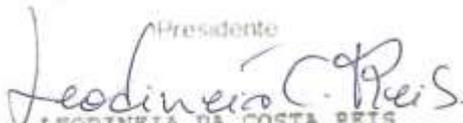
KABENGELE MUNANGA, USP

Examinador Interno



Dr. EMANUEL LUIS ROQUE SOARES, UFRB

Presidente



LEODINEIA DA COSTA REIS

Mestrando

“Dedico esta dissertação aos meus ancestrais”

## AGRADECIMENTOS

Graças aos incentivos e ao apoio dos meus familiares e amigos pude alcançar mais esta etapa da minha vida.

Portanto, a minha primeira palavra de gratidão é para Deus, que tem me dado saúde e força para superar todos os obstáculos.

Agradeço à minha mãe, Lourdinéia (*in memorian*) e ao meu pai, Leonídio, que sempre acreditaram em mim e no meu potencial, dando-me o carinho fundamental para o meu crescimento e todo apoio necessário, ao meu tio Vavá (*in memorian*) pelo seu incentivo e minha querida sobrinha, Liane, amiga, parceira que tanto me ajudou com suas habilidades midiáticas.

Encontrei a minha mãe querida nos olhos de outras mulheres do Recôncavo, cachoeirenses, às quais devo o meu sincero agradecimento, pelo acolhimento, pela nutrição, pelo carinho e cuidado que tiveram comigo durante essa travessia, em especial Dona Maria das Dores e Lucidalva Costa.

Agradecimento especial também aos/as estudantes PALOP da UNILAB, pois sem eles e elas não seria possível realizar este trabalho, como Beto, Aldine, Naentrem, Dairine, Manu, Edu, Sônia, Jacica, Nilton, Eugenio, entre outros e outras estudantes também brasileiras, tais como Raine, Mariele, Macauley. Aos professores dessa mesma instituição, com destaque para Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cláudia C. Ferreira, Prof<sup>o</sup> Dr. Pedro Leyva, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rutte Andrade, Prof<sup>o</sup> Dr. Ismael Tchan. À Assistente Social Leila Karina S. Machado. À Prof. Dr<sup>a</sup> Cristiane Santos Souza, então coordenadora do B. I. em Humanidades, por contribuíram com os seus saberes e me apoiaram nessa jornada.

Agradeço pelos diversos apoios recebidos de Jeane, Josy, Karla, Natasha, Bia, Luciana, Rodolfo Samu, pela passagem aérea Salvador - Recife, Lucimeire pelas passagens áreas Salvador – Paraná e Salvador – São Paulo; a todas e todos aqueles que contribuíram com a rifa, sem estas ajudas eu não teria apresentado os meus trabalhos nos seminários e conferências; ao Dr. Gilmar, médico do posto em S. F. C., por ter me concedido a entrevista; aos amigos Prof<sup>o</sup> Dr. Sílvio Benevides e Prof<sup>o</sup> Ms. Reinaldo Miranda, pela revisão linguística de todo o meu trabalho; a Ana Fátima; à Mãe Sany; à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanda Machado, pelo sustento moral; a Patrícia Araujo; à amiga Franciscnice e a Deusa Samu, pelo apoio emocional.

Por fim, agradeço a honra de ter recebido orientações e o carinho do admirável do Professor Drº Kabengele Munanga, que teve a paciência de examinar cuidadosamente toda a minha escrita, como também do meu orientador Prof. Drº Emanuel Luis Roque Soares, e da minha co-orientadora Profª Drª Rita de Cássia Dias Pereira Alves.

## RESUMO

Este relatório descreve a trajetória que me levou a realização do produto intitulado *Modi ki é studa na Brazil?* O livro é destinado aos/às estudantes de Ensino Médio dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP, com foco nos estudantes cabo-verdianos. Por esta razão o seu título Krioulo traz informações necessárias aos candidatos e candidatas que desejam ingressar em um curso de graduação na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, nos *campi* situados em Redenção/Ceará e em São Francisco do Conde/Bahia. A presente pesquisa foi desenvolvida apenas no *Campus* dos Malês, localizado na cidade baiana do Recôncavo, com o objetivo de analisar as experiências e as histórias de vida de estudantes PALOP, da UNILAB/Bahia, no período de formação acadêmica entre os anos de 2014 e 2019. Em uma síntese, o estudo pretende revelar as aproximações, os choques, os conflitos e as contradições presentes nas relações desses estudantes com o contexto social e político brasileiro que, a despeito do fim do trabalho escravizado, é estruturado pelo racismo, pela invisibilização da África e igualmente pelo apagamento da herança africana nos espaços oficiais e imaginários nacionais.

**Palavras-chave:** Ensino Superior; Brasil; PALOP; UNILAB/Bahia.

## ABSTRACT

This report describes my trajectory that made the product entitled *Modi ki é studa na Brazil?* The book is intended for high school students from African Portuguese Speaking Countries - PALOP, with a focus on Cape Verdean students. For this reason, its Krioulo title provides necessary information for candidates who wish to enter an undergraduate course at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony - UNILAB, on campuses located in Redenção / Ceará and São Francisco do Conde / Bahia. The present research was developed only on the Malês campus, located in the Bahian city of Recôncavo, with the objective of analyzing the experiences and life stories of PALOP students, from UNILAB / Bahia, during the period of academic training between the years 2014 and 2019. In summary, the study intends to reveal the similarities, shocks, conflicts and contradictions present in the relations of these students with the Brazilian social and political context that, despite the end of enslaved work, is structured by racism, by the invisibility of Africa and also by the erasure of the African heritage in the official spaces and national imaginary.

**Keywords:** Higher Education; Brazil; PALOP; UNILAB / Bahia.

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

ASEA – Associação Estudantes e Amigos da África

BHU – Bacharelado em Humanidades

CMA – Coletivo de Mulheres Africanas

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CSS – Cooperação Sul - Sul

CTI - Cooperação Técnica Internacional

CTPD - Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento

FICASE - Fundação Cabo-verdiana de Acção Social Escolar

ME – Ministério da Educação

MRE – Ministério de Relações Exteriores

ONG - Organização Não Governamental

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PSEE - Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros

SFC – São Francisco do Conde

SP – São Paulo

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNILAB – Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

US – Universidade de Santiago

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Apresentação do trabalho na Conferência, na US, Cabo Verde.....	17
<b>Figura 2</b> - Mesa Cultura, filosofia, sociedades africanas e diaspóricas: Gênero e Raça.....	17
<b>Figura 3</b> - Árvore de Polón.....	19
<b>Figura 4</b> - Cozinhando com a família do povoado Polón.....	20
<b>Figura 5</b> - Cozinha da vovó Joana.....	20
<b>Figure 6</b> - Mapa de São Francisco do Conde e demais cidades do Recôncavo.....	38
<b>Figura 7</b> - Vista panorâmica da orla marítima de São Francisco do Conde.....	39
<b>Figura 8</b> - <i>Campus</i> dos Malês.....	39
<b>Figura 9</b> - Bandeira de Cabo Verde.....	51
<b>Figura 10</b> - Mapa antigo do Arquipélago de Cabo Verde no século XVI.....	53
<b>Figura 11</b> - Ilhas do Sotavento e Barlavento.....	53
<b>Figura 12</b> - Campo de Concentração do Tarrafal.....	54
<b>Figura 13</b> - Praia de Tarrafal.....	49
<b>Figura14</b> - Manifestação CMA contra o racismo, xenofobia e machismo (2016) .....	67

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER NEGRA.....</b>	<b>12</b>
<b>1 PROCESSO HISTÓRICO.....</b>	<b>34</b>
1.1 UNILAB E A CIDADE DE SÃO FRANCISCO DO CONDE.....	37
1.2 DA CANDIDATURA À INSTALAÇÃO DE ESTUDANTES AFRICANOS/AS NA BAHIA.....	37
1.2.1 <b>Chegada.....</b>	<b>40</b>
1.2.2 <b>Saúde.....</b>	<b>41</b>
<b>2 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL BRASIL – ÁFRICA.....</b>	<b>43</b>
2.1 OS PALOP E A MINHA EXPERIÊNCIA EM CABO VERDE.....	47
2.2 PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DE CABO VERDE.....	50
2.3 BANDEIRA DE CABO VERDE.....	51
2.4 LOCALIZAÇÃO DAS ILHAS DE CABO VERDE.....	52
<b>3 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DE CABO VERDE....</b>	<b>55</b>
3.1 EMANUEL DE JESUS CORREIA NASCIMENTO.....	55
3.2 DARINI LARA TAVARES DE CARVALHO.....	58
3.3 NILTON LOPES DE SILVA GOMES.....	60
3.4 JACICA HELENA LOPES FERNANDES .....	66
3.5 SÔNIA MARIA RAMOS GONÇALVES.....	67
3.6 JOSÉ EDUARDO GARCIA DOS SANTOS.....	69
<b>4 COLETIVO DE MULHERES AFRICANAS – CMA.....</b>	<b>76</b>
4.1 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS INTEGRANTES DO CMA.....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>88</b>

## APRESENTAÇÃO

### EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER NEGRA

*Recordar é preciso  
O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
A memória bravia lança o leme:  
Recordar é preciso.  
O movimento vaivém nas águas-lembranças  
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
salgando-me o rosto e o gosto.  
Sou eternamente náufraga,  
mas os fundos oceanos não me amedrontam  
e nem me imobilizam.  
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.  
Sei que o mistério subsiste além das águas.*

(Conceição Evaristo)

Este trabalho inicia com a “Escrivivência<sup>1</sup>” da autora, que retrata a sua condição de mulher negra, marcada pelo racismo, pautando-se experiências que a levaram a realizar a presente pesquisa, a partir do seu olhar que se configura na sua vivência.

Em 1996 migrei para a Itália com o pensamento de buscar “melhores condições de vida”. Tinha como objetivo, além de trabalhar para me sustentar, também fazer a graduação em uma universidade italiana. Imaginava que, ao voltar para o Brasil com um diploma europeu, não ficaria sem emprego, que o mercado de trabalho brasileiro me abriria as portas. Eu, mulher negra, teria mais “oportunidades na vida” com um título estrangeiro. Todavia, não foi tudo tão fácil, como eu imaginava. Levei quase três anos até conseguir ingressar na universidade *UniRomaTre*, em Roma, porque aguardava a regularização da minha documentação para permanecer no país, já que não entrei com visto de estudante, e sim de turista. Durante esse período de três anos passei pela grande dor de perder a minha querida mãe, no Brasil, na Bahia e não poder ficar ao seu lado nos últimos dias da sua vida encarnada. Após a obtenção do documento, fiz a prova de proficiência em língua italiana, passei e pude ingressar no curso de Ciências Políticas. Por que escolhi esse curso? Não sei. Na época considerava que essa formação aumentaria as chances de conseguir um bom emprego, seja na Europa ou no Brasil. Entretanto, pouco se estudava sobre os

---

<sup>1</sup> Termo cunhado por Conceição Evaristo que significa como cada pessoa escreve a sua própria vivência na vida, a partir do seu olhar e das suas experiências.

países da América do Sul ou quase nada, inclusive o Brasil; além disso, passei por situações de racismo por parte de um professor. Éramos apenas três negros em sala de aula: Luiza, proveniente de Angola; Bienvenu, do Congo; e eu, do Brasil. Logo, as nossas características identitárias semelhantes nos aproximaram e tornamo-nos muito amigos e unidos, tendo em vista que poucos alunos brancos se aproximavam de nós, apesar de que, eu particularmente, consegui algumas amizades, por ser muito comunicativa. Contudo, com o passar do tempo, sentia muita falta de casa, da minha cultura, o que me levou, entre outros fatores, como a dificuldade financeira, a não terminar o curso na Itália, e também questões de saúde na minha família fizeram com que eu retornasse à Bahia. Depois de um tempo reintegrada na cidade onde nasci, em Salvador, ingressei no curso de Relações Internacionais. Tentei aproveitar algumas disciplinas cursadas na Itália, mas me custaria muito caro fazer a tradução juramentada de cada ementa, para cada disciplina. Então desisti e fiz a graduação completa no Centro Universitário da Bahia - FIB, em Salvador, por meio do FIES, concluído em dezembro de 2008.

Após dois anos de formada, fui morar em São Paulo, porque na Bahia não conseguia emprego na área profissional. Tentei concursos públicos, mas não obtive sucesso. Em 2011, depois de dois meses na cidade paulista, fui chamada para trabalhar no Centro Comunitário Monte Azul, uma ONG internacional, fundada por uma alemã, que atendia três comunidades carentes da região da zona sul de São Paulo. Nessa instituição eu exerci a função de coordenadora da área de Relações Internacionais, cuja tarefa principal era cuidar da documentação e solicitação de vistos para voluntários internacionais, oriundos de diversos países, predominantemente da Europa, para trabalharem nos projetos da ONG.

Naquele período, a capital de São Paulo recebia um grande fluxo de imigrantes provenientes do Haiti e de alguns países do continente africano, que fugiam dos desastres ambientais e dos conflitos políticos. Concomitantemente, eu iniciava um novo trabalho, quando havia sido selecionada para ocupar o cargo de coordenadora de um comitê da Câmara de Comércio, Indústria e Agricultura Italiana – ITALCAM, localizada bem no centro de São Paulo, onde se aglomerava boa parte de imigrantes que chegavam em situação de vulnerabilidade. O fato me inquietou e me levou a buscar mais informações. Logo conheci o padre Paolo, dirigente de uma organização chamada Missão Paz, que acolhia aquelas pessoas, dava alimento, vestuário e as inseriam no mercado de trabalho, quando estes já tinham regularizado a documentação, seja por meio do visto humanitário, no caso dos haitianos, seja pelo visto de refúgio político, para os

cidadãos dos países da África Subsaariana e países árabes. Querendo debater o assunto também no meio acadêmico e na esperança de ingressar em um mestrado na Universidade de São Paulo – USP, já que havia sido reprovada em 2011, quando me candidatei ao curso de pós-graduação em Direitos Humanos, optando pelo direito de cotas para negros, ainda na prova de língua estrangeira, em italiano. Vale ressaltar aqui que, no momento de inscrição para seleção, foi solicitado foto 3x4 e os colegas também negros foram reprovados, um no idioma francês e outro no inglês, o que nos fez concluir que se tratava de um ato racista e que deveríamos recorrer. Porém, o edital já informava que não valeria recurso, e mesmo assim meus colegas levaram o caso adiante com o apoio de um advogado. Passados dois anos do ocorrido, criei coragem para dessa vez entrar como aluna ouvinte no curso de Direito Internacional, na faculdade de Direito da USP. Na ocasião apresentei um seminário sobre imigração, levei alguns autores, entre eles Milton Santos, para explicar o cenário atual, o que estava acontecendo no Brasil. Após finalizar essa disciplina, o professor Paulo Borba Casella me informou que, se eu ingressasse no curso como aluna regular, ele me orientaria. Entretanto, eu precisei retornar à Bahia, mais uma vez por motivo de saúde na família.

Em 2017 adentrei o programa de pós-graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas - PPGMPH, para cursar a disciplina de História das Américas, como aluna especial, ministrada pelo professor Emanuel Roque. Também na condição de aluna ouvinte, cursei a disciplina Tópicos da História da África, ministrada pelo prof. Kabengele Munanga, e simultaneamente cursei a disciplina de Políticas Públicas, ministrada pelo prof. Edilson Tavares, no programa de pós-graduação em Ciências Sociais PPGCS/UFRB. Ao final desse mesmo ano me candidatei para aluna regular no mestrado de História e, finalmente, em 2018 iniciei o curso de mestrado. Entretanto, já em 2017 iniciei uma aproximação respeitosa, com os estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP, matriculados na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, *Campus* Malês, localizada na cidade baiana de São Francisco do Conde. A partir do contato de uma estudante do CAHL/UFRB, que me passou o contato de um servidor técnico-administrativo da UNILAB, que, por sua vez, me indicou o nome do então coordenador do curso de Bacharelado em Humanidades - BHU, hoje diretor do Instituto de Humanidades e Letras - IHL, prof. Pedro Leyva. Este, por fim, apresentou-me aos membros fundadores da Associação de Estudantes e Amigos da África -

ASEA<sup>2</sup>, os guineenses Beto Infande e Aldine Valente Bathillon. Ambos articularam o meu contato com outros estudantes do continente africano, principalmente estudantes provenientes da Guiné Bissau. Paralelamente a esses contatos conheci o estudante Cardoso Domingos Andrade, de Moçambique e alguns de seus colegas angolanos. Porém, o contato mais próximo que tive foi com a estudante Naentrem Manuel Oliveira Sanca, guineense, por meio da qual pude entrevistar, no início de 2018, representantes do Coletivo de Mulheres Africanas - CMA<sup>3</sup>. Os relatos dessas mulheres me motivaram a escrever trabalhos para submeter e apresentar no encontro da Associação Nacional dos Professores Universitários de História - ANPUH e, mais tarde, na Conferência Internacional em Cabo Verde.

Em abril de 2018, escrevi o artigo intitulado “Encantos e Desencantos além do Atlântico”, no qual eu discorri sobre o projeto de pesquisa, ainda em fase inicial, com a pretensão de relatar as experiências (naquele momento chamei de dificuldades) vividas pelos estudantes africanos ao chegarem ao Brasil e se depararem com espaço geográfico, cultura, idioma, identidade diferente, além do desconhecimento das regras burocráticas e pedagógicas da universidade brasileira, a adaptação e integração ao meio social e acadêmico. Nesse artigo eu cheguei à hipótese de que, apesar de os estudantes estrangeiros negros, especialmente os do continente Africano, virem através dos programas de intercâmbios, como o Programa de Estudantes - Convênio de Graduação - PEC-G e acordos de Cooperação Internacional Brasil – África, estes sofrem com o racismo e preconceito racial existente na sociedade brasileira. Sabe-se que, com a implantação das sedes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB nos estados do nordeste do Brasil, Ceará e Bahia, a região tem recebido um relevante número de migrantes estudantes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor leste. O artigo foi aprovado para o I Colóquio Internacional de Pesquisas e Estudos Migratórios, na Universidade Estadual de Londrina - UEL, no Paraná. Nessa ocasião, apresentei a

---

<sup>2</sup>Associação dos Estudantes e Amigos da África-ASEA, partiu da iniciativa dos primeiros estudantes africanos da UNILAB/Bahia. Segundo o seu estatuto, é de caráter estudantil e científico, de direito privado, sem fins lucrativo, dotada de personalidade jurídica, com autonomias administrativas, financeira e patrimonial, objetivando pura e simplesmente representar os estudantes, membros e defender os seus interesses, da política educativa, na elaboração de legislação sobre o ensino e nas atividades de ação social escolar, finalmente, as ações visa a aproximação mais efetiva entre os membros integrantes na associação, em particular os estudantes africanos, estes com estatutos especial (estrangeirismo) no sentido de acompanhar seus cotidianos, no território brasileiro.

<sup>3</sup> O Coletivo de Mulheres Africanas-CMA, surge no *Campus* do Malês da UNILAB, em 16 de outubro de 2016, com o objetivo de discutir o feminismo, na perspectiva africana, bem como debater o racismo, machismo, estereótipos. Para tanto, o CMA realiza palestras em escolas estaduais, espaços públicos, organizam seminários, eventos para angariar recursos que irão financiar suas atividades. Entre estas, elas também se apoiam entre si, promovendo estudos, discutindo questões pessoais da vida cotidiana.

pesquisa iniciada há pouco tempo, os objetivos, a metodologia, assim como os autores, na época, estudados. A professora Líria Maria Bettiol Lanza, uma das organizadoras do evento, sugeriu alterações na metodologia, entre as quais a substituição de grupo focal por dinâmicas entre estudantes brasileiros e africanos, com o objetivo de entender a relação entre eles.

Em setembro de 2018, apresentei o trabalho no IX Encontro da ANPUH, realizado na UNEB, em Santo Antônio de Jesus/BA, sobre o CMA. Na ocasião o artigo apresentado pretendia verificar as experiências vividas pelas estudantes mulheres, oriundas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, em São Francisco do Conde, na Bahia e compreender o que as levaram a criar o Coletivo de Mulheres Africanas. Para dialogar com o tema foram explorados autores que abordam a temática do racismo, identidade e feminismo, entre eles a autora Maria Teresa Citeli, no texto “As Desmedidas da Vênus Negra”, que nos leva a compreender o surgimento do racismo, sexismo e machismo que permeia o universo da mulher negra e africana em território baiano e traz ao debate a questão de gênero e o conceito de feminismo para as mulheres brasileiras e africanas. Dessa forma, foi evidenciada a continuidade dos pensamentos e comportamentos colonialistas, ainda presentes no Brasil, especificamente em São Francisco do Conde, na Bahia, onde ocorrem situações que remetem à escravidão do povo negro, em especial do estereótipo criado em torno da mulher negra em três períodos: século XVI com a prática da escravidão; século XIX com a colonização recente na África e no Pós-Guerra, com a migração africana na Europa e nas Américas do século XXI.

Uma das professoras que coordenava a mesa fez comentários que ampliaram meu olhar para além do machismo proveniente dos homens brasileiros, considerando também os comportamentos machistas de homens do continente africano que se relacionavam com as mulheres de seus continentes, ambos estudantes da UNILAB/Bahia. Retornei para a UNILAB mais atenta a observar as relações entre os casais.

Em outubro de 2018, realizou-se o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros - COPENE, na Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Minas Gerais, ocasião em que apresentei um dos capítulos do projeto de pesquisa, intitulado: Cooperação Internacional Brasil-África Atende Quais Demandas? O trabalho apresentado se pretendia analisar os instrumentos de cooperação internacional por meio da UNILAB e questionava se os elementos do projeto de Cooperação Internacional entre o Brasil e os Países Africanos e um país da Ásia, membros da

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa-CPLP atendem às demandas dos estudantes, provenientes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, ao se depararem com espaço geográfico, cultura, idioma e identidade diferentes, além do desconhecimento das regras burocráticas e pedagógicas da universidade brasileira, a adaptação e integração ao meio social e acadêmico. Utilizando do recurso *power point*, mostrei imagens e explanei sobre a pesquisa, cujos tópicos apresentados foram: conceito de cooperação, a história da política externa brasileira, relação Brasil-África, ruptura e aproximação, o conceito de cooperação sul-sul, cooperação internacional Brasil-África. Para explicar sobre o interesse de ambas as partes citei um comentário do professor Kabengele Munanga:

Não existem relações comerciais ou outras formas de cooperação ou de intercâmbio divorciadas dos interesses. Os interesses existem de ambos os lados, tanto do Brasil como dos países africanos, mas se misturam com os sentimentos de solidariedade e de respeito mútuo. (MUNANGA, 2018, p.16).

Para falar sobre a UNILAB, como instrumento de cooperação Brasil-África, apoiei-me no prof. Kabengele, para explicar sobre o princípio de cooperação solidária, baseado no conhecimento mútuo entre brasileiros e africanos. Como estabelecer relações diplomáticas e de cooperação com países que o Brasil não conhece ou mal conhece através da imprensa ocidental? Daí a necessidade de se desenvolverem no Brasil os estudos sobre a África, principalmente a África subsaariana, de onde foram deportados os antepassados dos afrodescendentes. Munanga ressalta que é a partir do século XXI, com as reivindicações das entidades e organizações do Movimento Negro, que o Brasil promulga a Lei nº 10.639/2003 e mais tarde a Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos ensinos fundamental e médio. Citei também uma passagem do texto de Saraiva:

Para que um novo entendimento, relativo ao legado científico e tecnológico da população negra, seja difundido, é necessária uma nova cultura epistemológica, que pode ser entendida como uma grande rede, que define categorias que serão compartilhadas por meio de códigos fundamentais e que envolvem percepções, palavras e declarações entre uma pessoa e um determinado grupo (SILVA, 2016).

Finalizei a apresentação com informações sobre a criação da UNILAB, o número de estudantes formados nos *campi* da Bahia e do Ceará e as referências que foram utilizadas.

Em novembro de 2018, realizei um dos meus grandes sonhos, que foi pisar em solo do continente africano. O meu artigo foi selecionado para apresentar na Conferência Internacional

em Cabo Verde. Quando recebi o resultado da seleção, ainda estava em Uberlândia, naquele momento senti alegria e tristeza ao mesmo tempo. Alegria por ter sido selecionada, e tristeza porque não sabia como conseguiria recursos que viabilizassem a minha viagem. Contudo, não desisti, movimetei ações (rifa, doações voluntárias etc.), para angariar recursos e o dinheiro que precisava e através da plataforma chamada *Couchsurfing*, onde sou cadastrada já há alguns anos, para receber viajantes de toda parte do mundo, gratuitamente, na minha casa, recorri para solicitar vagas de hospedagens em todas as vezes que me desloquei, em 2018, para apresentar trabalhos acadêmicos, relacionados à minha pesquisa. Por meio desse site conheci uma linda família cabo-verdiana que me hospedou por 15 dias em sua casa.

Um dia após a minha chegada ao país, juntamente com outros pesquisadores, professores e estudantes, da UNILAB, UNEB, da Espanha e Portugal, fomos gentilmente agraciados pelas visitas guiadas e acompanhados por um dos organizadores do evento, Prof. Nardi, à Cidade Velha<sup>4</sup>, ao Campo de Concentração do Tarrafal<sup>5</sup>, entre outros locais pelos quais passamos, onde foi possível conhecer um pouco da história do país.

Nos três dias que se seguiram, foi realizada a Conferência Internacional sobre Cultura, Diáspora e Desafios Emancipatórios para África Contemporânea, na Universidade de Santiago - US, localizada na cidade de Assomada. Na ocasião apresentei meu trabalho e iniciei a apresentação em crioulo cabo-verdiano, fazendo a saudação aos meus e nossos parentes e ancestrais, fiz uma breve apresentação da minha pesquisa e o que motivou a escrever o projeto, apresentei o programa de mestrado da UFRB e em seguida debrucei-me na compreensão do que levaram as alunas oriundas dos PALOP a criar o CMA. Para dialogar com o tema foram exploradas as mesmas autoras que apresentei na ANPUH e, por fim, os resultados alcançados pelo CMA, através de diversas intervenções dentro e fora da UNILAB, entre outros desafios, a exemplo da aluna cabo-verdiana e, na época, também coordenadora do coletivo, que precisou deixar o seu filho para vir estudar em São Francisco do Conde.

---

<sup>4</sup> Chamada de Ribeira Grande de Santiago, quando os portugueses chegaram a ilha por volta de 1460, foi a primeira capital de Cabo Verde, está a 12km a oeste da Praia, atual capital do país, na costa.

<sup>5</sup> Foi criado em 1936, pelo Decreto 26:539 de 23 de abril de 1936, no âmbito da reorganização dos serviços prisionais, e destinava-se aos presos políticos e sociais.

**Figura 1:** Apresentação do trabalho  
Universidade de Santiago, Cabo Verde, 20/11/2018



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

**Figura 2:** Mesa sobre Cultura, filosofia, sociedades africanas e diaspóricas: Gênero e Raça.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Aproveitando a oportunidade de estar em um dos países PALOP, entrevistei as famílias de quatro estudantes cabo-verdianos. A primeira foi Diva, irmã de Dairine e Michel. Sentamos em uma mesa de bar, no bairro de Palmarejo, onde estava hospedada, mas continuamos a entrevista em Assomada, quando fui convidada pela família, para conhecer a festa tradicional da cidade. Ficamos hospedados na casa de parentes, com eles fui conhecer outra parte dessa família que vivia em um povoado chama Polon<sup>6</sup>, cujo local levava o nome de uma grande árvore centenária também chamada de Baobá, com uma beleza incomum e uma energia inexplicável.

<sup>6</sup>Essa árvore mítica e solitária da savana africana faz parte da família das *bombacáceas* (palavra derivada de bomba, uma linguagem falada e oficializada na Guiné Equatorial). Esse nome, contudo, muda de acordo com a língua de cada país. Em Angola e Moçambique, o baobá se chama imbondeiro; e, na Guiné-Bissau, denomina-se *pólon*. (VAINSENER, Recife 2003).

**Figura 3:** Árvore de Polón, 23/11/2018



Fonte: Arquivo pessoal 2018

O Baobá (Polón) além da sua exuberante beleza, é uma árvore que traz um grande significado cultural e espiritual para os povos africanos, como descreve Cheik Anta Diop, em seu livro “A Origem Africana da Civilização. Mito ou Realidade”. O autor relembra a sua infância, quando retorna ao pé do baobá, contudo ficou desapontado porque quase não reconhecia os sinais, já encobertos pela casca, mas que antes eram mais nítidos para identificar. Até que passam um menino e uma menina, conforme relata o autor:

Eles ajudaram a localizar os sinais que, por uma questão de fato, são enigmas, ideogramas: uma chaleira, uma espada, uma pele de cobra, uma pata de camelo, um colar de contas de oração, e assim por diante, memorando a visita de um grande líder religioso dos anos passados, presumidamente, o Profeta.

Segundo Diop, os sinais e os seus significados ainda não estão perdidos. Portanto, a história permanece viva, tanto nos lugares, como nas pessoas, principalmente naquelas que guardam consigo as suas tradições.

De forma mágica e natural me integrei as pessoas de Polón, que me fizeram sentir, verdadeiramente, em família. Ajudei as mulheres a preparar a alimentação durante o dia, para à noite receberem familiares, amigos, passantes, porque era festa na cidade de Assomada.

**Figura 4:**Cozinhando com a família 23/11/2018.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

**Figura 5:** Cozinha da avó Joana Andrade.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Antes de chegar a Assomada, passei algumas horas em São Lourenço dos Órgãos, onde residem as famílias de Sônia e Eduardo, aluna e aluno, respectivamente, da UNILAB, para entrevistar os seus pais, saber o que pensavam sobre sua filha e seu filho, estudarem no Brasil,

qual o sentimento diante dessa experiência. Para compreender esse método utilizado, Macedo salienta,

[...] a tarefa do estudo científico deve, acima de tudo, levantar compreensivamente o véu que cobre a área ou a vida das pessoas e dos grupos que alguém se propõe a estudar. Isto só pode ser efetuado mediante uma aproximação com a área, e de uma escavação profunda através de um estudo cuidadoso (MACEDO, 2004 *apud* HAGUETTE, 1987).

A primeira entrevista foi na casa de Sônia, com a mãe, que havia tido AVC alguns meses antes da minha visita e ficou com sequelas, ainda fazendo fisioterapia. Sônia não pode viajar para ver a mãe quando ocorreu esse incidente, por questões financeiras, mantendo contato com a família a distância, e somente na ocasião em que eu estava lá foi quando ela também pode ir abraçar os seus. Fato que fez lembrar-me da doença, em seguida a morte da minha mãe, quando eu morava na Itália.

A visita, além de oportunizar esse diálogo, descontraído e informal, também foi importante para conhecer o local de onde vêm e um pouco da história desses alunos. Também escutei o pai de Sônia e conheci as irmãs e um irmão, uma delas nos acolheu quando desembarcamos, primeiro, na Ilha do Sal, nos levou à sua casa onde vivia e dividia com outros jovens que estavam ali para trabalhar. Ela nos forneceu alimento, banho e foi a nossa anfitriã para conhecer a cidade, comprar chip para o celular, nos levou também em lugares turísticos, como a praia de Santa Maria. As entrevistas com os pais de Sônia e de Eduardo foram filmadas, que compôs uma parte do vídeo produzido após o meu retorno ao Brasil. Em São Lourenço de Órgãos conheci na casa de Sônia o prato típico, muito usado na ilha de Santiago, o *katxupa*. Depois segui para a casa de Eduardo, localizada na mesma rua, fui bem recebida pelos seus pais, que também me ofereceram almoço e para não fazer desfeita, almocei nas duas casas.

Naquele momento já aplicava o método Observação Participante, ao envolver-me na pesquisa e na vida dos pesquisados. Assim ressalta Macedo,

Entretanto, esta posição não pode ser unilateral, a população pesquisada tem que se envolver na pesquisa, de forma que pesquisadores e pesquisados formem um corpus interessado na busca do conhecimento: o conhecimento é gerado na prática participativa que a interação possibilita (MACEDO, 2004).

Além dos familiares dos alunos cabo-verdianos da UNILAB, também entrevistei outras pessoas que conheci em Polón, senhores e senhoras de muito conhecimento, valorizando a história oral, principalmente os relatos dos mais velhos. Foi para mim importante integrar-me para compreender essa cultura diferente e ao mesmo tempo ancestral, perceber o que nos aproxima e o que nos distancia. Contudo, não poderia deixar de ouvir a opinião dos representantes do governo de Cabo Verde. Faltavam dois dias para o meu retorno ao Brasil e eu precisava conseguir uma pauta, tanto no MRE, quanto no Ministério da Educação. Alguns dias antes o dono da casa onde eu estava hospedada havia tentado, através de seus contatos, agendar um horário no ME, mas sem sucesso. Também o professor Nardi, da US, também tentou marcar com o chefe de gabinete do MRE. Como não havia mais tempo para aguardar respostas, eu aventurei ir diretamente ao MRE para falar com o chefe de gabinete. No primeiro dia não o encontrei, mas a secretária disse que eu poderia retornar para tentar no dia seguinte, que seria o dia anterior à minha viagem de retorno ao Brasil. Fui confiante de que o encontraria, mas ao chegar a secretária me informou que ele ainda não havia chegado e não sabia se iria, mas eu disse a ela que iria aguardá-lo. Passados alguns minutos, ele chega e depois pede a secretária para eu me dirigir até o seu gabinete. Ela pegou a minha identidade e me entregou um crachá, então subi às escadas e me dirigi à sua sala. Após acomodar-me, expliquei-lhe o motivo pelo qual eu estava ali, ele disse que não poderia conceder entrevista e veria se o ministro poderia me atender. Ao retornar com a resposta positiva do ministro, me informa também que eu só teria 15 minutos e me acompanhou à sala dele. O Min. Eduardo Silva me recebeu com muita atenção e gentileza, conversou comigo sobre diversos assuntos relacionados à política cabo-verdiana, lembrou da visita do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva ao seu país e mostrou a foto dele com o presidente de Cabo Verde, na época. Também dialogamos sobre mercado de trabalho, qualificação de mão-de-obra, acordos de cooperação acadêmica, entre outros assuntos relacionados ao país. O Min. Eduardo enfatizou a importância dos cursos de engenharia, energias renováveis, bem como na área de pesca e de agricultura para atender à demanda do mercado do país. Antes de finalizarmos a reunião, que se estendeu por 3 horas, ele entrou em contato diretamente com a responsável pelo setor de intercâmbio estudantil no ME, conseguindo agendar para o mesmo dia à tarde. Após o almoço me dirigi ao prédio do ME, localizado no Palácio do Governo, onde já me aguardavam a Sr<sup>a</sup> Maria Clarisse Monteiro Silva e o Sr. Odair Lima, cuja entrevista foi possível gravar.

A Sr<sup>a</sup> Maria Clarisse Monteiro Silva e o Sr. Odair Lima ressaltaram a deficiência da comunicação com a UNILAB, tendo em vista que não são informados do período de processo seletivo para os cursos de graduação, dificultando na divulgação junto às escolas de Ensino Médio. Entretanto, a UNILAB transmite, formalmente, todas as informações sobre o processo seletivo, para a Embaixada Brasileira, localizada na cidade da Praia, capital de Cabo Verde, que por sua vez tem o compromisso de dialogar com os órgãos governamentais cabo-verdianos. Os funcionários do ME consideram que o número reduzido de cabo-verdianos na UNILAB é devido à falha de comunicação e também ressaltam que o contato direto entre as duas instituições só aconteceu com a visita de uma comitiva do Brasil em Cabo Verde, mas que não houve mais nenhum contato, nem mesmo por parte desse mesmo ministério cabo-verdiano, e que nunca foram visitar as sedes da UNILAB no Brasil.

Muitos dos candidatos ficam sabendo do programa através da internet ou por meio de pessoas conhecidas que já estudam na UNILAB, por isso a Sra. Maria Clarisse enfatiza a importância do Ministério de Educação de Cabo Verde estar mais inteirado sobre o processo seletivo, para que possam divulgar por outros meios de comunicação, não se restringindo apenas à internet. O Sr. Odair lembrou a relação com os outros países, os quais têm parceria, no que se refere à cooperação acadêmica. Citou o exemplo da Hungria, e que eles conseguem acompanhar todo o processo, desde a seleção até a instalação dos estudantes no local de destino.

Durante as três semanas em Cabo Verde, além de realizar as entrevistas, também pude observar os resultados das concessões e acordos entre o governo de Cabo Verde e a China, pela marcante presença chinesa, principalmente, no comércio, seja com tecidos africanos e vestuários diversos, seja na pescaria, com equipamentos para realizar pesca de grande escala, bem como o impacto para os pescadores e marisqueiras tradicionais do local. A concorrência “desleal” tem levado os turistas e os próprios cabo-verdianos e outros povos do continente a preterirem os produtos das lojas chinesas, mesmo os tecidos africanos que os chineses vendem mais barato que na tradicional feira Sucupira.

Apesar disso, a parceria Cabo Verde–China tem sido uma forma de obter o distanciamento do imperialismo americano e da antiga metrópole (Portugal) e diversificar suas relações políticas e comerciais com uma das maiores potências mundial, atualmente, já que os chineses não se interferem na cultura e política local, chegando com outra proposta, a de levar tecnologia barata.

Não posso deixar de comentar o acolhimento recebido pela família cabo-verdiana que me hospedou com tanto amor em sua casa. Senti-me verdadeiramente em família! Mesmo cansada, ao chegar à casa deles, ainda encontrava disposição para brincar com as crianças, conversar com eles, jantarmos juntos. Foi realmente incrível a minha experiência em Cabo Verde! Se houvesse financiamento, valeria muito a pena visitar outros países PALOP, para poder ter uma visão mais completa da minha pesquisa, que não se resumiria na observação a partir dos relatos dos estudantes que já estão em S. F. C., mas em sentir e vivenciar as experiências de cada país de origem deles.

Ao retornar à Bahia, elaborei um questionário semiestruturado para entrevistar alunas e alunos cabo-verdianos da UNILAB. Assim foi possível estabelecer um recorte especial a esta nacionalidade, por ter tido a oportunidade de ir ao seu país. O trabalho deu origem a um livro, como produto exigido pelo programa de mestrado, que traz informações práticas para estudantes do ensino médio, principalmente, das zonas rurais. Tendo em vista que o acesso a internet é precário, um material que pode ser reproduzido impresso ajudará estes estudantes a darem os primeiros passos para a candidatura de uma vaga na graduação da UNILAB.

Assim foi elaborado um material cuidadosamente preparado com detalhes de informações, seja no aspecto visual, trazendo na capa o Pano de Terra na cor da bandeira cabo-verdiana e no interior o mesmo tecido da cor original em preto e branco. Para simbolizar a parceria com o Brasil, especificamente o nordeste brasileiro, foi também ilustrada, na parte interna do livro, a renda, que tem como ponto comum o pano de Cabo Verde, principalmente, a presença das mulheres, desde a produção ao uso.

A renda simboliza a expressão identitária, de forte relevância social e econômica, em uma prática liderada por mulheres nordestinas que surge pela necessidade de criar novas fontes de rendimento, em uma região seca com dificuldade na agricultura e onde a única renda provia da pesca. Contudo, o tecido ganha, também, espaços religiosos, nos indumentos utilizado dentro do Candomblé. Estas características do tecido de renda se assemelham ao Pano de Terra, que está sendo trazido nas bordas do livro, para representar a parceria Brasil – Cabo Verde. O pano de Cabo Verde possui importante valor cultural para o seu povo e ao contrário da renda do nordeste brasileiro, o pano foi introduzido, exclusivamente, pelos africanos vindo da costa da África. Segundo Amarante, no início o pano era confeccionado em quase todas as ilhas de Cabo Verde, povoadas, mas se concentrou nas ilhas de Santiago e Fogo. A atividade exerceu papel relevante

social e econômica na vida dos cabo-verdianos, que abastecia tanto o mercado externo quanto o local, de vital importância até o século XVIII. Em seu valor social destaca-se o uso para amortalhamento dos cadáveres, vestimenta de luto e manifestação de pesar e até como meio de comunicação à distância entre as pessoas do meio rural, para anunciar um acontecimento, receber uma criança, amarrar a criança nas costas. E usado predominantemente por mulheres, como símbolo de força, amarrado à cintura. O artefato, também é utilizado nas atividades culturais, religiosos e profanos, como atado a cintura para dançar o batuque.<sup>7</sup> Portanto, o pano de terra é um símbolo da identidade nacional cabo-verdiana, com grande valor histórico e cultural.

Os meus estudos no curso de mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas extrapolaram a academia, ao trazer-me para Cachoeira e oportunizar o contato com os/as cachoeiranos/as, podendo realizar a História Oral de D. Maria, que viveu o tempo que descia a ladeira da “cadeia” para pegar água na fonte do Carmo, atravessava a cidade com o navio Paraguaçu. Ela também se lembra da sua infância e juventude, de colher os frutos das árvores que dava para todas as pessoas, onde as terras não tinham cercas e muros. E ela ainda lembra: “Naquela época, não existia tanta maldade, tínhamos mais liberdade, as portas das casas não tinham trancas[...]” (D. MARIA 2018).

Também pude observar que Cachoeira ainda preserva, de forma muito explícita, a continuação de um pensamento e comportamento colonialista. A população considerada branca, ou melhor, de pele mais clara, pratica o racismo silencioso, cordial, conscientemente ou inconscientemente. Muito destes são proprietários dos sobrados, alguns transformados em atividades comerciais e estabelecem uma relação de senhoria com os seus empregados. Ouvi da senhora que trabalhava na limpeza e na cozinha a sua insatisfação por trabalhar muito e não ter sido devidamente registrada, contudo, revela que quando recebia um agrado, gorjetas, ovo da páscoa etc., calava-se e se dava por satisfeita. Assim como o tratamento que me foi dado, quando me hospedei, por mais de seis meses, em um casarão, onde pagava a mensalidade, era diferente dos outros hóspedes, o travesseiro, a roupa de cama, os pratos e talheres que eu podia usar. A sua justificativa era que eu como hóspede mensalista (que se hospedava por três a quatro noites durante a semana), os utensílios teriam que ser diferentes dos outros hóspedes. Para completar, o banheiro que eu usava e que deixava sempre limpo, antes de retornar à minha casa na quinta ou

---

<sup>7</sup> Batuque: dança tradicional cabo-verdiana, organizada em grupo, de quase sempre só mulheres, que em ritual preciso, forma um círculo em um cenário chamado *terreru* e uma mulher começa a dança amarrando um pano na cintura para “*dar ku tornó*”.

sexta-feira, sempre encontrava sujo, na semana seguinte que retornava, e ela passou exigir que eu limpasse todo o casarão, como se fosse a sua empregada e não hóspede que pagava pela sua hospedagem. As minhas exigências e imposições a incomodaram de tal ponto que a situação foi se agravando até que em junho de 2018 não retornei mais lá. Depois de dois meses comuniquei ao seu marido, com quem eu tratava dos assuntos burocráticos, que não retornaria mais ao hostel e expliquei o motivo. Este me respondeu, por escrito, na mensagem privada do Facebook, que eu estava confundindo com assistencialismo.

A desagradável experiência reforçou a minha preocupação com os/as estudantes provenientes do continente africano que vêm fazer a graduação no Brasil, mesmo a Bahia sendo considerada o estado mais negro do país, já que eu, brasileira, baiana, vivencio o racismo na minha pele. Entretanto, a diferença entre mim e muitos negros no Brasil, mesmo os do Recôncavo da Bahia, é que já estou consciente e percebo de forma mais rápida os atos de racismo praticados pelos considerados brancos, os quais insistem em manter vivo o colonialismo. É o que a autora Luciana Ballestrin vai chamar de colonialidade do poder, do saber e do ser.

Diante de todos esses pressupostos, o presente trabalho teve por objetivo analisar as experiências e história de vida de estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, no período de formação acadêmica. O estudo pretendeu, numa síntese, revelar as aproximações, os choques, os conflitos e as contradições presentes nas relações desses estudantes com o contexto social e político brasileiro que, a despeito de uma legislação antirracista, Lei nº 7.716/1989, é estruturado pelo racismo “a brasileiro”, pela invisibilização da África e igualmente pelo apagamento da herança africana nos espaços oficiais e imaginários nacional. O que comprova que a Lei antirracista não combate o racismo, ela foi criada para combater os comportamentos racistas. Só se combate racismo com a educação! Por esta razão é que foram criadas as Leis Federais: Lei nº 10. 639/2003<sup>8</sup> e mais tarde a Lei nº 11.645/2008<sup>9</sup>.

Junto a este relatório foi entregue um produto, material informativo o qual foi escolhido pela autora para apoiar os estudantes que chegam a São Francisco do Conde para estudar na

---

<sup>8</sup>Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências (BRASIL, 2018).

<sup>9</sup>Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2018).

UNILAB. Trata-se de um material exigido pelo programa de mestrado que deverá ser apresentado para o cumprimento de uma das exigências regimentais do curso de pós-graduação.

A pesquisa se justifica, porque, apesar dos programas de intercâmbios e acordos de Cooperação Internacional Brasil-África, os estudantes negros e negras, especialmente os/as provenientes do continente Africano, têm enfrentado desafios com o racismo, preconceito racial, machismo, sexismo, misoginia e xenofobia ainda existentes na sociedade brasileira. Relatos dos estudantes, principalmente os cabo-verdianos, aos quais dedico o recorte deste trabalho, farão compreender, mais adiante, tais experiências vivenciadas pelos/as primeiros/as que chegaram à cidade, em 2014. Isso dificulta sobremaneira a integração desse público no ambiente onde passa a viver e no meio acadêmico, como lembra o Prof. Alfa Oumar Diallo, em ocasião de um encontro na UNILAB para falar sobre a Nova Lei de Imigração: “Quando se integra um estudante estrangeiro, ele consegue estudar”. E ressalta: “O estrangeiro precisa se sentir-se integrado e acolhido” (DIALLO, 2018).

No que concerne ao espaço ou lugar onde foi realizada a pesquisa, considerou-se também a cidade na qual a UNILAB está sediada na Bahia, em São Francisco do Conde, no que tange à realidade brasileira, o Recôncavo da Bahia e Salvador, a capital do estado, são as portas ou os portais para as relações dialógicas de africanos com o contexto negro-diaspórico, como quadro de vida, presente na UNILAB e Região. No entanto, é importante estudar as experiências das/os estudantes PALOP, ao chegarem a São Francisco do Conde e se depararem com espaço geográfico, cultura, idioma<sup>10</sup>, identidade diferente, além do desconhecimento das regras burocráticas e pedagógicas da universidade brasileira, assim como a adaptação e integração ao meio social e acadêmico.

Metodologicamente este estudo se organiza em três partes: a primeira se baseia em fontes documentais e na multirreferencialidade<sup>11</sup> para a compreensão dos fenômenos das relações raciais no Brasil, priorizando autores africanos como Professor Kabengele Munanga, Bas’lele Malomalo, Ecilio Langa, a segunda parte no estudo de campo, baseado nas fontes orais, com coletas de dados, compondo um discurso vivo dos estudantes PALOP e brasileiros da UNILAB. Roberto Sidnei Macedo explica: “Numa pesquisa, a entrevista ultrapassa a simples função de fornecimento de dados no sentido positivista do termo” (MACEDO, 2004 p. 164). Já que a

<sup>10</sup> Muitos estudantes relatam a dificuldade de compreender o português falado pelos brasileiros.

<sup>11</sup> Conjugação de várias abordagens, disciplinas diversas, que descartam o positivismo como a ciências do fundamento epistemológico.

perspectiva positivista, como explica João Batista Martins, separa o pesquisador do objeto/sujeito de estudo, considera como fontes de erros a subjetividade e a afetividade, supervalorizando o método e desprezando a teoria e a interpretação, visão instrumentalista do conhecimento. Acredita que o empreendimento científico seja algo neutro e objetivo, considera o método científico de forma monolítica, ou seja, o método de investigação é o mesmo para todas as ciências e os objetivos da ciência seriam a descrição imparcial. Contrariando o pensamento positivista, a perspectiva mutirreferencial traz uma nova abordagem,

A perspectiva mutirreferencial propõe, por sua vez, abordar as questões anteriores tendo como objetivo estabelecer um novo “olhar” sobre o “humano”, mais plural, a partir da conjugação de várias correntes teóricas, o que se desdobra em nova perspectiva epistemológica na construção do conhecimento sobre os fenômenos sociais, principalmente os educativos (MARTINS, 2004 p. 86).

Para atingir a meta, o quadro a seguir apresentará o percurso realizado:

<b>METAS</b>	<b>Junho 2017</b>	<b>Julho 2017</b>	<b>Ag. 2017</b>	<b>Set. 2017</b>	<b>Out. 2017</b>	<b>Nov. 2017</b>	<b>Dez. 2017</b>			
Escrita da carta de intenção e candidatura para aluna especial	X									
Resultado seleção aluna especial		X								
Início das aulas			X							
Candidatura vaga aluno regular					X					
Prova de seleção aluno regular						X				
Entrevista							X			
Resultado seleção aluno regular							X			
	<b>Março 2018</b>	<b>Abril 2018</b>	<b>Maió 2018</b>	<b>Jun. 2018</b>	<b>Jul. 2018</b>	<b>Ag. 2018</b>	<b>Set. 2018</b>	<b>Out. 2018</b>	<b>Nov. 2018</b>	<b>Dez. 2018</b>
Cumprimento dos créditos	X	X	X	X			X	X	X	X
Apresentação no I Colóquio Internacional de Pesquisa e Estudos Migratórios, na UEL, em Londrina/PR		X								
Apresentação IX Encontro Estadual de História da ANPUH, em Santo Antônio de Jesus/BA							X			
Apresentação no X Congresso Brasileiro de Pesquisador@s Negr@s, COPENE, na UFU, em Uberlândia/MG								X		

Apresentação na I Conferência Internacional – Cultura, Diáspora e Desafios Emancipatórios para a África Contemporânea, na US, em Praia/Cabo Verde									X	
Estágio docente (tirocínio) na UNILAB, sob supervisão da Profª Drª Maria Claudia C. Ferreira									X	X
	<b>Jan. 2019</b>	<b>Marc. 2019</b>	<b>Abril 2019</b>	<b>Mai 2019</b>	<b>Jun. 2019</b>	<b>Jul. 2019</b>	<b>Ag. 2019</b>	<b>Set. 2019</b>	<b>Out. 2019</b>	<b>Mai 2020</b>
Estágio docente (tirocínio) na UNILAB, sob supervisão da Profª Drª Maria Claudia C. Ferreira	X	X	X							
Entrevista a assistente social da UNILAB		X								
Entrevista o psicólogo da UNILAB		X								
Entrevista pessoas do Programa de Assistência Estudantil – PAES			X							
Entrevista a população local		X	X							
Qualificação							X			
Construção da cartilha				X	X	X	X	X	X	
Elaboração do relatório final					X	X	X	X	X	
Envio da documentação para marcar defesa										X
Defesa										X

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O trabalho ora apresentado realizou escutas sensíveis dos estudantes PALOP da UNILAB, com ênfase aos cabo-verdianos, desde a sua motivação para sair do seu território, até a chegada e

instalação na cidade de São Francisco do Conde, Bahia, bem como a inserção destes na sociedade baiana. Tratou-se, portanto, de uma pesquisa de cunho qualitativo, que pôde ser utilizada como técnica a observação participante, com base no etnométodo<sup>12</sup>. Mergulhei no campo de pesquisa, convivendo com alguns dos estudantes, a exemplo as noites que dormi na casa de Dairine e ela na minha casa, momentos que oportunizaram entrevistas não planejadas. Explica Roberto Sidnei: “Comumente com uma estrutura aberta e flexível, a entrevista pode começar numa situação de total imprevisibilidade, em meio a uma observação ou em contatos fortuitos com participantes” (MACEDO, 2004 p. 164).

Na convivência, pude também lembrar as minhas experiências, como estudante estrangeira e imigrante na Itália, sentir a dor de saber que seu ente querido, como a minha mãe, estava doente e só poderia chegar para o funeral dela. Observei experiências como a minha nos/as estudantes PALOP da UNILAB, de não terem dinheiro para pegar um voo e ir visitar a família.

Entretanto, a pesquisa foi realizada, através de um estudo de caso, no qual foram aplicados questionários semiestruturados, na coleta de dados e entrevistas para a construção do livro e seu anexo, valorizando a fonte oral, considerando a multiplicidade cultural de cada aluno e aluna. Para tanto, a ocasião do tirocínio realizado, dentro do campo de pesquisa, com uma turma de Bacharelado em Humanidades – BHU proporcionou-me observações de uma linguagem para além da oralidade. Nesse contexto baseio-me no autor Macedo: “Há toda uma gama de gestos e expressões densas de conteúdos indexais importantes para a compreensão das práticas cotidianas” (MACEDO, 20014 p. 164).

Ao realizar uma escuta com alguns jovens, estudantes, oriundas/os dos PALOP, revelaram-se percepções diferentes de estigmas e estereótipos nas relações com homens brasileiros e mulheres brasileiras. Através dos depoimentos orais, foi possível perceber as diversas reações e relações, de um/a guineense, angolano/a, moçambicano/a, cabo-verdiano/a, são-tomense, considerando também a diversidade cultural de cada país e suas tradições, para entender como cada aluno/a lida com as experiências encontradas, a partir da especificidade de cada um/uma para não caímos, como de costume, na generalização. Como ressalta o mestre da tradição oral africana, Amadou Hampâté Bâ, em seu livro *O menino Fula*: “Quando se fala da

---

<sup>12</sup> A etnometodologia surge na década 1960, nos EUA com o pensamento de Harold Garfinkel, continua na França com Alain Coulon, em 1970, se difundindo nas universidades francesas nas décadas de 1980 e 1990. Baseada na pesquisa compreensiva das práticas dos atores em suas atividades cotidianas.

“tradição africana”, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias [...]” (BÂ, 2003). Contudo, o historiador, antropólogo, físico e político senegalês Cheikh Anta Diop ao estudar as origens da raça humana e cultura africana pré-colonial, defendeu que havia uma continuidade cultural partilhada entre os povos africanos que era mais importante do que o desenvolvimento variado de diferentes grupos étnicos demonstrado pelas diferenças entre línguas e culturas ao longo do tempo. O pensamento diopiano, foi a base para o pensamento afrocêntrico<sup>13</sup>, liderado por Molefi Kete Asante e Ama Mazama.

Rita Dias e Claudio Orlando fazem referência a Pollak, ao dizer que através do trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros. Tal pensamento é seguido por Boaventura Santos, para falar do indivíduo e sua subjetividade. O autor parafraseia Clausewitz, ao dizer que “todo conhecimento emancipatório é autoconhecimento”. (ALVES; NASCIMENTO, 2016 p. 24 *apud* SANTOS 2002 p. 83). Para entender a complexidade das relações raciais no Brasil de hoje, é necessário ir além da objetividade de um problema estrutural histórico, por não conseguir esgotar todas as respostas. Para tanto, trago aqui o conceito de memória: "As memórias relacionam-se a processos de subjetivação complexos, que incluem sensações e imagens mentais, eventos públicos, situações vivenciadas e compartilhadas, e que se ancoram em espaços, grupos, objetos." (ALVES; NASCIMENTO, 2016).

Dessa forma, a construção de um livro e de um material informativo para contribuir com os instrumentos que facilitem o acolhimento e a integração dos estudantes na universidade e na sociedade brasileira possibilitou informações prévias, para os/as estudantes que ainda estão em seus países de origem e pretendem vir ao Brasil para estudar. O produto contém roteiro para regularização da documentação, relatos de experiências. A ferramenta ficou aberta para contribuições dos/as estudantes e candidatos, antes da sua edição final e distribuição, inicialmente em Cabo Verde. O livro traz relatos de estudantes do período de 2014 a 2018, contendo informações das experiências vividas pelos primeiros estudantes PALOP da UNILAB/Bahia. O informativo apresentado no final do livro traz reflexões dos/as estudantes dos países lusófonos

---

<sup>13</sup> O conceito de afrocentricidade foi cunhado e elaborado por Molefi Kete Asante (1980) e desenvolvido como paradigma de trabalho acadêmico no final do século XX (NASCIMENTO, 2009). “[...] Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuantes sobre a sua própria imagem cultura e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE).

africanos/as, como meio de informação e orientação antes e durante a vivência desses/as em São Francisco do Conde, na Bahia. Esse material oriundo de uma pesquisa tem a função de ser colaborativo e de acolhimento, contendo as informações necessárias para apoiar os estudantes, antes mesmo de suas candidaturas à seleção para obtenção da vaga em um dos cursos oferecidos pela UNILAB.

Todavia, a situação vivenciada pelo preto e pela preta estrangeira no Brasil decorre da deformação da mentalidade da sociedade brasileira, empenhada em manter o negro e os afrodescendentes em posições de inferioridade, tendo em vista que o ensino nas instituições brasileiras é acentuadamente eurocêntrico e marcado pelo desconhecimento sobre a África.

Observa-se que os acordos de cooperação Brasil-África e a integração dos pretos africanos em São Francisco do Conde, na Bahia, devem ir além de uma bolsa de estudo e da garantia de vagas nas universidades brasileiras, por não se tratar apenas de questões econômicas e políticas, mas, sobretudo, de uma análise socioantropológica.

## 1. PROCESSO HISTÓRICO

A presença de estudantes, provenientes do continente africano, na universidade brasileira, remonta ao final do século XIX, como demonstra a pesquisa de Santos (2020, p. 26), ao falar da trajetória de um retornado agudá<sup>14</sup> para a Bahia que, ao mesmo tempo que construía redes afetivas e políticas na cidade de Salvador, capital baiana, valorizava publicamente a sua identidade africana – ioruba. Maxwell Assumpção de Alakija, concluiu seus estudos, na então Faculdade Livre de Direito da Bahia<sup>15</sup>, em 1903, de acordo com as informações extraídas do Diário de Notícias, datado em 24/01/1905, p. 2, arquivado na Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Contudo, segundo as pesquisas realizadas por Müller e Silva (2016, p.56), a regulamentação do ingresso de jovens de países latino-americanos, caribenhos, se deu a partir de 1965, através do Programa Estudante de Convênio de Graduação - PEC-G. Sendo este o principal meio de ingresso de estudantes estrangeiros nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras.

---

<sup>14</sup> Descendentes dos traficantes brasileiros ou portugueses que se instalaram na região do Benin, Togo e Nigéria, ao longo dos séculos XVIII e XIX e dos africanos escravizados no Brasil que retornaram durante o século XIX.

<sup>15</sup> A faculdade foi fundada em 15 de abril de 1891. O termo “Livre” se justifica porque a Faculdade não estaria mais sob controle do Estado, como no período monárquico. Seus diretores, estatutos e programas curriculares, passaram a ser decididos pelo colegiado interno da instituição (SANTOS, 2020).

Vale dizer que, até a década de 1970, os estudantes do PEC-G eram oriundos especialmente dos países latino-americanos e somente após a independência dos últimos países da África que ainda eram colônias e após estabelecida a parceria com o Brasil, os estudantes dos países africanos começaram a participar do programa. O maior número de estudantes dos PALOP no PEC-G registrou-se na primeira década dos anos 2000, quando o Brasil recebeu mais 7.676 jovens como estudantes de graduação, e dentre estes 6.001 eram africanos, provenientes, principalmente, dos PALOP, 1.636 latino-americanos e 39 asiáticos. As autoras trazem os seguintes dados estatísticos: “De Angola vieram 583 estudantes, de Cabo Verde, 2.657, da Guiné Bissau, 1.336, de Moçambique, 191 e de São Tomé e Príncipe, 315” (MÜLLER; SILVA, 2016, p.56 *apud* BRASIL, 2014).

O Brasil é cenário de fluxos de povos originários dos diversos continentes, desde os povos deportados, através do tráfico humano, até os imigrantes espontâneos. Porém, a relativa estabilidade econômica do país, a partir do século XXI, foi fator atrativo de novos imigrantes estrangeiros que deixam seus países de origem por questões adversas, como desastres ambientais, guerras, crises financeiras, perspectiva de novos investimentos.

À medida que as regiões de economia central, como a Europa, cerram decisivamente suas fronteiras, crescem as migrações de povos provenientes de locais onde se agravam os problemas socioeconômicos e políticos, como a África. Entretanto, nem todos vêm fugindo de uma situação econômica negativa, existem aqueles que vêm para continuar os estudos através de programas de intercâmbio universitário, como o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), que oferece ensino superior gratuito a estudantes de países em desenvolvimento e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, instituição criada a partir de um acordo de cooperação entre o Brasil e os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos.

Outras políticas públicas voltadas para imigrantes em situação de vulnerabilidade estão sendo adotadas, como é o caso das cotas para refugiados e solicitantes de refúgio que foram concedidas pelo Conselho Universitário da Universidade Federal do ABC - UFABC, São Paulo, para os interessados em ingressar na graduação a partir de 2018. Segundo o reitor da UFABC, Klaus Capelle, a resolução reafirma que os direitos humanos, a educação e a ciência são valores universais da humanidade (ACNUR, 2017).

A conjuntura política mundial tem incentivado a migração intensiva de povos de uma região para outra, por diferentes motivos e em diversas condições. O Brasil está sendo um dos receptores de imigrantes e estudantes estrangeiros. A Bahia, ainda que em menor proporção que os outros estados, também vem registrando esse fluxo.

Com a implantação das sedes da UNILAB nos estados do nordeste do Brasil, Ceará e Bahia, a região tem recebido um relevante número de estudantes, especialmente os do continente africano, oriundos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e da Ásia, Timor-Leste. Contudo, essa migração temporária, incentivada por um acordo de cooperação internacional entre os Países de Língua Oficial Portuguesa– PALOP, requer um olhar cuidadoso para a forma como estes estão sendo inseridos no território de destino, o que, apesar de haver características de identidades próximas às suas, não deixa de ser uma cultura diferente.

De acordo com as estatísticas da UNESCO (UNILAB *apud* UNESCO, 2014), Portugal é o primeiro país com principal destino de estudantes dos países lusófonos, seguido pelo Brasil. São mais de três mil estudantes que chegam, anualmente, de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe para cursar o Ensino Superior no território brasileiro, sendo a maioria de origens angolana e guineense, enquanto os cabo-verdianos estão em quarto lugar. Entre diversas opções para fazer a graduação no Brasil, a mais comum é pelo PEC-G, por oferecer Ensino Superior gratuito a estudantes de países em desenvolvimento.

A partir do governo Lula, o Brasil intensificou a relação com os países em desenvolvimento, entre eles os países africanos, diversificando na sua estratégia global de política externa, por meio do acordo de Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento - CTPD ou Cooperação Sul-Sul. A cooperação acadêmica com os países africanos tem contribuído para a formação de técnicos capacitados para atuar no mercado e tem favorecido a geopolítica brasileira nesse continente, quebrando o paradigma da exploração que essa população vem sofrendo ao longo da história.

A criação da UNILAB é fruto dessa política de cooperação solidária, especialmente com os países africanos, para que os estudantes tivessem acesso a conhecimentos que contribuíssem para minimizar os problemas nas sociedades de origem. Entretanto, essa relação para o desenvolvimento local vai além de uma ajuda econômica, por envolver questões culturais e identitárias. Assim, existiriam possíveis dificuldades na integração dos imigrantes estudantes da UNILAB na sociedade baiana?

Vivemos no Brasil, um país com tantas desigualdades sociais, onde a nossa história nos revela que a origem desses problemas é decorrente da má política de inserção, principalmente de povos negros e seus descendentes no processo de desenvolvimento econômico brasileiro. A segregação racial e social, bem como a exclusão de um público específico no desenvolvimento econômico do país ao longo da história, gerou sérios problemas socioeconômicos na sociedade brasileira atual. Vale dizer, contudo, que o problema não se limita as questões econômicas e sociais, mas ao racismo, preconceito racial, xenofobia, ou seja, não basta serem negros, mas serem também oriundos do continente africano. Tal pensamento e comportamento estão impregnados na população brasileira, gerando grandes constrangimentos não apenas aos brasileiros negros, mas também aos negros africanos que chegam ao Brasil por diversos motivos.

A Associação de Estudantes e Amigos da África - ASEA e o Coletivo de Mulheres Africanas - CMA vêm promovendo ações, ao interno da UNILAB e na cidade de São Francisco do Conde, bem como as atividades sugeridas e realizadas pelos/as estudantes, de forma contínua envolvendo a comunidade local, como escolas e associações, contribuindo de forma indireta, para aplicação da Lei nº 10.639/2003, no que tange ao ensino da história dos países do continente africano e dos seus povos.

## 1. 1 UNILAB E A CIDADE DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

A Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB é fruto de um programa de cooperação internacional acadêmica, entre o Brasil e os países CPLP, parte da política externa brasileira, durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva. Em 2010 foi inaugurada a primeira sede, na cidade de Redenção, no Ceará; em 2014, o *Campus* dos Malês, em São Francisco do Conde, cidade localizada no histórico Recôncavo da Bahia. “A origem da palavra Recôncavo da Bahia ou Recôncavo, e não Recôncavo Baiano aparece na maioria dos documentos, até o terceiro quartil do século XX, e em letra minúscula, fazendo referência às terras em torno da Baía de Todos os Santos” (SANTANA *apud* BRANDÃO).

O Recôncavo é a região geográfica em formato de um arco que contorna a Baía de Todos os Santos, onde se constituiu um sistema geo-histórico. Hoje, formada por uma população pluriétnica e pluricultural, a região é rica também em diversidade de recursos naturais.

Jaciara Santana (2011) cita em sua dissertação que, historicamente, o Recôncavo é a soma das regiões da cana, fumo, mandioca, pequena pecuária leiteira e de produção de lenha, em torno da Baía de Todos os Santos e muito dependente de Salvador. O Recôncavo da Bahia é constituído, além de São Francisco do Conde, pelos seguintes municípios: Amargosa, Conceição do Almeida, Sapeaçu, Castro Alves, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Salinas da Margarida, Muniz Ferreira, Nazaré, São Felipe, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Muritiba, Cachoeira, São Felix, Maragogipe, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro, Saubara, Conceição do Jacuípe, Terra Nova, Amélia Rodrigues, Teodoro Sampaio, Candeias, Conceição da Feira, Simões Filho, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passe, Camamu, Ituberá e Valença, conforme demonstrado no mapa seguinte:

**Figura 6:** Mapa de São Francisco do Conde e demais cidades do Recôncavo



Fonte: Google Maps, em 09/07/2019.

Segundo a pesquisa realizada em 2011, por Jaciara, São Francisco do Conde é a cidade com maior PIB *per capita* do país, divulgado pelo IBGE em 2008. Tal fato destoa dos dados alarmantes de miséria e pobreza ali existentes, mesmo a cidade tendo em seu território uma refinaria de petróleo e concentrando outros empreendimentos de grande porte.

A então prefeita, Rilza Valentim, afirmou que

[...] a proposta de implantação da UNILAB em São Francisco do Conde não se constitui em uma ação isolada diante de uma oportunidade determinada apenas por agentes externos ao município, mas resulta do respeito a um roteiro estabelecido anteriormente

por uma comunidade que por meio de suas lideranças políticas decidiu escrever uma nova página da sua secular história [...] (VALENTIM, UFBA 2010).

**Figura 7:** Vista panorâmica da orla marítima de São Francisco do Conde



Fonte: SANTANA, 2011.

**Figura 8:** *Campus* dos Malês



Fonte: UNILAB - Crédito: Arquivo Assecom

A universidade é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação da República Federativa do Brasil. No *Campus* dos Malês são oferecidos os cursos de graduação presencial: Bacharelado em Humanidades – BHU; Letras – Língua Portuguesa; Bacharelado em Relações Internacionais; Licenciatura em Ciências Sociais; Licenciatura em História; Licenciatura em Pedagogia; curso **Graduação (Modalidade a Distância):** Administração Pública (Bacharelado); Cursos de **Pós-Graduação Lato Sensu Especialização (Modalidade a Distância)** Gestão Pública; Gestão Pública Municipal; Gestão em Saúde; Especialização em Gestão de Recursos Hídricos, Ambientais e Energéticos, Especialização em Saúde da Família.

## 1.2 DA CANDIDATURA À INSTALAÇÃO DE ESTUDANTES AFRICANOS/AS NA BAHIA

Para obter informações sobre as experiências dos/as estudantes PALOP –desde a candidatura até as suas instalações na cidade de São Francisco do Conde, foram realizadas entrevistas com estudantes integrantes Amigos da África, com a assistente social Leila e com os próprios estudantes. Além dos cabo-verdianos, foram entrevistados angolanos e guineenses. As minhas entrevistas também se estenderam para a Pró-Reitoria de Relações Institucionais, na pessoa do Pró-Reitor Prof. Dr. Max César de Araújo, para saber sobre a redução de estudantes

africanos selecionados nos últimos anos (2018 – 2019). Este solicitou a mim que eu escrevesse para a secretaria da pro-reitoria, que, por sua vez, respondeu a todas as minhas perguntas.

A maioria desses estudantes toma conhecimento da UNILAB por meio de parentes e/ou amigos/as que já estudam nessa universidade e que os informam do período de abertura do Edital para o processo seletivo. Eles têm em média um mês para fazer a inscrição online, anexando os documentos solicitados, conforme Edital, histórico escolar, entre outros documentos requisitados.

Durante a pesquisa foram evidenciado entraves quanto ao preenchimento no sistema eletrônico para efetivar a inscrição, que é a primeira fase de avaliação dos estudantes. Por exemplo, os cabo-verdianos têm como critério de avaliação de desempenho: Insuficiente (INS): 0 – 9,5; Suficiente (SUF): 9,5 – 14,99; Bom: 15 – 16,99; e Muito bom 17 – 20. Contudo, este problema já foi solucionado para a seleção de 2020.

### **1.2.1 Chegada**

O Programa de Assistência ao Estudante (PAES), no Ceará, administrado pelas coordenações da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis – PROPAAE, envia uma carta de aceite para as embaixadas de cada estudante aprovado no processo seletivo. Em seguida envia para o Programa de Acolhimento e Integração ao Estudante (PAIE), na Bahia, a lista de estudantes que selecionados para o *Campus* dos Malês.

A UNILAB organiza a logística para o recebimento de grupos de estudantes estrangeiros no Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães, em Salvador, capital do Estado da Bahia. É enviado um representante designado pela instituição para recebê-los (UNILAB, 2014.1). É realizada uma seleção de tutores, composto por estudantes veteranos estrangeiros e brasileiros, que irão acompanhar os novos estudantes, já selecionados, ainda seus países de origens até a instalação destes que até o ano de 2016, os estudantes ficavam em hotéis na cidade, contatados pela universidade, durante os dois a três meses, até o recebimento do auxílio e serem acolhidos pelo Programa de Acolhimento e Integração ao Estudante (PAIE) e acompanhados pelos tutores. Contudo, a partir do governo Temer e a mudança orçamentária, foi impossibilitada a hospedagem destes em hotel. Prontamente a universidade criou o programa Pró-Acolher, pelo qual os estudantes veteranos interessados se inscrevem, passam por uma seleção para acolher um novo estudante, estrangeiro, em sua casa. O processo seletivo de estudante acolher/a é executado

pela Seção de Acolhimento e Acompanhamento - SAAC/CSAA/PROINST (Ceará) e da Seção de Políticas Estudantis (SEPE - Bahia), em parceria com a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAAE), a Pró-Reitoria de Relações Institucionais (PROINST), a Coordenação de Políticas Estudantis (COEST) e os tutores do PAIE. Após aprovados o/a acolhedor/a para a receber uma ajuda de custo no valor de R\$ 600,00, dividido em 3 parcelas de R\$ 200,00, por estudante acolhido, ou seja em três meses, período considerado, para que os trâmites administrativos sejam concluídos e os novos estudantes passem a receber a bolsa de auxílio – no valor de R\$ 530,00 (auxílio moradia = 380,00, alimentação = 150,00) – e optem por buscar outra moradia ou permanecer na mesma, para dividir as despesas com os/as colegas, também recebem auxílio instalação no valor de R\$ 380,00, em única cota, quando chegam, para a compra de mobília para a casa onde irão morar. O programa Pró-Acolher não estabelece número mínimo de acolhido por residência, será o acolhedor/a informar quantos poderá receber em sua casa. Geralmente o acolhedor/a da preferência em receber estudantes que são seus conhecidos/parentes ou que se identificam culturalmente.

Os primeiros estudantes a chegar no *Campus* dos Malês, em 2014/2015, passaram por dificuldades, porque o *Campus*, recém instalado na cidade, ainda estava se organizando, não podendo oferecer o serviço social, psicológico, de saúde, tendo que vincular-se aos serviços do município. Segundo informações da atual assistente social, servidora da instituição desde 2014, Leila (2019), com uma equipe multidisciplinar montada e Programa de Assistência Estudantil, assim que recebem a lista dos estudantes que deverão chegar, começam a traçar as suas atividades, entre eles, o Seminário de Ambientação Acadêmica - Samba promove acolhimento dos estudantes brasileiros e internacionais, através de atividades culturais e informativas que são realizadas antes de iniciarem as aulas, para introduzirem à vida acadêmica da Unilab.

### **1.2.2 Saúde**

Logo quando chegam, no primeiro dia útil após suas chegadas, os estudantes são acompanhados ou orientados pelos tutores ao serviço médico da universidade, para passarem por uma triagem com o enfermeiro/a e técnico/a de enfermagem) e a consulta com a/o médica/o para receberem as solicitações de exames e serem encaminhados para o serviço de saúde do

município. Ainda no aeroporto, caso o estudante apresente algum problema de saúde, é encaminhado para o serviço de saúde do próprio aeroporto.

Após a obtenção do CPF e do RNE, o/a estudante também deverá fazer o cartão do Sistema Único de Saúde – SUS para atendimentos e procedimentos nos hospitais e postos de saúde pública brasileira.

Logo quando chegam, no primeiro dia útil após a chegada, os estudantes são acompanhados ou orientados pelos tutores para o serviço médico da universidade, a fim de passarem por uma triagem com o enfermeiro/a e técnico/a de enfermagem, seguido da consulta com a/o médica/o, tempo em que recebem as solicitações de exames a serem encaminhados ao serviço de saúde do município. Ainda no aeroporto, caso o estudante apresente algum problema de saúde, é encaminhado para o serviço de saúde do próprio aeroporto.

Após a obtenção do CPF e do RNE, o/a estudante também deverá fazer o cartão do Sistema Único de Saúde – SUS para atendimentos e procedimentos nos hospitais e postos de saúde públicos do Brasil.

Contudo, tais documentos não garantem atendimento no tempo necessário, assim como para os brasileiros. Isso dependerá da disponibilidade de vagas, devendo o estudante se deslocar para outra cidade mais próxima, quando preciso.

Em caso de adoecimento mais grave ou do falecimento de um estudante, o programa de cooperação acadêmica internacional entre o Brasil e os países da CPLP, não garante o custeamento (passagens aéreas etc.), para que um familiar possa viajar até o Brasil. Da mesma forma, se um estudante necessitar retornar ao seu país de origem para visitar um familiar ou ir a um funeral, não tem a garantia de despesas cobertas.

Experiências como estas ocorrem com frequência, estimulando a uma revisão no programa de cooperação, tendo em vista ser necessário considerar que os sujeitos beneficiários ou beneficentes do programa são pessoas dotadas de sentimentos e emoções e não são máquinas.

## 2. COOPERAÇÃO INTERNACIONAL BRASIL – ÁFRICA

Além dos interesses comerciais, a nova política externa brasileira do governo de Jânio Quadros, em dezembro de 1960, toma outro formato, com pioneirismo do então presidente da república, ao nomear o diplomata negro brasileiro, Raymundo de Souza Dantas, para chefiar a primeira embaixada brasileira no continente africano. Nos anos seguintes, novas relações entre o Brasil e a África foram estabelecidas com a independência tardia dos países africanos colônias de Portugal (Guiné Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique), em 1973-1975, com base no parentesco linguístico.

Com a ascensão dos países considerados periféricos no cenário internacional, reforçaram-se as relações chamadas Sul-Sul, que deram origem à Cooperação para o Desenvolvimento, em um mundo ainda desigual. O Brasil, por se destacar no cenário internacional, atuou como protagonista especial, ao diversificar o sistema internacional de cooperação, pautado nos princípios, modelos e práticas, que derivaram das suas experiências históricas de país colonizado e explorado.

A Cooperação Sul-Sul<sup>16</sup> (CSS) se caracteriza pela horizontalidade nas suas relações, no apoio ao desenvolvimento, na criação ou fortalecimento dos laços políticos, econômico, culturais e o Brasil defende os princípios da solidariedade e o respeito à soberania, principalmente com os países africanos. Entretanto, importante considerar a estratégia política do Brasil em buscar novos mercados para vender seus produtos manufaturados e comprar matérias primas de outros países, oferecer serviços e produtos de sua tecnologia. Segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2018), os países africanos ainda com as suas soberanias ameaçadas, desejam se distanciarem das suas antigas metrópoles, assim como o Brasil tem interesses de estabelecer novas parcerias comerciais num contexto multilateral, em detrimento as relações bilaterais<sup>17</sup>.

Segundo Munanga, as contribuições histórico-culturais que os países da África deram ao Brasil legitimam a história das relações África-Brasil e ressalta: “Creio que os dirigentes brasileiros de hoje (período do governo de Dilma) entendem a necessidade de construir novas

---

<sup>16</sup> Modalidade de Cooperação Técnica Internacional, estabelecida entre países em desenvolvimento, que compartilham de experiências e desafios semelhantes.

<sup>17</sup> Ressalva-se que a consideração do Prof. Dr. Kabengele Munanga foi realizada durante os anos de governo petista (2003 – 2016). Contudo a publicação na revista Olhares Social se deu em 2018.

relações com os países africanos divorciadas das relações coloniais caracterizadas pelo tráfico e pela escravidão” (MUNANGA, 2018, p. 15).

O antropólogo ainda ressalta:

[...] continuo a acreditar que o Brasil tem condições para estabelecer relações de comércio e de cooperação diferenciadas com os países africanos. Essas relações diferenciadas seriam fundamentadas como já disse no cimento histórico-cultural; nas características do ecossistema brasileiro semelhante ao africano em termo do solo, do subsolo, da fauna e da flora a partir dos quais o Brasil desenvolveu e desenvolve pesquisas científicas, técnicas agrícolas e inovações no domínio da mineralogia e da agropecuária que seriam muito bem absorvidas pelos países africanos em nome dessas semelhanças. Também em nome dessas aproximações dos ecossistemas, as pesquisas realizadas na farmacopeia da flora brasileira podem muito bem, no contexto da cooperação técnico-científica, ser mais bem aproveitadas pelos países africanos do que as pesquisas feitas nos países do hemisfério norte, cujo ecossistema é completamente diferente. (MUNANGA, 2018).

As contribuições dos africanos e seus descendentes de ordens econômica, demográfica, cultural e política, foram decisivas para a formação do Brasil. No entanto, apesar de a cultura negra do país se fazer presente no cotidiano dos brasileiros, esta não integra o sistema educacional nacional.

É a partir do século XXI, com as reivindicações das entidades e organizações do Movimento Negro, que o Brasil promulga a Lei nº 10.639/2003 e mais tarde a Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no ensino fundamental e médio. Sobre isso, afirma Silva (2016):

Para que um novo entendimento, relativo ao legado científico e tecnológico da população negra, seja difundido, é necessária uma nova “cultura epistemológica”, que pode ser entendida como uma grande rede, que define categorias que serão compartilhadas por meio de códigos fundamentais e que envolvem percepções, palavras e declarações entre uma pessoa e um determinado grupo (SILVA, 2016).

A partir do governo de Lula, o Brasil intensifica a relação com os países em desenvolvimento, entre eles os países africanos, diversificando na sua estratégia global de política externa, através do acordo de Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD) ou Cooperação Sul-Sul.

Além do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), que oferece ensino superior gratuito a estudantes de países em desenvolvimento, o governo de Luís Inácio Lula da Silva, cria também Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e a

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em 2010, instituição criada a partir de um acordo de cooperação entre o Brasil e os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos.

A seguir dados de abril de 2018 extraídos, na íntegra, do site da UNILAB:

- Quantitativo geral de estudantes da UNILAB (graduação, pós-graduação, presencial e a distância): 6. 529 estudantes;
- Cursos Presenciais:
  - Graduação: 3.976
    - Brasileiros: 2.942
    - Estrangeiros: 1.034

A cooperação acadêmica com os países africanos tem contribuído para a formação de técnicos capacitados para atuar no mercado e tem favorecido a geopolítica brasileira neste continente, contribuindo para diminuir o paradigma da exploração que esta população vem sofrendo ao longo da história. Com a criação da UNILAB se estabelece uma política de cooperação solidária, especialmente com os países africanos, para que os estudantes tivessem acesso a conhecimentos que contribuíssem para solucionar problemas nas sociedades de origem. Para tanto, essa relação para o desenvolvimento local vai além de uma ajuda econômica, por envolver questões culturais e indenitárias.

Desse modo, o livro, anexo a este trabalho, desenvolvido a partir da pesquisa, partem da compreensão das relações dos/as estudantes africanos/as da UNILAB, em seus cotidianos na sociedade a partir de suas vivências temporárias em São Francisco do Conde. Dessa forma, observa-se a necessidade de um acompanhamento mais cuidadoso para contribuir com a sociabilidade e a integração dos/as alunos/as PALOP, na sociedade baiana.

Gusmão traz uma reflexão atual,

Nessa medida, entre muitos sonhos e realidades colocados em trânsito, cabe olhar os estudantes dos países africanos em solo brasileiro com base na existência de relações supranacionais típicas de um mundo globalizado no interior de um jogo de relações que lhe é próprio. (MÜLLER, SILVA, 2016, p. 57 *apud* GUSMÃO, 2012, p. 55).

A despeito do domínio da língua portuguesa e de um passado histórico semelhante, os/as estudantes PALOP enfrentam dificuldades oriundas de um problema estrutural, ao se deparar com o racismo, preconceito racial e o machismo, sexismo, xenofobia ainda existente na

sociedade brasileira, o que dificulta, sobremaneira, a adaptação e permanência dos jovens no cotidiano de uma pequena cidade do Recôncavo da Bahia, onde está instalado o *Campus* do Malês, mais recente da UNILAB.

O sociólogo argelino Abdelmalek Sayad traz a distinção de “estrangeiro” e “imigrante” quando diz: “Se o estrangeiro é a definição jurídica de um estatuto, imigrante é antes de tudo uma condição social” (SAYAD, 1998, p. 243).

Sayad reafirma este pensamento ao dizer,

Lembrar as definições sociais do imigrante e do estrangeiro, é lembrar a relação de dominação que foi estabelecida entre sistemas socioeconômicos diferentes, entre países e continentes desigualmente desenvolvidos e que se reduz de forma idêntica no fenômeno da emigração/imigração (SAYAD, 1998, p. 245).

Entretanto, apesar de essa distinção não se enquadrar nos estudantes aqui em questão, estes são colocados na categoria mais de “imigrantes” que de estrangeiros. De acordo com a observação do antropólogo Ismael Tcham, a construção de uma política de intercâmbio coerente deve haver duas preocupações indissociáveis, uma é a regulamentação dos fluxos dos intercambistas, a outra é a criação de instrumentos que facilitem o acolhimento e a integração destes.

Importante ressaltar, no que se refere às Políticas Públicas voltadas para negros e pobres, que dentro do contexto de colonialidade racializada brasileira (MALOMALO, 2018), há um desinteresse nas suas execuções. A começar pela gestão de processos seletivos voltados para estudantes africanos/as. Malamalo aponta que a falta do conhecimento da equipe (composta por brasileiros) responsável pelo recrutamento dos estudantes dos territórios parceiros sempre foi um empecilho para a seleção de muitos estudantes africanos/as. A exemplo do reduzido número de estudantes moçambicanos que chegam à UNILAB, caso este analisado por alguns docentes e discentes que chegam a explicação de que concentrar os processos seletivos em Maputo era custoso para os candidatos que moram no norte do país (MALOMALO, 2018). Estes sugeriram que os processos seletivos fossem descentralizados, levados para os interiores de cada país parceiro, apresentando como alternativa, além das Embaixadas Brasileiras instaladas nas capitais, as ONGs e/ou outros autores locais.

A falta da presença de africanos/as no programa de Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE), bem como nas instâncias de poder da UNILAB, vem afetando

sobremaneira o recrutamento dos/as estudantes. Caso que vem sendo considerado, pelo professor Bas'lele de racismo institucional, interpessoal e cotidiano.

É importante considerar a diversidade de cada país e como ela aparece tanto nas questões burocrática quanto na forma como cada estudante lida com as experiências encontradas nesse processo de cooperação internacional acadêmica, ou seja, o que nos aproxima e o que nos distancia de cada país, estando “em jogo, o campo político da circulação internacional de estudantes e da cooperação internacional entre países” (GUSMÃO, 2009).

## 2.1 OS PALOP E A MINHA EXPERIÊNCIA EM CABO VERDE

Este subcapítulo se debruça a apresentar e situar, brevemente, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP que são estes: Angola, situada na região ocidental da África Austral, ao norte faz limítrofe com a República do Congo e a República Democrática do Congo, ao leste também com a República Democrática do Congo e a República da Zâmbia, ao sul com a República da Namíbia e ao oeste com Oceano Atlântico, o país possui 1.246,700 km<sup>2</sup> de extensão territorial e a estimativa é 32.522,339 milhões de população até julho de 2020 (CIA, 2020); Moçambique, localizado na região sudeste da África, o país é banhado pelo Oceano Índico, faz fronteira no Oeste com a Zimbabué, Zâmbia e Malawi, ao Norte com a Tanzânia e ao Sul com Suazilândia e África do Sul, área total 801.590 km<sup>2</sup> (AFDB, 2020) e população de 30.098,197 milhões até julho de 2020 (CIA, 2020) ; Guiné-Bissau, fronteiro ao norte com Senegal, ao sul e ao leste com Guiné e ao oeste com o Oceano Atlântico, território total de 36.125 km<sup>2</sup> e 1.927,104 milhão (CIA, julho 2020); São Tomé e Príncipe, é um país insular africano, próximo a linha do equador, localizado na costa equatorial ocidental da África Central, formado por duas ilhas principais, a ilha São Tomé e a ilha Príncipe, próximos aos países Guiné Equatorial e Camarões, com extensão territorial de 1.001 km<sup>2</sup> (AFDB, 2020) e população 211.122 mil (CIA, julho 2020); Cabo Verde, o país é formado por dez ilhas que estão situadas a 455km da costa africana, divididas em dois grupos: Barlavento, por onde se sopra o vento e Sotavento, por onde se escoia o vento, a área territorial total de 4,033 km<sup>2</sup> e a população estima-se 583.255 até julho de 2020 (CIA, 2020).

O processo de independência desses países do domínio português se deu a partir de 1974, embora Guiné-Bissau havia declarado independência desde 1973, porém o reconhecimento só foi

obtido em 1974; seguido por Moçambique, em 25 de junho de 1975, guerra de independência que perdurou entre 1964 a 1974; Cabo Verde em 05 de julho de 1975; São Tomé e Príncipe em 1975 e finalizando com Angola em 11 de novembro de 1975. Em 1979 formaram a primeira organização intergovernamental de Língua Portuguesa, PALOP, movimento este que inicia ainda no período colonial, com a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas, em 1961. Contudo, segundo a pesquisa realizada por Thais Oliveira Queiroz nem todos os cinco países PALOP conseguiram torna-se completamente livres. Thais classificou os parcialmente-livres: Moçambique, entre outros 15 países da África Oriental e Guiné-Bissau, entre os países da África Ocidental; foram considerado livres na África Ocidental 5 países, entre estes Cabo Verde e na África Central, apenas São Tomé e Príncipe; já entre os não livres se destaca Angola.

Em ocasião da minha ida a Cabo Verde, tive a oportunidade de entrevistar dois ministérios. No “Ministério dos Negócios Estrangeiros e Comunidades” (o equivalente ao Ministério de Relações Exteriores no Brasil) entrevistei o Ministro Plenipotenciário, Eduardo Jorge Lima Barros Silva, o qual me recebeu muito bem e disponibilizou-me algumas informações, tais quais, os cursos de formação que mais interessa ao mundo de trabalho no país: Engenharia; Energia renováveis; Agricultura e na área Marítima. O Ministro ressaltou que para o Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentado - PEDS, documento enquadrador do desenvolvimento no país há cinco anos que o mesmo sugere que sejam adicionadas neste documento novas tecnologias da informação e comunicação, formações de um corpo técnico que potenciam o empreendedorismo e o negócio autônomo no país: “aptidões específicas para criar negócios próprios” (SILVA, 2018).

Numa linha bem diferente, a sociedade civil que se afirmar precisa de capacidades ligadas a animação social e a intervenção social organizada com ou sem potencial econômico imediato - técnicas e materiais inovadoras para artesanato, empresariado cultural (artesanato, musica...) trabalho de promoção com a juventude [...] (Min. SILVA, 2018).

Segundo informações do Itamaraty, as relações diplomáticas entre esses dois países foram estabelecidas em 1975. Em 1977 Brasil e Cabo Verde assinaram um acordo de Cooperação Técnica, a partir desse acordo Cabo Verde tem sido “beneficiado” por projetos desenvolvidos em parceria com instituições brasileiras, em áreas como saúde, educação, agropecuária e agências reguladoras. “O país é atualmente um dos maiores parceiros de cooperação, em projetos

desenvolvidos principalmente com recursos da Agência Brasileira de Cooperação (ABC)” (BRASIL, 2019).

Além dos estudantes cabo-verdianos que chegam, anualmente, ao Brasil para cursar a graduação e pós-graduação, através dos programas PEC-G e PEC-PG, bem como a UNILAB, os militares e diplomatas de Cabo Verde também são frequentadores tradicionais dos cursos de formação no Brasil. Os dados a seguir, do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, mostram a cronologia das relações diplomáticas entre o Brasil e Cabo Verde:

**1975** – Estabelecimento das relações diplomáticas

**1977** – Acordo Básico de Cooperação

**1979** – Tratado de Amizade e Cooperação e Acordo de Cooperação Cultural

**1983** – Visita do Presidente João Baptista Figueiredo a Cabo Verde

**1985** – Visita ao Brasil do Presidente Aristides Pereira

**1986** – Visita do Presidente José Sarney a Cabo Verde; assinatura de Acordo Comercial

**1987** – Visita ao Brasil do Presidente Aristides Pereira

**1990** – Visita ao Brasil do Presidente Aristides Pereira

**1992** – Visita ao Brasil do Presidente Antônio Mascarenhas Monteiro

**2002** – Visita ao Brasil do Presidente Pedro Verona Pires

**2003** – Visita ao Brasil do Presidente Pedro Verona Pires (junho)

**2003** – Visita ao Brasil do Primeiro-Ministro José Maria Neves (outubro)

**2004** – Visita a Cabo Verde do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (julho)

**2005** – Visitas ao Brasil do Primeiro-Ministro José Maria Neves (agosto) e do Presidente Pedro Pires (setembro)

**2006** – Visita ao Brasil do Presidente Pedro Verona Pires

**2007** – Visita ao Brasil do Presidente Pedro Verona Pires

**2008** – Início das atividades do Centro Cultural Brasil-Cabo Verde (março)

**2009** – I Reunião do Mecanismo de Consultas Políticas

**2009** – Visita do Primeiro-Ministro José Maria Neves ao Brasil (outubro)

**2010** – Visita a Cabo Verde (Ilha do Sal) do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da Cúpula Brasil-Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental – CEDEAO (3 de julho)

**2011** – O Ministro Antônio de Aguiar Patriota mantém encontro com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Cooperação e Comunidades de Cabo Verde, José Brito, em visita ao Brasil por ocasião da cerimônia de posse da Presidenta Dilma Rousseff (2 de janeiro)

**2012** – II Reunião do Mecanismo de Consultas Políticas

**2012** – O Ministro das Relações Exteriores da República de Cabo Verde, Dr. Jorge Alberto da Silva Borges, visita o Brasil (22 de outubro)

**2015** – Visita do Ministro Mauro Vieira a Praia, ocasião em que é realizada a III Reunião do Mecanismo de Consultas Políticas. Além de manter reunião com o Chanceler Jorge Tolentino, o Ministro é recebido pelo Presidente Jorge Carlos Fonseca, pelo Primeiro-Ministro José Maria Pereira Neves e pelo Presidente da Assembleia Nacional, Basílio Mosso Ramos (1º de setembro)

**2016** – Visita do ministro José Serra a Praia, ocasião em que mantém reuniões de trabalho com seu homólogo Luis Filipe Tavares, com o primeiro-ministro Ulisses Correia e Silva e com o presidente Jorge Carlos Fonseca. Trata-se da primeira visita do ministro Serra à África desde que assumiu o Itamaraty (28 de maio)

**2016** – Assinatura de acordo sobre serviços aéreos entre a República Federativa do Brasil e a República de Cabo Verde (31 de outubro)

**2018** – O presidente do Brasil viaja para a Ilha do Sal, Cabo Verde, para participar da XII Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP (17 e 18 de julho).

No Ministério da Educação, entrevistei a Sr<sup>a</sup> Maria Clarissa Monteiro Silva, Diretora de Serviço de Estudos, Planejamento e Cooperação.

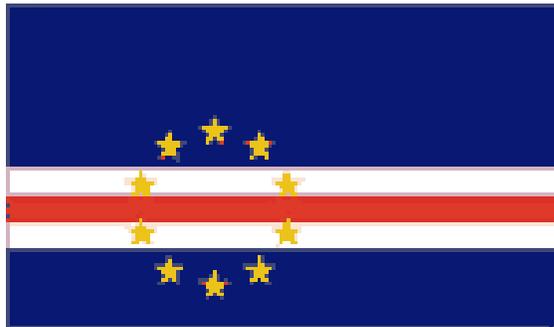
## 2.2 PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DE CABO VERDE

A origem do nome Cabo Verde é explicada devido ao arquipélago ser localizado próximo à costa do Senegal. Existe uma polémica sobre qual europeu chegou primeira às ilhas, se foi o venesiano Cadamosto, ou o português Diogo Gomes, ou o genovês António de Noli, e se as ilhas se encontravam desabitadas. Sabe-se que a primeira ilha avistada foi a Ilha de Santiago, nome atribuído ao dia do calendário cristão ao respectivo santo, assim com as outras ilhas, quando cada uma foi achada. Contudo, o povoamento se deu, efetivamente, com as chegadas dos portugueses, em seguida os povos que foram escravizados, vindo da Guiné, do Senegal, os Bantos, os

Sudaneses e outros, de forma progressiva, sem obedecer a um plano sistemático de ocupação por parte do Estado português, como afirma Lígia Évora (FERREIRA, 1997). Segundo a autora, Cabo Verde sempre se diferenciou das outras colônias portuguesas, seja pelos fatores estruturais (condições geológicas e climáticas), seja de fatores conjunturais (condições demográficas, políticas e econômicas). Todavia, os aspectos político-econômicos estavam relacionados, intrinsecamente com a conjuntura do Continente e com a política colonial seguida. Contudo os problemas endêmicos da sociedade cabo-verdiana, casou sérias consequências para a população.

### 2.3 A BANDEIRA DE CABO VERDE

**Figura 9:** Bandeira de Cabo Verde



**Fonte:** Itamaraty 2019

O retângulo azul da bandeira simboliza o espaço infinito do mar-e-céu que envolve as ilhas. As faixas, o caminho da construção do país. O azul, o mar e o céu. O branco, a paz que se quer. O vermelho, o esforço. As estrelas, as dez ilhas que compõem o arquipélago (BRASIL, 2002).

Considerou-se importante dedicar este tópico ao país Cabo Verde, devido o recorte da pesquisa para os/as estudantes cabo-verdianos/as da UNILAB. A escolha foi movida pela oportunidade de ter conhecido, até o momento, somente este país e haver entrevistado as famílias dos sujeitos da pesquisa, os estudantes cabo-verdianos da UNILAB. A ocasião proporcionou-me a verificação de uma semelhança histórica com o Brasil, contudo vale fazer uma breve contextualização histórica de Cabo Verde, para entender esse processo. O mapa que segue foi publicado em 1598:

**Figura 10** - Mapa antigo do Arquipélago de Cabo Verde no século XVI



Fonte: Guia Geográfico

## 2.4 LOCALIZAÇÃO DAS ILHAS DE CABO VERDE

Cabo Verde é um arquipélago de dez ilhas vulcânicas e treze ilhéus, um dos menores países do mundo, com superfície de 4.033 km<sup>2</sup>, localizado na região central do Oceano Atlântico, na costa ocidental da África, o tamanho das ilhas varia de 991 Km<sup>2</sup> em Santiago e 35 Km<sup>2</sup> em Santa Luzia, a população atual de 542 416 e a capital Praia que está situada na ilha de Santiago. O país foi colônia de Portugal por quatro séculos, obtendo a sua independência somente em 1975, como já visto acima. Para melhor compreensão da localização do país, seguirão imagens, um mapa e fotos (retiradas em ocasião da minha visita).

**Figura 11** - Ilhas do Sotavento e Barlavento



Fonte: Guia Geográfico

**Figura12:** Campo de Concentração do Tarrafal**Figura13:** Praia de Tarrafal

Fonte: Arquivo pessoal, 2018

A Cidade Velha foi declarada Patrimônio Mundial da Humanidade no dia 26 de junho de 2009, numa decisão da UNESCO, órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) que cuida da educação e da cultura. A Cidade de Ribeira Grande de Santiago, atual Cidade Velha Patrimônio Mundial está situada na parte sul da Ilha de Santiago, a 12 km da Cidade da Praia, nas Coordenadas UTM 14°54'N 23°36'O (RAMOS, 2017). A ilha de Santiago é a maior ilha do arquipélago de Cabo Verde, com cerca de 75 km de comprimento, no sentido norte-sul e cerca de 35 km de largura, no sentido Leste-Oeste. As ilhas mais próximas são o Fogo, a uma distância de cerca de 50 km, a oeste, e a ilha de Maio, localizada a 25 km a leste. (SILVA, 2018, p.24).

A partir de um olhar *in loco* em Cabo Verde, é possível notar semelhanças e diferenças entre o Brasil e este país. Esta relação entre os dois países reflete na forma como os/as estudantes cabo-verdianos/as da UNILAB, lidam com as experiências encontradas na cidade de São Francisco do Conde/BA, onde está localizado o *Campus* dos Malês.

Após conquistar a independência os cabo-verdianos são impelidos a aderir à cultura dominante, como requisito básico para a sua inclusão sociopolítica, o que chamamos de assimilacionismo, contribuindo para a discriminação e incentivando a autonegação. Como explica Gabriel, o comportamento assimilacionista tende a posicionar-se entre aquilo que conhece, e de que se lhe impõe livrar, e aquilo com que se lhe acena como alternativa; ou seja, entre o seu, mas subjogado, mundo e um mundo alheio, mas valorado e promissor.

O conceito de colonialidade desenvolvido por Aníbal Quijano, explica o que vai além das particularidades do colonialismo histórico e que não desaparece com a independência ou descolonização. Contudo, o sociólogo cabo-verdiano Gabriel Fernandes (2006, p. 33) explica que o pertencimento da nação se presume imune a quaisquer oscilações conjunturais, neles a nação simboliza tanto uma aquisição quanto uma negação, já que o que se lhes reconhece, enquanto supostos membros da nação, é-lhes retirado enquanto colonizados. Iva Cabral analisa este fato ao dizer:

Cabo Verde é uma sociedade escravocrata — serviu de entreposto de escravos a partir do século XV — “que nasce racista”, diz Iva Cabral. E o inconsciente de uma sociedade escravocrata “é muito pesado”; ainda está presente o “problema de sermos africanos ou não”, justamente porque “quando se fala em África fala-se em escravidão e é todo o peso da escravidão que ainda existe no nosso subconsciente”. (Acervo Público, 2016).

O sociólogo Gabriel Fernandes ao analisar a busca dos cabo-verdiano pela sua nação, salienta: “O colonizado desconfia do passado de quem lhe estende a mão; o colonizador confia no seu passado para estender a mão e não permitir que se lhe tome o braço” (FERNANDES, 2006, p. 51).

### 3 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS/AS ESTUDANTES CABO-VERDIANOS

As relações raciais no Brasil, ainda se constituem em um grande desafio para a população negra brasileira e a estrangeira. Devido ao “Mito da Democracia Racial” que impera no país e se propaga no cenário internacional, apesar de desmistificado pela ciência, permanece na inércia. No Brasil existe um racismo que se construiu pela negação do próprio racismo, o que tornam as relações dos/as estudantes africanos/as com o contexto social e político brasileiro bastante desafiadoras, além do preconceito racial e machismo, sexismo, misoginia e xenofobia. Contudo, apesar dos desafios enfrentados pelos/as estudantes PALOP, o conteúdo da grade curricular dos cursos ofertados pela UNILAB, principalmente o curso de BHU tem contribuído para torná-los/as mais conscientes e preparados para responder, intelectualmente, as ofensas.

Para melhor entender como tem ocorrido essas relações, serão apresentadas aqui algumas das experiências dos/as primeiros/as estudantes que chegaram na cidade baiana de São Francisco do Conde, em 2014/2015. Foram entrevistados seis (6) estudantes cabo-verdianos/as, três mulheres e três homens.

#### 3.1 EMANUEL DE JESUS CORREIA NASCIMENTO

O primeiro entrevistado foi o cabo-verdiano Emanuel, mais conhecido como Manu, tem 25 anos, nasceu na Ilha de Santiago, residente em São Lourenço dos Órgãos, que fica entre a cidade de Assomada e a capital, Praia, em uma área montanhosa. Durante a entrevista, que foi bem descontraída, relatei a minha breve experiência em Cabo Verde, os locais por onde eu passei, as pessoas que conheci, os alimentos, o que aprendi.

Emanuel ingressou na UNILAB, em 2014, um dos primeiros africanos em São Francisco do Conde, após a implantação do *Campus* do Malês. Sem religião definida, o estudante se auto denomina negro, pertence ao grupo étnico badiu<sup>18</sup>, solteiro, namora com uma brasileira há quatro anos, não tem filhos, atualmente só estuda, mas quando chegou, em abril de 2014, precisou trabalhar, porque o pai, faleceu em dezembro de 2014 e em seguida sua avó também. Manu não pode ir para o funeral do pai e nem da avó, porque não teria dinheiro para a compra da passagem aérea para Cabo Verde. Somente no ano seguinte conseguiu juntar o valor da passagem e fez uma

---

<sup>18</sup> Grupo étnico, em Cabo Verde.

surpresa a sua mãe, chegando em casa em dezembro de 2015, quando pode permanecer por 40 dias. Quando retornou para UNILAB foi convidado a participar do Observatório, o qual lhe proporcionou uma bolsa, com mais essa ajuda financeira ele não precisou mais trabalhar, podendo se dedicar aos estudos. O primeiro curso a ingressar na universidade foi no Bacharelado e Humanidades, finalizando em novembro de 2016, em seguida ingressou no curso de Relações Internacionais.

Manu pontua que os primeiros estudantes da UNILAB, provenientes do continente africano, tiveram dificuldades, mas relata que aos poucos foram superadas. Por terem sido os pioneiros, tiveram experiências também desagradáveis, principalmente no que se refere ao acolhimento da população local, e ele considera que não houve uma preparação para a comunidade cidade receber os alunos do continente africano, o que gerou atos de xenofobia, preconceito e racismo.

[...] rumores de que os africanos fediam, essas coisas, cheiram a catinga, uma coisa tipo uma generalização... e a prefeitura chegou a fazer um ato, que eu não vi com bons olhos né? Agente não estava percebendo o que significava aquilo, mas só foi perceber depois. A prefeitura comprou um kit higiênico e deu para agente, para todos os alunos. Agente aceito, porque a gente não sabia de nada, só depois a gente ficou sabendo porque estava rolando rumores no *WhatsApp*: que agente fedia, que a gente não tomava banho, que não escovamos os dentes [...] fizemos uma reunião, mas tivemos nenhuma atitude drástica em relação a prefeitura e nem a comunidade. Sempre tentamos por meio de diálogo...conversar com o pessoal, explicar de onde viemos, quem somos e o que que queremos, né? E aos poucos acho que esses estereótipos foram sendo desconstruídos, mas teve um processo muito lento e tivemos que ter muita paciência mesmo [...]  
(NASCIMENTO, 2019).

Para extrair tal informação de Manu, precisei sair do roteiro, de modo que ele se sentisse mais à vontade para falar. O estudante percebeu o nível de desconhecimento que a população sanfranciscana tem sobre a África: “Eu acredito que é ignorância né?” (NASCIMENTO, 2019).

O aluno se lembra das tentativas de desconstrução de um determinado pensamento, através do diálogo direto, interpessoal, contudo bastava virar as costas as pessoas repetiam o mesmo equívoco, como, por exemplo, chamar todos de angolanos. Por mais que Manu explicasse a sua origem, de qual país provinha e que havia alunos de diversos países do continente africano, ainda assim muitos dos sanfranciscanos insistiam chamar: “Ei, angolano”. A forma como o/a estudante PALOP é identificada, a partir da cor de sua pele, o faz repensar seu lugar na sociedade quando se depara com termos antes inexistentes em seu repertório simbólico pós-colonial, como “negro” “africano” e “estrangeiro”. Em Guiné-Bissau, por exemplo, se identificam pelo grupo

étnico como, balanta, fula, entre outros. A identidade é atribuída de acordo com o local onde esteja, se dentro da sua comunidade ou até fora do país. Contudo, a generalização feita pelos sanfranciscanos trata-se do desconhecimento sobre a África e sobre os africanos.

Também através das atividades que os alunos e as alunas realizam junto a ASEA, tem ajudado nem processo de reeducação dos habitantes desta cidade. Por meio dos eventos, como no mês de maio, realizaram a primeira atividade no mercado cultural da cidade, em 2015, onde a população local esteve presente, foi uma forma para iniciarem uma troca com os moradores da região. Também realizaram torneios de futebol, convidando times da cidade para participar.

A escolha por Bacharelado em Humanidade - BHU não foi a sua primeira escolha, ele se interessava pela área de exatas, porque fez ensino secundário (Ensino Médio) em ciências e tecnologia – CT, e ingressou em um curso técnico de eletricidade eletrônica e estagiar no Hospital em Assomada. A sua ideia inicial era fazer a graduação em Cabo Verde, se conseguisse um emprego para pagar os estudos, porque as suas condições financeiras não o permitiam, assim ressalta: “Estudar em Cabo Verde é complicado, ou consegue bolsa pela Fundação Cabo-verdiana de Acção Social Escolar (FICASE), geralmente pobre não consegue bolsa... você tem que conhecer a pessoa lá dentro e para mim aquilo não dava, a UNILAB foi uma alternativa que surgiu” (NASCIMENTO, 2019).

Manu concorreu na seleção de 2013.2 para o curso de engenharia eletrônica, oferecido somente na UNILAB do Ceará. No entanto, a procura para este curso é muito grande e eram três vagas para cada país, assim relata, ficando em quarto lugar. No primeiro semestre de 2014 se candidatou de novo, só que dessa vez escolheu um curso que tinha maior número de vagas, porque já estava desanimado, então escolheu de BHU, que tinha 14 vagas, passou e fez os procedimentos para viajar. Apesar de não ter sido a sua primeira escolha, ele disse que passou a gostar do curso e aconselha a todos que façam: “[...] Quem quer começar uma carreira acadêmica, profissional é ótimo passar pela experiência de BHU... você amadurece, tem uma experiência de vida ímpar [...]” (NASCIMENTO, 2019).

Após haver finalizado o curso de BHU, Manu ingressou no curso de Relações Internacionais que, segundo ele, tem gostado, apesar de ser um curso novo em Cabo Verde e ter poucos profissionais com esta formação, fazendo comparação aos cursos de ciências sociais e história, para os quais a oferta é maior. Lembra que ainda no curso de BHU realizou uma pesquisa etnográfica e foi visitar uma comunidade dos Rabelados, ocasião em que esteve em seu

país, em 2016. Os Rabelados é uma comunidade tradicional que se localiza em uma cidade após a cidade de Assomada, que estão passando pelo processo de significação e modernidade. Até a década de 90 viviam de forma bem tradicional, esta população não consumia nada que era industrializado e não tinham muita relação com as autoridades estatais, municipais locais, se identificavam na coletividade, como rabelados, estes foram muito reprimidos durante a era colonial, nas últimas décadas da colonização e após a independência do país, eles foram marginalizados. Eles fecharam suas casas e foram viver nas montanhas, local de difícil acesso, para tentarem viver a sua religiosidade. A palavra “rabelado” deriva dos revoltosos/revolucionários, que lhes foi atribuído pelos policiais à época, contudo eles ressignificaram o sentido do termo, dando o significado de “revelados por Deus”. Emanuel relata com emoção: “A família aposta em você como o primeiro a fazer uma formação acadêmica” (NASCIMENTO, 2019).

Muitos desses fatores se assemelham ao racismo estrutural existente no Brasil, bem como a cultura de uma sociedade machista que reproduz um pensamento colonialista no que tange à relação homem e mulher, principalmente mulheres afrodescendentes e africanas, que são tratadas como um objeto sexual. Experiências desagradáveis e para a necessidade de debater temas, como Feminismo Africano, é que levaram as alunas PALOP a se reunirem e a formarem um coletivo, onde pudessem discutir sobre o assunto.

### 3.2 DARINI LARA TAVARES DE CARVALHO

Segunda estudante entrevistada, cabo-verdiana, Darini Lara Tavares de Carvalho, de 26 anos, do sexo feminino, heterossexual, declara não haver religião, se autodeclara negra, não se reconhece pertencente a um grupo étnico, porém quando questionada se se considera *Badiu* ou *Sanpadiu*, ela diz que a família é *badia* de Santiago. Solteira, namora com um estudante brasileiro há três anos, tem um filho em Cabo Verde, ela não trabalha, somente estuda, concluiu o curso de Bacharelado em Humanidades – BHU e está na terminalidade em Pedagogia.

Darini chegou à Bahia para estudar na UNILAB, em 2016, a escolha desse *Campus* foi devido já haver conhecidos, do mesmo bairro onde mora em Cabo Verde, já estudando em São Francisco do Conde, ela optou por estudar BHU, em detrimento de Letras. A estudante ficou sabendo do processo de seleção e todo o procedimento para se candidatar, através desses amigos

que haviam já realizado. Ela relatou de se arrepender por ter optado pelo *Campus* na Bahia, ao invés do Ceará, pelo estado estar situado, geograficamente, mais próximo a Cabo Verde e os preços dos voos aéreos serem mais baratos.

Quanto ao projeto para o futuro, pretende concluir a graduação em pedagogia, fazer o mestrado na área da educação, trabalhar e dar continuidade ao doutorado, seja no Brasil ou em outro país.

Para se candidatar à seleção para estudar na UNILAB, orientada pelos seus amigos e colegas, Dairini preencheu o formulário eletrônico, disponibilizado no site da UNILAB e após análise dos documentos e aprovação, fez contato com a Embaixada Brasileira situada na cidade da Praia e entrou com todo o procedimento para a documentação. A estudante relata que os custos com a documentação são altos, que gastou em torno de 8.500 (oito mil e quinhentos escudos), que na época equivalia, ao em torno de R\$ 200,00 a R\$ 300,00, segundo a estudante.

O Ministério da Educação em Cabo Verde não oferece apoio, porém a estudante conseguiu recursos, por meio de uma organização não governamental, por nome FICASE<sup>19</sup>, que é Fundação Caboverdiana de Acção Social Escolar, para compra de um computador, entre os materiais necessários para a viagem, através da sua irmã, Diva, que já conhecia os trâmites, por ter se beneficiado com bolsa de estudo pela mesma organização. Assim escreveu uma carta solicitando apoio, para a compra das passagens aéreas até o destino aéreo final, que era Salvador.

Fiz a pergunta, se ao retorno ao país de origem, após concluído a graduação na UNILAB, existe alguma política de empregabilidade. A estudante me respondeu que não, ela atribuiu a uma questão de sorte. Quanto à permanência na UNILAB, Dairini possui bolsa de auxílio e do Programa de Bolsa de Iniciação Científica - PBIC, para dar aulas de língua cabo-verdiana.

Com relação ao serviço psicológico disponível na universidade, a estudante diz não conseguir fazer consultas com um psicólogo que encontra todos os dias nos corredores da universidade, e então acaba se criando uma relação muito íntima.

O processo de acolhimento, realizado pelo Programa de Acolhimento aos Estudantes Estrangeiros (PAEE), começa com a tutoria feita por estudantes veteranos na UNILAB que entram em contato com os estudantes selecionados para auxiliá-los nos trâmites (documentação, visto, passagem) para a chegada ao Brasil até a sua instalação no território, bem como a

---

<sup>19</sup> A Fundação Caboverdiana de Acção Social Escolar (FICASE) é um instituto público, integrado na Administração indireta do Estado, com a natureza de fundação pública, dotado de autonomia administrativa, financeira e patrimonial (FICASE, 2020).

ambientação na universidade. Dairini foi recebida, inicialmente, no aeroporto em Fortaleza, pelos tutores da UNILAB no Ceará, que aguardavam os estudantes que iriam para o *Campus* localizado na cidade de Redenção, e ela, juntos aos outros estudantes que iriam para Bahia, só teriam voo para Salvador no dia seguinte. Ao conversar com uma tutora brasileira, consideraram inviável irem dormir em Redenção, por ser distante da capital cearense. A tutora conseguiu com uma amiga, brasileira, que hospedasse as/os estudantes que viajariam para Salvador. Ao chegarem à capital baiana, encontraram os tutores, com placas posicionadas, identificando a UNILAB. Ao chegarem a São Francisco do Conde, ficaram hospedados em uma pousada na cidade, onde já se encontravam estudantes da Guiné Bissau e de outros países. Ela, junto a mais duas estudantes, fez parte do último grupo da seleção ocorrida naquele período, a chegar no *Campus* dos Malês, em 07 de maio de 2016

A respeito das perguntas sobre a relação com os professores, ela informa que sempre foi boa, nunca houve situação desagradável, mas lembrou de um episódio:

Tive uma professora, no caso ela era branca, tipo na sala ela explicava, sentada, virada sempre para alunos brancos, sendo que na sala tinha a maioria negros. Então acho que é a única situação...tanto que falei: Não vou pegar mais aula com essa professora, não sei se ela fez sem querer, mais acho também meio estranho [...](CARVALHO, 2019).

### 3.3 NILTON LOPES DE SILVA GOMES

Nilton tem 27 anos, cabo-verdiano, heterossexual, da religião adventista, se autodenomina negro. Quando perguntei sobre grupo étnico, ele também não soube responder de imediato, somente quando citei os exemplo de badius ou sanpadius, que lembrou de ser considerado badiu, porque é proveniente da ilha de Santiago. O estudante relata o preconceito, racismo em Cabo Verde a diferença dessas duas etnias, no qual os pertencentes a etnia Sanpadiu, provenientes, em sua maioria, da ilha de São Vicente, são de pele de tonalidade mais clara, em relação aos Badius da ilha de Santiago.

Quando perguntei se a família se considerava pertencente ao grupo étnico Badiu, ele respondeu que veio de uma família muito “humilde” e que nem todos tiveram a oportunidade de ir à escola, desmitificar ou conhecer sobre as diferenças étnicas e suas classificações. Porém é perceptível na sociedade cabo-verdiana as relações e a hierarquização que acontecem, a depender da cor da pele e da proveniência. Ele relata:

Dentro da minha família há essa mestiçagem também, porque a família da parte paterna, minha avó... são todos mais claros e da minha mãe mais escuros. Eu nasci e cresci convivendo com os familiares da parte da minha, que tem a mesma tonalidade da minha pele. Não pela diferença, da parte do meu pai serem mais claros, mas por afetividade e a proximidade.

Com relação ao grupo étnico da família ele responde: “Eu não vejo meus familiares afirmando pertencentes ao grupo Sanpadius, mas como toda a população da ilha de Santiago se considera Badius, então nesse sentido, talvez eu também posso ser considerado Badiu, né?”

Nilton é solteiro, não tem filhos, atualmente não tem nenhum relacionamento, só estuda, antes consertava computador, mas agora precisando dedicar seu tempo ao Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, suspendeu os consertos de computadores. Está cursando quarto semestre de Relações Internacionais, iniciou em 2017, após haver concluído BHU na UNILAB do Ceará. Foi a primeira escolha, porque quando terminou o Ensino Médio sempre quis cursar a área de humanas. Então quando tomou conhecimento da UNILAB e do curso de BHU, logo optou por este curso.

Com relação ao projeto para o futuro, na vida acadêmica, quer continuar com mestrado e conseguir um emprego. Durante a entrevista ainda não sabia dizer se faria a pós-graduação e trabalharia no Brasil ou em Cabo Verde, a depender da oportunidade que encontrará.

Sobre como teve conhecimento da UNILAB, o estudante iniciou informando que a escola pública em Cabo Verde é diferente do Brasil, no que se refere ao pagamento. No seu país os estudantes pagam mensalidades nas escolas/universidades públicas. Então ele começou a pesquisar as universidades no exterior que oferecem bolsa. Em 2014 estava planejando ir para Portugal, mas um parente que já estudava na UNILAB desde 2012, no *Campus* do Ceará, enviou um link pelo *facebook*, com informações sobre o processo seletivo na UNILAB e ao acessar o edital para o período que estava procurando, verificou que preenchia todos os requisitos para concorrer à vaga, então se candidatou.

Foi fácil o acesso à Embaixada Brasileira, porque mora em uma região próxima da capital, porém, antes do contato direto com a Embaixada, obteve informações através do Centro Cultural Brasileiro em Cabo Verde - CCB que, por sua vez, o encaminhou para a Embaixada. Ele relatou que a sua preparação para o que iria encontrar no Brasil, já se iniciou no CCB.

Quanto aos custos dos documentos, foram gastos entre 8 a 10 mil escudos cabo-verdianos para concessão de visto na Embaixada, mais autenticação de documentos, em torno de 4 mil e 57

mil para passagem aérea, no total cerca de 80 mil escudos. Também trouxe algum dinheiro para o Brasil.

Na pergunta sobre se existe algum tipo de apoio financeiro, bolsa concedida pelo Ministério de Educação para os estudantes que saíam através de programas, como este da UNILAB, em que tem formal parceria como governo cabo-verdiano, ele me responde que existe, em um órgão ligado ao ME, a possibilidade de solicitar apoio para compra de passagens aéreas. Ele solicitou e o Ministério concedeu a metade do valor da passagem. Porém, mesmo assim, ele não tinha a outra metade, foi quando ele buscou apoio também em uma ONG, por nome FICASE. Esta organização apoia estudantes com bolsas tanto no nível nacional quanto no internacional, aqueles que vão estudar fora do país.

Quanto ao retorno ao país de origem, perguntei se existia alguma política de empregabilidade. Ele me respondeu que Cabo Verde aposta muito na formação dos seus cidadãos, dado que o país não tem recursos naturais, logo investe muito no recurso humano. Segundo o entrevistado, tem cabo-verdianos no mundo inteiro estudando, contudo, quando se trata do retorno o mundo do trabalho em Cabo Verde, não oferecem oportunidades. Nilton ressalta que a ideia é que estes alunos formados em outros países venham contribuir com o desenvolvimento do seu país. Mas, apesar de muitos cabo-verdianos formados, o mundo do trabalho não tem oferecido possibilidades, o mercado está fechado. É uma luta! Enfatiza o estudante.

A bolsa de auxílio concedido pelo programa brasileiro, no valor atual (2019) de R\$530,00. Ele relata que ajuda nas despesas básicas, embora não seja suficiente. Porém, teve outras bolsas, mesmo por curto período como de programas de extensão. Atualmente possui a bolsa além do auxílio e ressalta que foi “devido aos meus esforços particulares”.

Quanto ao serviço de apoio psicológico, disse que nunca precisou, mas que foi bem acolhido até a sua estada no Ceará. Antes não tinha, mas agora já tem o acompanhamento em sala de aula, devido aos novos estudantes que, quando chegam, apresentam certas dificuldades de se enquadrar no modelo educacional brasileiro, que, apesar ser de língua portuguesa, tem pequenas distinções, o que acaba fazendo muita diferença (GOMES, 2019). Por exemplo, em Cabo Verde, a nota de uma prova é de 0 a 20, já no Brasil é de 0 a 10. E ressalta: “Também tem as formas de o professor abordar determinadas matérias, que pode ser difícil para alguns estudantes recém-chegados à UNILAB”.

Nilton traz a informação de que na UNILAB no Ceará criou programas pelos quais os veteranos acompanham os novatos que apresentam dificuldade em se adaptarem ao sistema universitário brasileiro. Mas eu não precisei deste acompanhamento, contudo tive para a minha estada e na saúde. Por exemplo, foi atendido pelo médico, que lhe passou exames para que pudesse frequentar a academia, e quanto ao atendimento psicológico, também oferecido pela instituição, ele não necessitou. Ele lembra: “Já na Unilab da Bahia, precisa melhorar mais em relação ao acolhimento”.

No Ceará, Nilton morava em outra cidade do interior, chamada Pacoti e se deslocava todos os dias para a cidade de Redenção, onde fica o *Campus* da Liberdade. Quando precisou ir a Polícia Federal para obter o RNE ou renovar visto, era acompanhado por um servidor.

Nilton foi bolsista do Programa de Acolhimento aos Estudantes Estrangeiros – PAEE, onde ele passou a acolher os estudantes que chegavam. Ele percebeu que foi um passo a frente da UNILAB, que promovia a integração entre os estudantes, deixando de ficar somente entre servidor e estudante.

O estudante relata que a sua relação com os professores se restringe à academia, não tem aproximação de amizade, pelo *status* que o professor possui. Também segundo Nilton, devido ele ser um pouco fechado, exceto com o seu orientador, o professor moçambicano Carlos Subuhana, principalmente após ingressar em um programa de bolsa de extensão, em que passaram a realizar atividades em conjunto.

Com relação ao tratamento dado entre um professor branco e um negro, ele informa que com ele nunca percebeu nenhuma diferença, mas ouviu de outros colegas. A relação entre os estudantes brasileiros, brancos e negos, femininos e masculinos, ele prioriza a relação de amizade com as mulheres brasileiras que os homens brasileiros, Quando ele chegou, ele era o único cabo-verdiano e tinha um colega que era única angolana, então eles se aproximaram, já que ele não interage muito fácil e os guineenses se sentavam com seu grupo e falavam só no seu idioma, Krioulo Guineense. Mas ao longo do tempo foram todos interagindo entre si. O estudante lembrou duas amigas brasileiras: “eu a considerava branca, mas durante a nossa convivência ela dizia ser negra, tinha a outra colega se considerava parda. Eu não sabia o que era pardo aqui no Brasil”. Foi a partir das convivências que ele se autoafirmou como negro, independentemente das construções ideológicas. Ele continua: “tinha uma outra colega que a gente ia se conversando e ela se considerava amarela”. O estudante diz que foi a partir daí que surgiu a curiosidade, porque

quando preencheu um formulário da matrícula da UNILAB, tinha as opções: Branco, Amarelo, Preto, Indígena.

Eu não tinha nem noção o que era indígena, foi só estudando aqui que eu vi conhecer grupos assim. As brasileiras, mesmo elas se considerando pardas, negras, amarelas, indígena eu via todas brancas[...] do mesmo modo os amigos brasileiros, no Ceará. Já na Bahia, por ser a maioria negra, quase todos os colegas se consideram negros. (GOMES, 2019).

Quanto à qualidade de ensino na universidade, ele disse que a UNILAB é a primeira universidade que ele ingressou e que por isso não poderia comparar. Mas ressalta que no Ensino Médio eles têm muito pouco estudo sobre a África e os africanos, pela forma de ensino que os países que foram colonizados ainda seguem, no modelo curricular europeu. Já a UNILAB pauta muito nesses assuntos,

A UNILAB me proporcionou um conhecimento muito rico, que mesmo eu entrando em uma universidade em Cabo Verde eu não teria essa forma de ensino, de produzir conhecimento aqui na UNILAB, é muito rico nesse sentido de que algo que você vai poder, principalmente na área humana, que foi área em que já me formei, ter acesso. Porque em Cabo Verde, a gente tem uma parcela de ensino sobre o que é a África e o que é africano. A UNILB pauta muito nisso, justamente para mudar essa forma de educação que existe nos nossos países que foram colônia, que segue um modelo europeu de ensino, uma cópia de Portugal, onde as instituições públicas são pagas, que a mesma coisa de Cabo Verde, que pegou tudo de Portugal e tudo isso eu soube estudando aqui na UNILAB (GOMES, 2019).

Segundo Nilton, a UNILAB é um espaço onde ele pode se distanciar e ter um olhar macro da sua realidade: “Foi um ensino, muito enriquecedor, porque me permitiu conhecer a mim mesmo, a minha origem! [...]”. Também ressalta que pôde conhecer o que há de comum, semelhante entre os PALOP: “Eu sou muito grato à UNILAB por isso! Não tem só brasileiros que não conhecem a história da África, existem muitos africanos que desconhecem a história da África” (GOMES, 2019).

Nilton informa que os cabo-verdianos não se consideram africanos, pelo país estar localizado, geograficamente, na Costa do continente, o que leva eles se considerarem diferentes dos demais países. Ele diz que tudo isso ele foi desconstruindo e desmitificando com os estudos que vem realizando na UNILAB, que, apesar daqueles que pertencem ao grupo étnico de badius e serem negros, não se reconhecem africanos, por desconhecerem as suas origens.

Quanto à pergunta sobre de já ter sofrido racismo no Brasil e na universidade, ele se lembra de um episódio na pizzeria, no Ceará:

Estava na fila, na esperança de ser atendido, conforme a ordem da fila...chegou um funcionário que foi atender pessoas que estavam atrás de mim na fila, fiquei sem entender, o porque a pessoa estava sendo atendida na minha frente, sendo que eu estava na frente. Então..., chamei outra funcionária que já viu antes lá, porque este que veio, chegou atendendo outras pessoas, então a menina falou que eu estou na frente daquelas pessoas e que era para o rapaz me atender primeiro...E ele não me deu satisfação, não me falou mais nada e eu estava sempre com aquele pensamento otimista, talvez eles atendam dessa forma por serem da cidade...mas eu comecei a perceber que o rapaz não queria me atender pela expressão da colega que já tinha pedido para ele me atender...depois ele foi embora e a menina veio me atender. Eu não tinha nem pensado que isto era algo de racismo [...].

Em São Francisco do Conde, onde já vive há dois anos, não percebeu nenhum ato racista, pelo contrário, se sente familiarizado. Quando chegou, seu colega Manu apresentou a cidade e ele achou muito parecida com algumas ruas da cidade da Praia, capital de Cabo Verde. No Ceará ele não teve aproximação com a vizinhança, era de casa para universidade e vice-versa. Já na cidade baiana e se comunica com os vizinhos, assim como em seu país.

Ele entende que o comportamento racista de muitos brasileiros é decorrente da ignorância, falta de conhecimento e os vê como vítimas de tudo que vem acontecendo dentro de um sistema, como os pretos que não se reconhecem pretos e praticam atos racistas para com outro preto. Ele diz que uma pessoa que o trata diferente por ele ser preto, ele sente pena dessa pessoa, porque não teve oportunidade. Mas existem aquelas que sabem da história e continua com o mesmo comportamento de preconceito e discriminação. Ele disse que no Brasil não se sente discriminado, apesar de ter acontecido o caso da pizzaria, mas lembrou de mais duas situações: “Uma vez em Fortaleza, andando em uma calçada, uma senhora estava vindo na nossa direção, quando estávamos próximos a senhora agarrou a bolsa dela e o colega falou assim: ela agarrou porque achou que você iria assaltar”. A outra situação foi: “Outra vez também estavam duas meninas na parada do ônibus, a gente estava indo para a parada pegar ônibus [...] Nossa! A gente está causando susto nas pessoas e fiquei curioso em entender, dizem que em Fortaleza acontecem assaltos, [...] então são só as pessoas negras que assaltam?”.

Eu perguntei, durante a entrevista, para o estudante, se ele conseguiu chegar a alguma resposta nos questionamentos que fez, ele respondeu que os estudos e a sua vivência no Brasil o fez entender a posição que o negro é colocado na sociedade brasileira. Ele percebeu no Rio de Janeiro, quando observou que os garis eram todos negros, e disse ter sido preparado para ver tais coisas no Brasil, principalmente no RJ, que já conhecia através das imagens das telenovelas, as

paisagens, o Cristo Redentor, a praia de Copacabana, só cenas bonitas. Mas que ao chegar à cidade carioca pode a ver outras realidades, associando com a sua realidade.

Com relação à permanência, ele respondeu que quando chegou à Bahia não havia planos de permanecer, a intenção era só de concluir os estudos, mas que agora já não sabe o que o futuro o reserva. Com relação à habitação, no início ficou hospedado na casa de um cabo-verdiano, Dani, na primeira semana, e depois foi procurar casa para morar, não via nada que o agradasse, depois uma colega cabo-verdiana o convidou para morar com elas, Jacica e Gisele. Já o colega angolano que chegou com ele ficou hospedado na casa de outros angolanos e depois conseguiu uma quitinete.

Nilton, por ser caseiro, não participa muito das festas da cidade, mas já foi para festas na casa de vizinhos, disse que sua diversão é fazer exercícios na academia e na praça da orla.

Foi vítima de assédio no Ceará, com um amigo indo para aula, havia uma menina que estava interessada neste amigo. Ele explica que aprendeu que assédio é quando uma pessoa não quer e a outra insiste, já ele havia entendido que era elogio. Ele disse ter sido abordado por homossexual e ficou bastante constrangido. Ele acredita que isso é reproduzido de forma inconsciente. Ele diz não concordar com práticas machistas, principalmente quando participou de reuniões de mulheres que abordam tal assunto. Ele entende que foi uma construção ao longo do tempo, em que as mulheres são inferiorizadas.

Ele finaliza a entrevista dizendo que a formação da UNILAB é de qualidade e espera que haja a oportunidade de aplicar na sua sociedade para contribuir. É um local que lhe despertou curiosidade. O seu projeto de pesquisa, dentro dos cursos de RI é sobre a cibernética, mas também tem interesse na segurança alimentar, entre outros.

### 3.4 JACICA HELENA LOPES FERNANDES

Jacica tem 30 anos de idade, cabo-verdiana, do sexo feminino, heterossexual, religião católica, se auto identifica de cor preta. Quando pergunto sobre o grupo étnico, assim como os demais entrevistados, de imediato responde que não tem, mas depois refletem e de acordo com a posição geográfica do local onde nasceu, ilha de Santiago, logo me responde se considera *badia*, estado civil solteira, tem um namorado há dois anos, no Brasil, não tem filhos, só estuda, cursa pedagogia, no 6º semestre. Jacica entrou em 2016 na UNILAB para cursar BHU e de pois

pedagogia, sempre teve interesse na área de educação, foi a sua primeira escola o curso. Pretende dar continuidade aos estudos no Brasil, e após concluir os estudos pretende voltar ao seu país para contribuir com o conhecimento adquirido no Brasil.

Teve acesso a UNILAB através do irmão de Sônia, sua amiga e colega, que a ajudou a fazer o preenchimento da ficha de inscrição online e adquirir as informações sobre a documentação. Ela ressalta que não há muita divulgação da universidade em Cabo Verde, geralmente as pessoas ficam sabendo através de alguém que teve acesso.

Jacica relata que quase desistiu de estudar na UNILAB, pelo volume de documento que precisava providenciar: “Eu, por pouco, não desisti, porque eram muitas informações, as vezes eu ficava perdida, o que mais me dificultou foi o Termo de Responsabilidade<sup>20</sup>” (FERNANDES, 2019). A estudante explica que, as vezes na família não tem uma pessoa com a renda de no mínimo 300 dólares.

Após o resultado da seleção final, a embaixada realizou uma reunião com os/as estudantes selecionados para fazer uma breve apresentação sobre a ida deles/as para UNILAB. Quanto à bolsa de auxílio, o valor é atualmente, R\$ 530,00, inclui alimentação e moradia.

### 3.5 SÔNIA MARIA RAMOS GONÇALVES

Sonia, tem 23 anos, cabo-verdiana, sexo feminino, heterossexual, se considera da religião católica, auto declara de cor de pele preta, por haver nascido na ilha de Santiago, a estudante informa pertencer ao grupo étnico Badiu. É solteira, tem um namorado que também vive no Brasil, há 3 anos, não tem filhos, somente estuda, cursa pedagogia, no oitavo e último semestre (dez. 2019). Sonia entrou na UNILAB para cursar BHU em 2015 e deu prosseguimento com o curso de pedagogia em 2017. Sônia pretendia fazer um curso na área de exatas, contudo deu preferência a estudar na Bahia, mesmo sabendo que não havia nenhum curso de exatas no Campus dos Malês. Seu projeto é dar continuidade aos estudos, com o mestrado, depois retornar para Cabo Verde e, segundo a estudante, talvez retornará ao Brasil, após alguns anos, para fazer o doutorado, dependendo das oportunidades de trabalho que encontrará em seu país.

---

<sup>20</sup> Documento de comprovação de renda de no mínimo 300 dólares de alguém de responsabilizando em garantir a manutenção do/a estudante durante o período que estiver na universidade.

Sônia pontua sobre a pouca divulgação sobre a UNILAB, em Cabo Verde. Ela vê como um entrave para o acesso dos estudantes cabo-verdianos na universidade, assim como a dificuldade de deslocamento e custo dos moradores de outras ilhas, para obter as informações e realizar procedimentos na embaixada brasileira, localizada na capital, Praia, na ilha de Santiago. Por esta razão que a maioria dos estudantes atual na UNILAB, são provenientes do mesmo bairro, de duas cidades ou proximidades, na ilha de Santiago, porque um passa para outro, geralmente parentes e amigos.

Sônia tinha 18 anos quando se inscreveu para estudar na UNILAB, com ajuda do irmão que possuía um computador. A estudante lembra que se não fosse a ajuda do irmão, a mesma não conseguiria realizar nem mesmo a primeira etapa do processo seletivo, que é a inscrição online, por não ter nenhuma habilidade, na época, com informática. Ela reclama do tratamento dado pela embaixada brasileira, que, segundo a estudante, a representação diplomática não fornecia informações precisas e completas, o que a levou ter maior gasto com deslocamento da sua cidade, órgãos, para obter informações, quase todos os dias, para não passar a data de vencimento de cada etapa. A estudante só teve contato com o Centro Cultura Brasil Cabo Verde para a realização da prova.

Após o resultado positivo de sua seleção, começou a corrida para providenciar os recursos da viagem para o Brasil. Foi também requisito de seleção que a estudante apresentasse uma declaração de uma pessoa, com uma renda mensal mínima, no valor estipulado pela comissão avaliadora, para garantir o sustendo da estudante no Brasil, caso esta não seja contemplada com a bolsa de auxílio. Sônia recebe uma bolsa do PIBIC, no valor R\$ 400,00 e o auxílio no valor R\$ 530,00 (R\$ 380,00 moradia + 150,00 alimentação).

A FICASE, uma organização não governamental que tem apoiado muitos estudantes cabo-verdianos, forneceu passagem aérea para Sônia. Com a passagem em mãos, ela pode solicitar o visto, junto à embaixada brasileira. A estudante lembra que foi bem acolhida, desde a chegada ao aeroporto de Salvador até a sua instalação na cidade de São Francisco do Conde, contudo ressalta a dificuldade com acesso a serviço médico e revela que o procedimento de acolhimento aos novos estudantes tem sido bem diferente da sua época. Quanto à política de empregabilidade, no seu país, a estudante informou que, para conseguir emprego, é preciso ter indicação.

### 3.6 JOSÉ EDUARDO GARCIA DOS SANTOS

Edu, assim é chamado, antes chamado por Da, em Cabo Verde, tem 30 anos, cabo-verdiano, sexo masculino, heterossexual, se considera cristão, porém não segue nenhuma religião, se autodeclara negro, não tem muito conhecimento sobre o seu grupo étnico e diz: “Eu fico meio confuso, são coisas que estudamos no ensino básico e não revemos”. Em sua família também não se discute sobre o assunto. As perguntas relacionadas a família, Edu informa que seu estado civil é de solteiro, contudo tem uma namorada, de nacionalidade brasileira e baiana, há mais de três anos. O estudante não trabalha, sua única fonte de renda é a bolsa de auxílio, no valor de 530,00. Como pretende permanecer no Brasil, após concluir a graduação, porque fará o mestrado, seus planos é conseguir um emprego para poder se manter no Brasil. No momento da entrevista, o estudante já havia concluído o curso de BHU e estava no último semestre em Pedagogia e pretende fazer o mestrado na área de educação, porém ainda não sabe bem qual curso. Edu chegou na UNILAB em 2015, participou da seleção do edital de 2014,

Quando eu perguntei se cursar Pedagogia foi a sua primeira escolha, o estudante lembra que, ainda no ensino médio, em Cabo Verde, devido a vários fatores, apesar de ter tido boas notas, deixou a escola por duas vezes, e uma delas foi quando se desentendeu com o pai, que dava dinheiro do transporte para ir à escola, não queria mais aceitar ajuda paterna e preferiu deixar a escola. Contudo, gostava muito de estudar inglês, que no seu país se inicia o estudo no 7º ano, por esta razão retornou a escola, com mais foco. Porém, sabia que em Cabo Verde não conseguiria fazer a universidade, apesar de ter no país universidade pública, ainda assim é cobrada uma taxa mensal (valor equivalente de uma mensalidade de uma universidade particular), um valor aproximado de R\$ 400,00 mensais (nove mil escudos). Mas relata não perder as esperanças, e no momento, estava inscrito a um programa beneficente de apoio aos estudantes do ensino básico até a conclusão, no ensino secundário e até mesmo a universidade. Entretanto, para fazer a prova de acesso em uma universidade, em Cabo Verde, Edu precisava pagar a primeira mensalidade. O estudante ressalva que as bolsas para cursar a universidade, no país ou no exterior, muitas vezes não são direcionadas para os estudantes de baixa renda e sim para aqueles que, economicamente, tem maior possibilidade. A seleção para obter essas bolsas, em Cabo Verde, é realizada com parâmetro nas médias dos estudantes, então, mesmo ele possuindo boas médias, ainda assim não foi selecionado.

Logo que soube da UNILAB, através de um amigo que já estudava na universidade, preparou os documentos solicitados no edital e enviar cartas de solicitação de apoio para estudantes, nas instituições que financiam alguns custos do estudante que deseja cursar uma universidade no exterior. Ele solicitou também à prefeitura, que o ajudou com uma pequena contribuição em dinheiro, mas a UNICEF pode pagar a sua passagem aérea para o Brasil. Porém, todas as despesas com a documentação foram pagas com o próprio dinheiro de Eduardo e com ajuda da sua família.

Quando perguntado sobre o seu projeto para o futuro, Eduardo responde de novo que deseja fazer o mestrado, conseguir um trabalho e constituir uma família, porque sempre foi o seu desejo, como também ajudar a sua família de origem. Edu, apesar de desejar retornar ao seu país, após concluído os estudos, porque lá está a sua família, também ressalta que é preciso se adaptar ao lugar que oferece mais condições para viver, o estudante diz que onde ele conseguir trabalho ele fica. Percebe também que na Bahia não oferece muitas possibilidades, assim como em Cabo Verde.

Ele teve conhecimento da UNILAB, através do irmão da Sônia, a estudante citada acima, que tinha amigos já estudando no Brasil, e foi através destes que as informações chegaram até ele. O irmão de Sônia, por estar já estudando na Universidade de Cabo Verde (UNICV), estava mais familiarizado com o processo de candidatura para ingressar em uma universidade, e também tinha mais habilidade com a informática, assim pode consultar o site da UNILAB e ajudá-los no processo.

O estudante relata que o contato com a Embaixada Brasileira, em Praia, foi complicado: “Uma estagiária brasileira, esqueci o nome dela, ela é muito difícil. Como se ela quisesse que a gente não viesse para cá, entende? A primeira informação que ela deu foi: “Se fosse você desistia, porque o Brasil está em uma situação econômica difícil... é complicado”.” Eu, então, pergunto se a essa pessoa é negra ou branca e Edu me responde que é branca. Ele continua: “Imagina, a gente com toda aquela angústia, com todo aquele problema financeiro e com todo aquele medo, você receber uma notícia dessa... a gente ficou assim... Eu só não desisti porque já tinha gastado todo o meu dinheiro, então eu disse: Tenho que ir até o fim, tenho que tentar”. Eu cheguei até dizer que iria desistir, mas Sônia foi atrás de mim... Se eu desistisse, ela também iria desistir, porque estávamos com a mesma angústia [...]”. Eduardo recorreu também ao Centro

Cultural Brasil-Cabo Verde, para obter informações e relatou o que havia acontecido na embaixada.

Entre os documentos solicitados, ele lembra que precisou apresentar também uma termo de responsabilidade financeira, registro criminal, o histórico escolar e identidade. Para cada documento teve que pagar um valor para retirar e reconhecer firma em cartório. Ele ressalta que uma pessoa pobre que não tenha ajuda de ninguém não poderá participar desse processo seletivo. Tais documentos devam ser providenciados após aprovação na prova de redação (à sua época era exigida apenas esta prova).

Com relação a política de empregabilidade em Cabo Verde, Eduardo informa: “É bem difícil, o trabalho lá tá complicado, o mercado está saturado. Cada concurso traz elementos novos, fica mais difícil para que está ingressando”.

No momento da entrevista, o estudante recebia, além da bolsa de auxílio, uma bolsa do PIBIC, no valor de R\$ 400,00 que tem duração de no máximo um ano. Com esse dinheiro ele pagava aluguel, luz, água, alimentação, material de estudo e transporte, quando não conseguia pegar o transporte universitário.

Edu informou que já acessou o serviço de psicologia da universidade, quando precisou conversar com psicólogo, por apenas uma vez. O estudante considera que em sua época o acolhimento, desde a chegada no território baiano, foi melhor, comparando com as turmas estrangeiras que chegaram antes dele, porque não haviam nenhuma estrutura de recepção, ficavam hospedados na pousada da cidade, sem alimentação garantida. Estes primeiros estudantes mobilizaram-se para que os próximos não sofressem tantas privações e graças a eles que Eduardo e outros que chegaram em sua época tiveram melhor tratamento, assim como acesso às refeições diárias. Logo em seguida vieram os cortes no orçamento pelo governo brasileiro, os recursos para a manutenção dos estudantes estrangeiros foram limitados, o que levou a universidade criar outra forma de hospedar, temporariamente, os estudantes recém-chegados.

No que diz respeito à relação de Edu com os professores, o estudante relata que sempre foi tranquila, mas sabe de alguns casos de conflitos com seus colegas. Eduardo diz que nunca notou diferença de tratamento entre professores negros e brancos para com ele, mas no que tange à relação entre os estudantes brasileiros, negros, brancos, homens e mulheres, diferentes orientações sexuais, Edu diz ser muito complexo, ele considera que muitas vezes não existe a inclusão dos estudantes africanos no convívio com os brasileiros.

A qualidade de ensino na universidade, segundo Edu, é boa, porque contribui com o conhecimento para muitos estudantes, mesmo os do continente, porque as informações ainda são bastante limitadas em seus países, e a UNILAB traz uma proposta decolonial e de desconstrução de um sistema que é egocêntrico e conservador. O estudante ressalta que passou a conhecer mais o seu país e o continente africano, a partir das aulas na UNILAB. Ele reconhece que, por interferência do sistema educativo cabo-verdiano, muitos dos nacionais não se consideram africanos, enfatizando que são da costa africana, devido à localização geográfica, desconsiderando todo o processo histórico de formação da população desse país, inclusive o desconhecimento da origem da língua crioula, falada entre eles, desde o nascimento, sendo portanto a verdadeira língua materna.

Eduardo diz de não haver passado por experiência de racismo, xenofobia, porém presenciou os colegas passarem. Vale ressaltar aqui que Edu tem a tonalidade de pele um pouco mais clara que muitos outros estudantes africanos, requisito este que influencia no tratamento recebido por pessoas brasileiras, conduzidas pelo pensamento racista do imaginário do que seja a fisionomia de uma pessoa africana. Edu lembra: “Tem muitas pessoas que já me paravam e falavam assim: Poxa você não é africano! Um dia peguei carona no ônibus escolar, o motorista parou para mim e não parou para os outros e disse: eu não vou parar para esses africanos. Quer dizer, ele não me tomou como africano [...]”. O estudante observou que no imaginário do povo sanfranciscano, o africano são aquelas pessoas com traços mais fortes. Tais impactos culturais, junto com o distanciamento da família, torna mais difícil a permanência dos estudantes PALOP da UNILAB, contudo as ocorrências constrangedoras com a população da cidade vem diminuindo com o passar do tempo, porque o estudante começou a se adaptar, fazer amizades, focar nos estudos, pegar o ritmo, assim como se acostumar com a ausência física da família. Eduardo, durante os cinco anos no Brasil, na Bahia, em São Francisco do Conde, passou pela experiência das perdas de familiares, seu irmão, seus avós, seus tios e só pode visitar a sua família, em 2018.

Com relação ao acesso à habitação, o estudante disse ter tido receio se teria lugar para morar, mas os seus colegas que já estavam instalados na cidade o tranquilizaram, e quando ele e mais duas colegas chegaram, ficaram na casa de outros estudantes, convivendo seis pessoas em uma casa. Porém, a proprietária não quis mais alugar e eles tiveram que se separar para buscar outro alojamento. Edu ressalta que a relação com os proprietários das casas é só financeira, com um certo distanciamento e bastantes regras. O estudante teve que se mudar por 4 vezes, o que

considera um problema, por ser cansativo e causar prejuízo, todas as vezes que precisa deslocar os móveis de um lado para outro. Apesar desses entraves, Edu fez algumas amizades na cidade e participa das festas locais.

O estudante considera que não houve melhora, com relação ao acesso e permanência na universidade, desde a sua chegada até a chegada dos novos estudantes, em dezembro de 2019. A expectativa com a UNILAB é que continue com as suas propostas de educação, fazer com que as pessoas se reconheçam enquanto negras, ter acesso aos empregos e finaliza dizendo: “Não só uma questão de formação e descolonização, mas como também uma questão de sobrevivência de formar pessoas que consigam através dos seus empregos se manter e manter suas famílias”. O estudante, por fim, deixa a mensagem de que a UNILAB nunca deixe de ser um projeto de integração, entre uma cidade negra brasileira e os países africanos e espera que a comunidade de São Francisco participe dos cursos de extensão, promovido pela universidade.

O seu projeto proposto para o curso da área humana da UNILAB é que seja agregada à parte técnica, como por exemplo, a parte gramatical no curso de Letras. Isso porque, segundo o estudante, o quesito gramatical ainda é muito solicitado nos concursos. Reconhece os esforços da universidade em oferecer um novo currículo, na tentativa de combater o preconceito linguístico, contudo Edu ressalta que, na prática, quando buscar se inserir no mercado de trabalho, será solicitada essa parte técnica, e sem essa formação é como se estivesse um passo atrás dos seus concorrentes. Por esta razão ele enfatiza a inserção da parte gramatical no conteúdo programático do curso de Letras, sem sobrepor o conteúdo humano que já é ensinado.

Considerei importante, além de entrevistar os estudantes, cabo-verdianos, na UNILAB, também a assistente social da instituição, Leila, que compartilhou preciosas informações técnicas, já citadas acima. Contudo, nas metas que planejei, incluí a realização de entrevistas com pessoas na cidade de São Francisco do Conde as quais, de alguma forma, tinham contato direto com os estudantes. Foi então que tive a oportunidade de entrevistar um médico pediatra que atendia no posto de saúde da cidade, Dr. Gilmar Marques. Quando fiz a pergunta se ele tinha conhecimento da origem dos seus pacientes africanos, ele respondeu que, embora não tinha certeza, fossem a maioria de Cabo Verde. O doutor explica que não gravou porque, para ele, era o que menos importava: “Eram pacientes para serem atendidos, para mim eram pacientes do município”. Dr. Gilmar continua explicando que, em virtude de se tratar de pacientes que não apresentavam nenhuma patologia importante e estavam ali para fazerem apenas exames de rotina, a

nacionalidade não o chamou atenção, embora tenha anotado. Eram crianças, na maioria, bem pequenas, o médico fazia consulta de rotina, avaliação de tamanho, de crescimento, se estavam fazendo um bom desenvolvimento psicomotor, mas nada em termo de doença. Dr. Gilmar, observou que as crianças eram acompanhadas pela mãe e muito comumente pelo casal, mãe e pai. Mas o que lhe chamou mais atenção é que os dois jovens adultos eram africanos, não havia mistura, relação entre brasileiros e africanos, o que lhe pareceu bastante estranho, confessa: “Para mim é bastante estranho, por eles morarem aqui poderiam ter uma mistura maior”.

Quando perguntado se o médico havia escutado dos estudantes, genitores das crianças atendidas por ele, queixas, comentários sobre a sua ambientação, instalação na cidade, ele responde que percebeu condições muito variadas, disse: “Havia casais que chegavam com aspectos, digamos, razoáveis, tiveram casais que chegaram com aspecto de terem uma condição mais ou menos, nenhum chegou com a condição muito ruim”. O médico observou também que todas as crianças eram bem cuidadas e ele não tinha nenhuma observação a fazer em relação às crianças. Dr. Gilmar lembrou que as queixas dos estudantes eram relacionadas ao preconceito dos brasileiros, os comentários que ouviam, das pressões que sofriam por estarem fora da África. O médico ressaltou achar um absurdo, extremamente sem noção por parte dos brasileiro, comenta,

Brasileiro vai para todo lugar do mundo, por que as pessoas de fora não pode vir para o Brasil? Brasileiro se encontra em faculdades em todos lugar do mundo, por que não pode ter estrangeiros em faculdades brasileiras, não faz sentido na minha cabeça, é falta de educação mesmo do brasileiro (MARQUES, 2019).

O médico informou que também as queixas eram relacionadas às questões culturais, mas que não ficaram tão claras para ele, porque estes jovens, mães e pais das crianças atendidas, eram discriminados dentro da faculdade. Dessa forma, dando continuidade ao roteiro da entrevista, foi perguntado: “O que os estudantes africanos mais querem e não têm?”. O médico respondeu: “Ser respeitados.” (MARQUES, 2019). Dr. Gilmar enfatiza que estes devem ser respeitados como serem humanos, porque somos todos negros, os brasileiros, são de alguma forma negros, embora mestiços, mas são negros, ressalta:

Por que discriminar uma pessoa, porque veio da África... se fossem americanos discriminariam? Se fosse um europeu, um japonês, discriminariam? Por que discriminar pessoas que são irmãos nossos, praticamente, que são aparentados na língua, são aparentados na raça, por que discriminar? Não faz sentido, na minha cabeça não faz nenhum sentido.

O médico também fez a observação de que estes estudantes não saíram dos seus países confortavelmente, de perto das suas famílias, de todo apoio social, o que, segundo Dr. Gilmar analisou, não deve ser confortável nem fácil. Portanto, esta já é uma dificuldade, não teria porque os brasileiros criarem mais uma dificuldade, mais um problema para estes estudantes: “Eles querem condições melhores de vida, tanto querem que saíram dos seus países para isso, para estudar”. Dr. Gilmar, admite que os estudantes africanos não irão conseguir que todos os brasileiros tratem eles de forma digna.

Quanto à idade média dos pais, estes aparentavam ter entre 18 e 25 anos de idade. Repete que, frequentemente, os pais acompanham, junto com as mães das crianças, nas consultas. Eles fazem perguntas, são cuidadosos, inclusive aconteceu também de o pai ir sozinho com a criança, e finaliza dizendo: “Eu acredito que são casais em que as responsabilidades são divididas, não são tão machistas, como costumamos ver aqui no nosso país” (MARQUES, 2019).

#### 4. COLETIVO DE MULHERES AFRICANAS - CMA

**Figura 14:** Manifestação do CMA (2016) contra o racismo, xenofobia e machismo.



**Fonte:** Coletivo de Mulheres Africanas – CMA, 2018

Para esse debate, me apoio ainda no autor Hampâté Bâ, em seu livro intitulado *Amkoullel, O Menino Fula*, onde o autor atribui relevante importância à mulher, que é valorizada em vários sentidos, da família a política, liberta da visão equivocada de mera reprodutora. Visão esta que ainda se faz presente na mentalidade dos homens brasileiros, baianos, que reproduz quando se confronta com as estudantes PALOP da UNILAB, gerando a necessidade de se criar um Coletivo de Mulheres Africanas (CMA), para se protegerem e realizarem atividades que as possibilitem levar conhecimento sobre as suas culturas de origem para a sociedade local, através de intervenções em escolas, trocas com grupos de mulheres da região, seminários e encontros dentro da própria universidade. Antes do surgimento do CMA, na UNILAB da Bahia, *Campus* do Malês, houve a primeira fase da criação em 16 de outubro de 2015, para formar um grupo de mulheres africanas e brasileiras negras da diáspora, a partir do seguinte pensamento:

A gente pensava assim: os problemas que a gente passa, as meninas brasileiras negras passam, a gente tem as nossas especificidades, tipo a gente sofre como sendo mulheres e como sendo mulheres negras e as mulheres negras aqui na diáspora sofrem a mesma coisa. Então, vai algumas diferenças por que a gente vem de várias lutas, da nossa tradição, desenvolvimento, sistema colonial... e tem outros contextos que são específicos do feminismo africano, agente tem vários pontos em comuns, então vamos fazer um espaço onde tem mulheres negras brasileiras e mulheres africanas, a gente vai se dialogando, vai se falando e vamos fazendo uma espécie de troca de experiência [...] (J. 2018).

Contudo, elas perceberam que existiam muitas formas diferentes de pensar entre as mulheres negras da diáspora e as mulheres africanas, também a necessidade de acolhimento das mulheres africanas que engravidam após chegar ao Brasil, outras que deixam seus filhos em seus países para virem estudar e poder oferecer melhores condições para eles, ao retornarem. Assim surge o Coletivo de Mulheres Africanas, em 2016 para discutir, entre outras coisas, o conceito de feminismo na perspectiva da mulher africanas dos PALOP, devido à dificuldade de entendimento entre brasileiras e africanas sobre vivências de gênero, que perpassa inclusive pela discussão do feminismo.

Utilizando a metodologia de entrevista em profundidade, precisei realizar diversos encontros com a estudante Naentrem, repetindo as mesmas perguntas, como: o que levaram vocês a criar um coletivo só de mulheres do continente africano? Embasei-me nos autores Bogdan e Taylor (1975), os quais chamam de entrevista em profundidade a entrevista aberta ou semiestruturada seguida de um encontro, ou uma série de encontros face a face entre pesquisador e atores, visando a compreensão das perspectivas das pessoas entrevistadas sobre sua vida, suas experiências, expressas na sua linguagem própria (MACEDO, 2004 *apud* BOGDAN e TAYLOR, 1975, p. 166).

As estudantes africanas, além de enfrentarem as mesmas dificuldades dos estudantes africanos do sexo masculino, que são oriundas de um forte choque cultural e identitário, ao se deparar com o racismo, preconceito, discriminação racial e xenofobia, também enfrentam o machismo e sexismo existente na sociedade brasileira, o que dificulta, sobremaneira, a adaptação e permanência simbólica de tais jovens no cotidiano de uma pequena cidade do Recôncavo da Bahia, onde está instalado o *Campus* do Malês, mais recente da UNILAB. O protagonismo feminino e as iniciativas feministas vêm tomando força nas discussões e ações sociais, sobretudo no que se refere à violência contra as mulheres e a representação política, o que favorece e incentiva as mulheres africanas quando chegam ao Brasil.

Entre as atividades promovidas pelo CMA, são priorizados os encontros entre elas, para se fortalecerem e se apoiarem, mantendo tradições, como exemplo, a tradição trazida pela escritora moçambicana Paulina Chiziane: “Venho de uma tradição africana bantu, que tem uma forma de lidar com a emissão de mensagens a partir da oralidade”, afirma ela, cuja primeira escola de arte foram as rodas de fogueira em sua casa (CHIZIANE, 2017). Também a escritora Sobonfu Somé, cujo nome já significa “a mantenedora do ritual”, reforça a importância de uma cura compartilhada, ao dizer: “Chorar em comunidade oferece algo que não podemos conseguir quando choramos sozinhas. Através da validação, reconhecimentos e testemunho, o lamento comum nos permite experimentar um nível mais profundo de cura e libertação” (SOMÉ, 2012).

Atualmente, uma das grandes preocupações do coletivo ainda é a institucionalização do CMA, para garantir a continuidade dos trabalhos, pelas próximas alunas que chegarão a UNILAB. Entretanto, o CMA já possui um estatuto, parceria com a prefeitura de São Francisco do Conde e o reconhecimento pela universidade.

O Coletivo de Mulheres Africanas (CMA), formado por mulheres intelectuais africanas, agentes de mudança no continente Africano e em toda Diáspora Africana, com a participação ativa das estudantes africanas da UNILAB, tem trazido contribuições necessárias para o resguardo dessas mulheres.

#### 4. 1 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS INTEGRANTES DO CMA

Os relatos aqui apresentados serão, a rigor, um instrumento para a construção de uma teoria, a respeito do problema que é dado pelo racismo à brasileira que se apresenta como uma

profunda rejeição que está internalizada no imaginário do consciente brasileiro, sobre a África e os africanos, rejeição que perpassa pela nossa própria condição de negros e negras. Esses relatos são reflexos de toda problemática vivenciada pelos/as africanos/as e, ao mesmo tempo, é uma demonstração de como se define e funciona o racismo no Brasil, que é a rejeição por negros e negras e a rejeição aos valores imateriais, em permitir um apagamento da África e de uma herança civilizatória, filosófica, cultural, que revela a África que há em nós.

Algumas estudantes da UNILAB, do *Campus* do Malês, relataram ofensivos tratamentos por parte dos homens da cidade:

[...] O que eu sofro mais dos homens daqui, dessa cidade, é assédio. Eu morava na Baixa Fria, perto da faculdade, quando eu saía todos os dias para ir para faculdade tinha grupos de homens que ficavam sempre no mesmo local, quando eu passava começavam comentários de assédio: “nossa que africana gostosa, eu queria provar para saber se é igual a mulher brasileira...eu queria casar com você, eu vou lá na África para casar com uma mulher africana”. Então são esses tipos de comentários que não me deixam a vontade, entendeu? Quando você for perguntar vão dizer é um elogio, mas para mim não é um elogio. Vocês têm que entender que a realidade daqui do Brasil e lá é diferente...não mas tipo, ele gostou de você... quando você gosta de uma menina você chama ela de gostosa? Você não pode me chamar de gostosa, você nunca foi para cama comigo, só quem pode me chamar de gostosa é a pessoa que já foi para cama comigo, ele sim sabe se eu sou gostosa ou não, entendeu? Então para mim chamar alguém de gostosa reflete isso, entendeu? [...] (estudante guineense. 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi verificado até o momento, a cooperação internacional acadêmica, através da UNILAB, tal como se apresenta, é uma excelente opção de formação universitária para estudantes guineenses, são-tomenses, angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos. Muitos destes passam a conhecer melhor sobre a história do seu continente a partir do contato com as disciplinas oferecidas na grade curricular dos cursos da universidade.

Contudo, para fortalecer o acordo de cooperação internacional entre o Brasil e os países membros da CPLP, faço aqui algumas sugestões de iniciativas:

1. Criar um núcleo de Relações Internacionais na UNILAB para articular a comunicação com os representantes do governo de cada país parceiro;
2. Considerar as áreas que necessitam de técnicos capacitados para atuar em cada país, oferecendo cursos que possam suprir tais necessidades;
3. Investir na capacitação dos professores das escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio das cidades onde a UNILAB está implantada, fazendo valer as Leis de nº 10.639/2003 e de nº 11.645/2008, oferecendo vagas nas disciplinas que abordam a história do continente africano e seu povos;
4. Informar os candidatos, ainda em seus países de origem, quanto aos trâmites legais, questões burocráticas, acesso a saúde pública, relações raciais no Brasil.

Nessa perspectiva, o produto escolhido para a conclusão do mestrado, o livro informativo intitulado “*Modi Ki é Studa na Brazil?*”, que significa em português “Como é estudar no Brasil?”, voltado para estudantes do Ensino Médio, trará informações prévias, tanto na língua Krioula quanto em Português, que servirá para todos os PALOP, porém o objetivo neste momento é disponibilizá-lo nas escolas de Ensino Médio em Cabo Verde, bem como na Embaixada Brasileira e Centro Cultural Brasil-Cabo Verde. Para tanto, será necessário contar com o apoio financeiro do governo local, através do Ministério de Educação para a distribuição do material impresso. A pretensão é também de criar um documentário a partir de todas as falas escutadas e registradas durante os 15 dias em Cabo Verde.

Para que maior número de estudantes africanos possa ter acesso aos estudos na UNILAB, fazendo valer a sua proposta inicial, é necessário melhor ação diplomática com as Embaixadas e órgãos governamentais nos países parceiros CPLP, bem como estabelecer relações também com

as organizações não governamentais- ONG, instaladas principalmente nos interiores de cada país, através da própria representação brasileira que normalmente está localizada na capital, facilitando o acesso dos estudantes das regiões mais afastadas.

Com o objetivo de melhorar o processo seletivo, para que se torne mais acessível e compreensível, é importante considerar a diversidade cultural entre os países integrantes desse projeto de cooperação acadêmica. Para isso, é fundamental que haja um professor ou técnico de nacionalidade de cada país na comissão de avaliação do processo seletivo.

Foi observado que o sistema de formulário eletrônico não atendia à linguagem de um sistema educacional de alguns países, a exemplo de Cabo Verde, que tem como critério de avaliação de desempenho: Insuficiente (Ins); Suficiente (Suf); Bom; Muito bom. Porém, o formulário eletrônico na seção em que deverão informar as notas de cada disciplina do Ensino Médio só admite informações em números, deixando muitos estudantes excluídos do processo. Foram pontuadas observações e reclamações por parte do corpo docente e discente, bem como as minhas contribuições, ao entrevistar o Pró-Reitor de Relações Institucionais (PROINST), Prof. Dr. Max César de Araújo, ocasião em que estive em visita ao Campus dos Malês e, gentilmente, me encaminhou para continuar a entrevista, por e-mail e telefone, com os técnicos do setor, na sede, no Campus dos Palmares, localizado no Ceará.

A escolha em delimitar o material para os cabo-verdianos foi movida pela oportunidade de ter conhecido, até o momento, somente o país Cabo Verde, entre os PALOP, e de haver entrevistado as famílias de alguns dos sujeitos da pesquisa, os estudantes cabo-verdianos da UNILAB. Trata-se de um “projeto piloto”, para que seja distribuído nas escolas de Ensino Médio de todos os membros PALOP, mas que inicialmente poderá ir diretamente para as escolas, principalmente das zonas rurais e interiores das ilhas de Cabo Verde.

A ocasião em que eu estive em Cabo Verde possibilitou-me visitar o bairro São Loreço dos Órgãos, onde moram as famílias de Eduardo e de Sônia. Ao realizar as entrevista com os genitores de cada estudante, percebi não somente nas falas, mas também nos olhares, a expectativa que estes depositam na UNILAB em proporcionar uma formação e, por consequência, maiores oportunidades nas vidas dos seus filhos. Tal desejo é o que sustenta o desafio de terem seus filhos tão distantes, do outro lado do Atlântico.

## REFERÊNCIAS

ABNT. **Guia Prático de Citações e Referências Segundo as Normas ABNT**. Disponível em: <http://www.citethisforme.com/pt/normas-abnt>. Acesso em: 08 set. 2019.

African Development Bank (AfDB) Group. Disponível em: <https://www.afdb.org/en>. Acesso em: 03/05/2020.

\_\_\_\_\_. **Angola**. Disponível em: <https://www.afdb.org/en/countries/southern-africa/angola>. Acesso em: 04/05/2020.

\_\_\_\_\_. **Moçambique**. Disponível em: <https://www.afdb.org/en/countries/southern-africa/mozambique>. Acesso em: 04/05/2020.

\_\_\_\_\_. **Guiné-Bissau**. In: <https://www.afdb.org/en/countries/west-africa/guinea-bissau>. Acesso em: 04/05/2020.

\_\_\_\_\_. **São Tomé and Príncipe**. In: <https://www.afdb.org/en/countries/southern-africa/sao-tome-and-principe>. Acesso em: 04/05/2020.

\_\_\_\_\_. **Cabo Verde**. In: <https://www.afdb.org/en/countries/west-africa/cabo-verde>. Acesso em: 04/05/2020.

ÁFRICA – **Documentário aborda experiências de estudantes dos Palop no Brasil**. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/noticias/2014/08/22/documentario-aborda-experiencias-de-estudantes-dos-palop-no-brasil/>. Acesso em 27/10/2017.

ALVES, Rita de Cássia Dias Pereira; NASCIMENTO, Cláudio Orlando C. do. **Invenção de si: Implicações, Multirreferencialidade e Formação para a diversidade**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 23-40.

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **Metodologia e pré-história da África** - História Geral da África da Unesco, 2010.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o Menino Fula**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2013.

BRASIL, Embaixada da República de Cabo Verde. **Símbolos Nacionais**. Disponível em: [http://www.embcv.org.br/portal/modules/mastop\\_publish/?tac=S%EDmbolos\\_Nacionais](http://www.embcv.org.br/portal/modules/mastop_publish/?tac=S%EDmbolos_Nacionais). Acesso em: 14 jul. 2019.

BRASIL. Ministério de Relações Exteriores. **República de Cabo Verde**. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4899-republica-de-cabo-verde>. Acesso em: 28/07/2019.

BRASIL. **Presidência da República Casa Civil**. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BRASIL. Ministério de Relações Exteriores. **República de Cabo Verde**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4899-republica-de-cabo-verde>. Acesso em: 14 ago. 2019>.

CIA, Central Intelligence Agency. Library. **Disponível em: The World Factbook**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/>>. Acesso em: 05/05/2020.

\_\_\_\_\_ **Angola**. In: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/ao.html>. Acesso: 05/05/2020.

\_\_\_\_\_ **Mozambique**. In: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/mz.html>. Acesso em: 05/05/2020.

\_\_\_\_\_ **Guiné-Bissau**. In: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/pu.html>. Acesso em: 05/05/2020.

\_\_\_\_\_ **São Tomé e Príncipe**. In: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/tp.html> Acesso em: 05/05/2020.

\_\_\_\_\_ **Cabo Verde**. In: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/cv.html>. Acesso em: 05/05/2020.

CIDADE Velha. Cidade **Velha Patrimônio Mundial da UNESCO**. Disponível em: <<http://cidadevelha.com/>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

CHIZIANE, Paulina. “**Temos que nos perguntar se somos livres ou escravos**”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/temos-que-nos-perguntar-se-somos-livres-ou-escravos-afirma-paulina-chiziane/>. Acesso em: 03 nov. 2018.

CHIZIANE, Paulina. **Nikette**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

CITELI, Maria Teresa. **As Desmedidas da Vênus Negra**: gênero e raça na História da Ciência. *Novos Estudos CEPRAP*, n.61, nov. 2001, p. 163-175.

CMA. Coletivo de Mulheres Africanas. **Te incomodo por ser feminista africana?** Disponível em: <http://cma.filosofiapop.com.br/index/index.php/2017/11/20/te-incomodo-por-ser-feminista-africana/>. Acesso em 13 set. 2018.

DIALLO, Alfa Oumar. Ciclo de debates: **Direito Internacional**: Nova Lei de Migração e African@s no Brasil. UNILAB, *Campus dos Malês*, nov. 2018

DIOP, Cheikh. *The African Origin of Civilization: Myth or Reality*. Chicago: Lawrence Hill & Co., 1974, [Tradução: Mercer Cook.], p. 508.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro. Malê 2017.

FICASE. Disponível em: <<https://ficase.cv/>>. Acesso em: 12/11/2019.

\_\_\_\_\_ **Sobre Nós**. In: <<https://ficase.cv/?page=sobre>>. Acesso em 15/05/2020.

FURTADO, Cláudio Alves. **Raça, Classe e Etnianos Estudos sobre e em Cabo Verde: As Marcas do Silêncio**.

HALL, S. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Organização: Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2003.

GEOGRÁFICO Guia. Mapa de Cabo Verde. **Ilhas do Sotavento e Barlavento**. Cape Verde map. Santiago, Maio e Figueira da Horta. São Domingos, Ilhéus do Rombo e Cidade Velha. Disponível em: <http://www.africa-turismo.com/mapas/cabo-verde.htm>. Acesso em: 28 jun. 2019

GOMES, Patricia Alexandra Godinho. As outras vozes: Percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau. **Odeere**: revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Ano 1, número 1, janeiro – junho de 2016.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálises**, Florianópolis, v. 10, p. 83-92, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0910spe.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HENRIQUES, Joana Gorjão. Cabo Verde: "Ser africano em Cabo Verde é um tabu". **Mito da mestiçagem**. Disponível em: <https://acervo.publico.pt/mundo/noticia/ser-africano-em-cabo-verde-e-um-tabu-1718673>. Acesso em: 15 dez. 2018.

HENRIQUES, Joana Gorjão. **Mito da Mestiçagem**. Ser africano em Cabo Verde é um tabu. Acervo Público Disponível em: <https://acervo.publico.pt/mundo/noticia/ser-africano-em-cabo-verde-e-um-tabu-1718673>. Acesso em: 28/06/2019.  
<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-tradicao-viva.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

IBGE. São Francisco do Conde. **História**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/historico>. Acesso em 08 jul. 2019.

IHL, UNILAB. **PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/PPC-Pedagogia-em-Revis%C3%A3o-18-de-setembro-2018.pdf>. Acesso: 03 jan. 2019.

LANGA, E. N. B. **Memórias de um estudante-imigrante**. Revista Pelegrino, v. 14, p. 14-14, 201

LANGENES, Barent. **Mapa de Cabo Verde – 1598**. Guia Geográfico - Mapas históricos africanos. Disponível em: <http://www.africa-turismo.com/cabo-verde/mapa-antigo.htm>. Acesso em: 28 jun. 2019.

MAPS Google. **São Francisco do Conde**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/S%C3%A3o+Francisco+do+Conde,+BA/@-12.6980081,-38.7908348,10z/data=!4m5!3m4!1s0x715d843891f3e2f:0x4f89a6d6ae0a35b6!8m2!3d-12.6271162!4d-38.6780522>. Acesso em 09 jul. 2019.

MARTINS, João Batista. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Psicologia Social e Institucional. **Revista Brasileira de Educação**, 2004, nº 26.

MELO, Maria Cristina, **Trajetória Ausentes**: Considerações sobre a Visibilidade dos Artistas Plásticos Negros na História da Bahia. In: Caminhos para Efetivação da Lei 11.645/2008. Cruz das Almas. Ed. UFRB, 2016.

METERS, Country. População de Cabo Verde. Fonte: **United Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações**. Disponível em: [https://countrymeters.info/pt/Cape\\_Verde](https://countrymeters.info/pt/Cape_Verde) Acesso em: 05 jan. 2019.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 55-65, set./ago. 1992-1993. Disponível em: <[www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=51920](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=51920). 1992-1993>. Acesso em: 03 maio 2018.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção da África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Mangualde, Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues; SILVA, Áurea Gardeni Sousa da, **A Experiência de Estudantes Africanos no Brasil**, Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 25, n. 45, p. 55-70, jan./abr. 2016.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. **Sociedade e Cultura**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2001, p. 31-43. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/515/464>. Acesso em: 31 out. 2018.

MUNANGA, Kabengele. Relações África-Brasil: O que seria? **Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais** | Vol.1 - n.1 – 2018, p. 6-25.

NASCIMENTO, Emanuel de Jesus Correia. 25 anos. Natural da Ilha de Santiago – Cabo Verde, estudante UNILAB/Bahia. Entrevista concedida a Leodineia C. Reis, em 08/02/2019.

PREFEITURA. **São Francisco do Conde**. Disponível em: <http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/>. Acesso em: 02 jul. 2019.

RAMOS, Adilson Dias. **Cidade Velha Patrimônio Mundial** - As Políticas Públicas para uma Efetiva Preservação e Gestão Participativa. Trabalho de Conclusão apresentado ao Centro Lucio Costa/CLC-IPHAN. Rio de Janeiro 2017.

REPÚBLICA, Presidência da. **Casa Civil**. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm). Acesso em: 02 jul. 2019.

SANTANA, Jaciara de. **São Francisco do Conde e o Enigma da Riqueza e Pobreza no Recôncavo Baiano**. 2011. 159 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Universidade Católica de Salvador – UCSAL. Salvador, 2011.

SANTOS, Danilo de Jesus da Veiga dos. **O Cabo-verdiano através dos olhos de forasteiros: representações nos textos portugueses (1784-1844)**. Dissertação (Mestrado em História da África) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História. Lisboa 2011.

SANTOS, Sivaldo dos Reis. **“Como Negro que Sou”!** A Trajetória e Militância de um Africano na Bahia: Maxwell Assumpção Alakija (1871-1933). 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2020.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**. São Paulo: USP, 1998, p. 243.

SAYAD, Abdelmalek. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SILVA, José Antônio Novaes da. **Reflexões e Estratégias para a Construção de uma Educação Antirracista**. Formação Cultural. Sentidos Epistemológicos e Políticos. Cruz das Almas, Belo Horizonte, 2016, p. 60.

SILVA, Celestino Domingos Tavares. **O antigo Campo de Concentração do Tarrafal da opressão à valorização cultural**. Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias. Lisboa 2018.

SOMÉ, Sobonfu. Aceitar a dor. Quando banhar-se em lágrimas cura as feridas mais profundas. **Africaneando. Revista de actualidade y experiencias**, nº. 09, 2012.

UFBA. **São Francisco do Conde ganhará Campus da UNILAB**. Disponível em: [https://www.ufba.br/ufba\\_em\\_pauta/s%C3%A3o-francisco-do-conde-ganhar%C3%A1-Campus-da-unilab](https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/s%C3%A3o-francisco-do-conde-ganhar%C3%A1-Campus-da-unilab). Acesso em 16 jul. 2019.

TCHAM, I. A África Fora de Casa: **sociabilidade, trânsito e conexões entre estudantes africanos no Brasil**. 1. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013. v. 22. 132p.

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. **Integração Internacional**. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br>. Acesso em 22 out. 2017.

VAINSENER, Semira Adler. **Baobá**. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=477&Itemid=181](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=477&Itemid=181). Acesso em: 09 ago. 2019.

# APÊNDICES

**APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO****UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS (Telefone: (75) 3425-2242)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR DA PESQUISA**

Documento para pesquisa desenvolvida no Mestrado em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas, do Programa de Pós-graduação da UFRB. Sendo seu objeto: A construção de um livro sobre as experiências vividas pelos/as estudantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP; a pesquisa será desenvolvida na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, situada em São Francisco do Conde, Bahia e uma cartilha que apoie os estudantes que chegam no Brasil, por exemplo: onde fica o cartório para autenticação dos documentos, entre outros procedimentos. Com o intuito de fortalecer o acordo de Cooperação Internacional Acadêmica com os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, em especial os PALOP, é que este trabalho se dedica na construção de uma cartilha informativa, para que os estudantes candidatos possam ainda em seus países de origem terem acesso as devidas informações necessárias, desde o processo seletivo a documentação, acesso a saúde pública, bem como, as regras burocráticas da universidade. Acreditamos que sua colaboração será fundamental para efetivação do objetivo aqui apresentado, contribuindo significativamente para a efetivação de ações voltadas para o fortalecimento deste

programa de cooperação Brasil-África. Caso aceite fazer parte dessa pesquisa, sua atuação consistirá em permitir algumas observações com registro escrito e fotográfico sobre sua trajetória de vida na comunidade acadêmica e da cidade; participar de entrevistas escrita e gravada sobre o tema acima apresentado, a fim de contribuir com essa pesquisa. É importante informar que nos comprometemos em utilizar as informações concedidas apenas para fins acadêmicos, também nos comprometemos em garantir a confiabilidade dos diálogos. Os resultados dessa etapa da pesquisa serão analisados e apresentados sem menção ao nome dos participantes, caso os mesmos se oponham a revelar sua identidade. Devemos salientar que não há obrigatoriedade de sua participação nesta pesquisa e que, caso queira desistir da mesma, em quaisquer das etapas, sua decisão será acatada e respeitada. Após estes esclarecimentos, se você aceitar participar desse trabalho de pesquisa, por favor, assine o termo no campo abaixo indicado. Este consta de duas vias. Sendo que uma fica de posse da pesquisadora que lhe apresenta e a outra ficará de posse da participante. Para finalizar, informamos que estaremos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos e caso haja alguma dúvida ou preocupação acerca de sua participação nesta pesquisa, poderá nos contatar através do telefone do Programa de Pós-graduação acima citado, ou através do seguinte endereço eletrônico: leodineia@gmail.com

Atenciosamente:

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Luis Roque Soares - UFRB

Leodineia da Costa Reis \_\_\_\_\_

Participante \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B :****ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Apresentação

Informações pessoais:

Nome:

Idade:

Nacionalidade:

Sexo:

Orientação sexual:

Religião:

Grupo étnico:

Cor:

Estado civil:

Há quanto tempo?

Tem filhos? Quantos? Nasceu no Brasil ou em outro país?

Qual?

Trabalha e estuda ou apenas estuda?

## **APÊNDICE C**

PARA ESTUDANTES DE CABO VERDE  
PA STUDANTI DI KABUVERDI

MÓDI K'E STUDA  
NA BRAZIL?

LEA  
LEODINÉIA DA COSTA REIS

PARA ESTUDANTES DE CABO VERDE  
PA STUDANTI DI KABUVERDI

# MÓDI K'E STUDA NA BRAZIL?

LEA  
LEODINÉIA DA COSTA REIS

**Autoria / Otoria:**

Leodinéia da Costa Reis

**Orientação / Orientason:**

Prof. Dr. Emanuel Luis Roque Soares

**Co-orientação / ko-orientason:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Dias Pereira Alves

**Colaboração / Kolaborason:**

Prof. Dr. Kabengele Munanga

**Revisão Linguística / Ravizon Linguístiku:**

Prof. Reinaldo Miranda

**Tradução em Krioulo cabo-verdiano****Traduson pa Kabuverdianu:**

Aidina Montrond, Eunice Semedo y Ntonjon.

**Diagramação / Diagramason:**

Jamile Menezes

**Ilustrações / Ilustrason:**

António Pedro Eduardo

Edson de Souza

**Fotografias:**

Eugénio da Silva Evandeco

**Apoio / Ku djuda di:**

Universidade de Integração Internacional

da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Ministério de Educação de Cabo Verde

Ministério dos Negócios Estrangeiros e Comunidades de Cabo Verde

---

**Distribuição Gratuita / Pa da!**

Dedico esta obra aos meus grandes mestres na escola da vida: minha mãe, Lourdinéia (*in memorian*), meu pai, Leonídio, e meus ancestrais, em cujas fontes de sabedoria até hoje busco saciar a minha sede de conhecimento.

*N ta didika es trabadju pa nhas grandis mestri na skóla di bida: nha mai, Lourdinéia (in memorian), nha pai, Leonídio e nhas ansestral ki N ta buska mata sedi di konhesimentu na ses sabidoria.*

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	05
<i>PRIZENTASON</i> .....	06
<b>1ª PARTE: CONTEXTO DA UNILAB</b> .....	08
<b>1ª PARTI: STÓRIA DI UNILAB</b> .....	09
<b>1.1 Breve Histórico da Instituição</b> .....	08
<i>Razumu Stóriku di UNILAB</i> .....	09
<b>1.2 Parceria Cabo Verde – Brasil</b> .....	10
<i>Parseria Kabuverdi – Brazil</i> .....	10
<b>1.3 Finalidades da Instituição</b> .....	11
<i>Finalidadi di UNILAB</i> .....	12
<b>1.4 Características da Instituição</b> .....	13
<i>Perfil di UNILAB</i> .....	15
<b>1.5 São Francisco do Conde</b> .....	16
<b>1.6 Onde está situada a UNILAB?</b> .....	19
<i>Campus dos Malês e undi?</i> .....	20
<b>1.7 O Campus dos Malês</b> .....	21
<b>1.8 A Descoberta de uma Nova História</b> .....	21
<i>Diskubérta di un Otu Rialidadi</i> .....	22
<b>1.9 São Francisco do Conde e Cabo Verde:     diferenças e semelhanças culturais</b> .....	22
<i>São Francisco do Conde y Kabuverdi:         Diferénsa y Parsénsa Kultural</i> .....	24
<b>2ª PARTE: ACESSO À UNIVERSIDADE</b> .....	25
<b>2ª PARTI: PA ENTRA NA UNIVERSIDADI</b> .....	29
<b>2.1 O que fazer para ingressar na UNILAB?     Orientações sobre o Processo Seletivo</b> .....	25
<i>Kusé ki ta mestedu pa entradu na UNILAB?</i> <i>Orientason sobri Prusésu di Sileson</i> .....	29
<b>2.2 Visto</b> .....	32
<i>Vistu</i> .....	32
<b>2.3 Como chegar ao Brasil?</b> .....	33
<i>Pa txiga Brazil</i> .....	33
<b>2.4 Permanência no Brasil</b> .....	34
<i>Stadia na Brazil</i> .....	35

<b>2.5 Matrícula</b> .....	37
<i>Matrikula</i> .....	37
<b>2.6 Onde irei morar?</b> .....	38
<i>Kau mora?</i> .....	38
<b>2.7 Quais os apoios para permanecer no Brasil?</b> .....	39
<i>Apoiu pa sta na Brazil</i> .....	39
<b>2.8 Experiências de estudantes cabo-verdianos/as da UNILAB</b> .....	40
<i>Spiriénsa di studanti kabuverdianu di UNILAB</i> .....	42
<b>2.9 Pós-permanência</b> .....	43
<i>Pós- permanénsa</i> .....	44

<b>3ª PARTE: RETORNO A CABO VERDE</b> .....	46
<b>3ª PARTI: VOLTA PA KABUVERDI</b> .....	47

<b>REFERÊNCIAS / RAFIRÉNSA</b> .....	48
--------------------------------------	----

<b>Sobre a autora Lea / Sobri otóra Lea</b> .....	49
---	----

# Apresentação

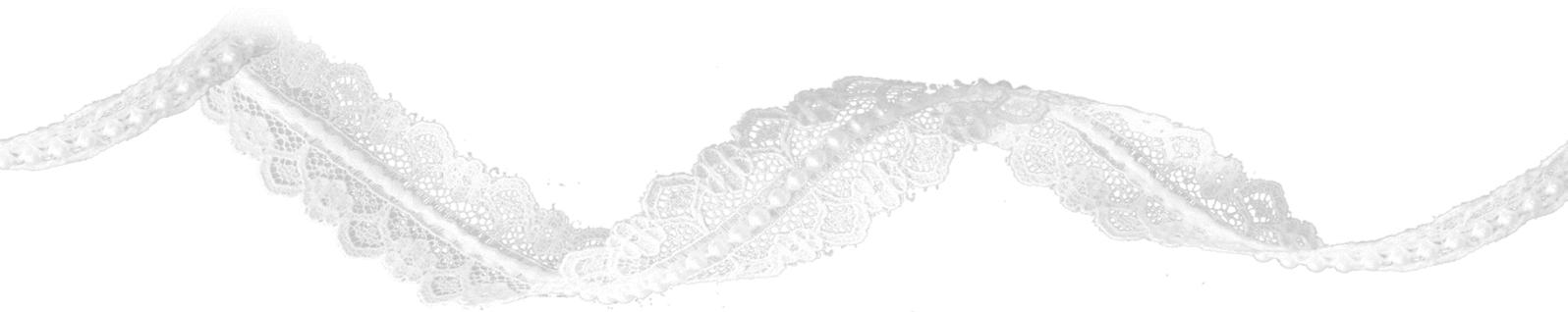
O material informativo aqui apresentado traz reflexões acerca da trajetória de estudantes cabo-verdianos/as no Brasil, como meio de informação e orientação antes e durante a vivência deles/as em São Francisco do Conde, na Bahia e no Maciço de Baturité (Acarape e Redenção), no Ceará, no intercâmbio promovido pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Este material é resultado de uma pesquisa de Mestrado, realizada pela autora, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), tendo como participantes estudantes da UNILAB, do Campus dos Malês, Bahia e tem a função de ser um instrumento colaborativo e de acolhimento, na medida em que contém as informações necessárias para orientar e apoiar os/as estudantes do 3º ciclo do Ensino Secundário, em Cabo Verde, antes mesmo de suas candidaturas à seleção para obtenção da vaga em um dos cursos oferecidos pela referida universidade.

A arte na parte interna deste livro traz a representação do nordeste brasileiro, por meio do tecido de renda, que simboliza a expressão identitária, de forte relevância social e econômica, em uma prática liderada por mulheres nordestinas que surge pela necessidade de criar novas fontes de rendimento, em uma região seca com dificuldade na agricultura e onde a única forma de sobrevivência provinha da pesca. Para além dessa atividade, o tecido ganha, também, espaços religiosos, nas indumentárias utilizadas no Candomblé.

Tais características do tecido de renda se assemelham às do Pano de Terra, o qual é mostrado nas bordas do livro, para representar a parceria Brasil – Cabo Verde. O pano de Cabo Verde possui importante valor cultural para o seu povo e, ao contrário da renda do nordeste brasileiro, foi introduzido, exclusivamente, pelos africanos que vieram da costa da

África. Segundo Amarante, no início o pano era confeccionado em quase todas as ilhas povoadas de Cabo Verde, mas se concentrou nas ilhas de Santiago e Fogo. A atividade exerceu papel socioeconômico relevante na vida dos cabo-verdianos, que abastecia tanto o mercado externo quanto o local, sendo de vital importância até o século XVIII. Em seu valor social destaca-se o uso para amortalhamento dos cadáveres, vestimenta de luto e manifestação de pesar e, até, como meio de comunicação a distância entre as pessoas do meio rural, para anunciar um acontecimento, receber uma criança ou amarrar a criança nas costas. Esse artefato é usado predominantemente por mulheres, como símbolo de força, amarrado à cintura e também é utilizado durante as atividades culturais, religiosas e profanas, como atado à cintura para dançar o batuque<sup>1</sup>. Portanto, o pano de terra é um símbolo da identidade nacional cabo-verdiana, com grande valor histórico e cultural.



## Prizentason

*Kel dokuméntu li ta tarse un konjuntu di raflekison sobri kaminhada di studanti kabuverdianu na Brazil, pa djuda informa-s y orienta-s midjor, antis y durante ses spiriénsa na São Francisco do Conde, na Bahia y na Maciço de Baturité (Acarape ku Redenção), na Ceará, na un tróka-tróka di Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).*

---

<sup>1</sup> Batuque: dança tradicional cabo-verdiana, organizada em grupo, de quase sempre só mulheres as quais, em ritual preciso, formam um círculo em um cenário chamado *terrero* e uma mulher começa a dança amarrando um pano na cintura para “*dar ku torno*”.

*El nace di un piskiza di Mestrado, di si otor, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), ku partisipason di studanti di UNILAB, na Campus dos Malês, na Bahia, komu un feraménta pa djuda y pa npara kes studanti kabuverdianu di 3º siklu di nsinu sekundari, ku tudu informason ki es ta meste, mésmu antis di es kandidata pa algun vaga na kel universidadi li.*

*Kel Arti li, di-pa-déntu, e un rapresentason di nordésti di Brazil ku ses panu di rénda, sínbulu di un identidadi, k´un inportánsia susial y kunómiku fórti, un tradison di mudjer di nordésti ki nase di un nisisidadi di ranja otus manera di nganha algun dinhéru na un zóna séku, ki kuazi ka ta da nada, y undi ses úniku fonti di rénda éra péska. Palen di kel, el nganha, tanbe, un spasu ralijozu, na bistiménta di Kandoblé.*

*Kes trasu li, di panu di rénda, e sima kes di panu téra, ki sta na oréla di es livru, ta riprizenta parseria di Brazil ku Kabuverdi. Panu Téra ten un valor kultural y sinbólíku grandi pa povu kabuverdianu, y diferenti di kel di rénda di nordésti brazileru el e un arti totalmeti afrikanu.*

*Sima Amarante fra, na rinkada el ta fazeda na kuazi tudu ília povuadu di Kabuverdi, ma el kaba fika mas na djar di Santiago y Fogu. Un atividadi ki kaba pa ten un papel susial y konómiku rai di nportanti na bida di povu kabuverdianu, ki ta basteseba tantu merkadu di-fóra sima kel di-déntu, ku txeu nportánsia ti sékulu XVIII. Na se valor susial, el ta uzadu na mortadja, na lutu y na bizita, y tanbe pa kumunika di longi, sima pa da un nóba di naseméntu di un minino, o pa bunbu-l. E mas mudjer ki ta uza-l, un sínbulu di forsa, maradu na se sintura, y tanbe e ta uzadu na otus manifestason kultural, rilijiozu y profanu, sima ta maradu na sintura pa badja batuku. Nton, nu pode fla ma panu téra e un síbulu di identidadi nasional kabuverdianu k´un valor stóriku y kultural grandi.*

# 1ª parte: Contexto da UNILAB

## 1.1 Breve Histórico da Instituição

**A** Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) foi criada pela Lei nº 12.289, estabelecida pela Presidência da República Federativa do Brasil em 20 de julho de 2010, durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva, com sede em Redenção, no estado do Ceará. É fruto de um programa de cooperação internacional acadêmica entre o Brasil e os países que formam a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), parte integrante da política externa brasileira. Em 2010 a primeira sede, localizada em Redenção, inicia suas atividades. Em 2014, foi inaugurado o Campus dos Malês, na cidade de São Francisco do Conde, na Bahia.

A UNILAB é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação da República Federativa do Brasil, goza de autonomia didático-pedagógica e administrativa, além de possuir Estatuto e Regimento Geral. A universidade é mantida pelo Orçamento Geral da União e pelas agências de fomento à formação universitária e à pesquisa, tais como Capes, Fapesb, Funcap e CNPq. No que tange ao Projeto de Cooperação com os países da CPLP – principalmente os africanos –, o seu objetivo é contribuir para o desenvolvimento científico-cultural e com o quadro profissional desses países parceiros.

# 1ª Parti: Stória di UNILAB

## Brevi históriku dês instituison

*Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) kriadu ku lei nunbru 12.289, y stabelesedu na dia 20 di Júliu di 2010, ku sédi na Rendenção, na Stadu di Ceará. pa Prizidénsa di Repúblika Federal di Brazil, na governu di Luís Inácio Lula da Silva. El e razultadu di un prugrama di koperason internasional akadémiku entri Brazil ku kes otu pais di Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), un parti di pulítika stérnu brazileru. Na 2010, se pruméru sédi, na Rendenção, kumesa ses atividadi. Na 2014 inoguradu Campus dos Malês, na sidadi di São Francisco do Conde, na Bahia.*

*UNILAB e un otarkia (instituison otónumu) ligadu ku Ministéri di Idukason di Repúblika Federativu di Brazil, ku otonomia didátiku-pedagójiku y dimministrativu, palen di el ten se própi statutu y Rajiméntu-Jeral. Se susténtu ta ben di Orçamento Geral da União y di kes ajénsia pa apoia formason universitári y piskiza, sima Capes, Fapesb, Funcap y CNPq. Ta papia di Prujétu di Koperason ku pais di CPLP – prinsipalmenti kes afrikanu -, se obujetivu final e kontribui pa ses dizanvolviméntu sentífiku y kultural y na kapasitason di ses kuadru prufisional.*

## 1.2 Parceria Cabo Verde - Brasil

Com base na Lei Federal Brasileira nº 12.289 de 20 de julho de 2010, em seu Art. 2º, a criação da UNILAB objetiva a integração entre o Brasil e os demais países membro da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos. Ademais, busca promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. O Art. 13, da referida Lei, nos itens III, IV e V, versa sobre o processo de seleção dos alunos.

O segundo parágrafo do Art. 2º dessa mesma Lei traz a seguinte orientação:

§ 2º Os cursos da Unilab serão ministrados preferencialmente em áreas de interesse mútuo do Brasil e dos demais países membros da CPLP, especialmente dos países africanos, com ênfase em temas envolvendo formação de professores, desenvolvimento agrário, gestão, saúde pública e demais áreas consideradas estratégicas (REPÚBLICA, 2010).

## Parceria Kabuverdi - Brazil

*Ku bazi na lei Federal Brazileru nunbru 12.289, di 20 di Júliu di 2010, na si artigu 2ª, kriason di UNILAB ten na se méta integrason di Brazil ku kes otu pais di Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), prinsipalmenti kes afrikanu, ta apoia mas dizanvolviméntu rajional y ta promove mas tróka kultural, sientifiku y idukasional. Se artigu 13ª, na ses pontu III, IV y V, ta papia di prusésu di sileson di kandidatu.*

*Sigundu paragráfu di kel omésmu lei, na se artigu 2ª, ta tarse kel orientason li:*

*2<sup>u</sup> - Tudu kursu di UNILAB debe dadu na kes ária ki ta interesa Brazil y kes otu pais di CPLP, prinsipalmenti kes afrikanu, ku fóku na tema, sima formason di prusor, dizanvolviméntu agríkula, joston, saúdi públiku y kes otu ária ki ta konsideradu stratéjiku.*

## 1.3 Finalidades da Instituição

**A** UNILAB resulta de uma política, iniciada durante o governo Luís Inácio Lula da Silva, que visa atender às demandas dos movimentos sociais, especialmente os movimentos negros, no que se refere a um conjunto de ações, com vistas à expansão das universidades para o interior do País. Nessa mesma perspectiva, o propósito é o de atender à demanda de uma política externa de cooperação Sul-Sul (Modalidade de Cooperação Técnica Internacional, estabelecida entre países em desenvolvimento, que compartilham de experiências e desafios semelhantes), em especial com os países africanos.

Com a criação da UNILAB se estabelece uma política de cooperação internacional acadêmica, especialmente com os países africanos, para que os estudantes tenham acesso a conhecimentos que contribuam para minimizar problemas nas sociedades de origem.

Dentro de uma política de interiorização das universidades públicas, que visa proporcionar o acesso também aos quilombolas e indígenas, a UNILAB foi criada em cidades do interior de dois estados do nordeste brasileiro: na cidade de Redenção, no Maciço do Baturité, no estado do Ceará, em 2010, e na cidade de São Francisco do Conde, na Bahia, em 2014. A UNILAB foi criada pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, contudo a Comissão de sua implantação foi instalada em outubro de 2008 e seu primeiro Estatuto foi promulgado em 2013.

No segundo artigo do primeiro capítulo está assim descrito:

Art. 2º. A Unilab, universidade pública federal brasileira, é vocacionada para a cooperação internacional e compromissada com a interculturalidade, a cidadania e a democracia nas sociedades, fundamentando suas ações no intercâmbio acadêmico e solidário com países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos (UNILAB, 2013).

## Finalidadi di UNILAB

*UNILAB e razultadu di un pulítika, ki kumesa ku governu di Luís Inácio Lula da Silva, ku obujetivu di rusponde dimanda di muvimentu susial, prinsipalmenti kel di muvimentu négru, ku midida pa spandi nsinu universtari pa interior di Brazil. Y, na kel omésmu ótika, rusponde nisisidadi di un polítika stérnu di koperason Sul-Sul (un Modalidade de Coperação Técnica Internacional instituidu entri pais na dizanvolvimentu, ku kes omésmu spirénsia, dificultadi y dizafiu), prinsipalmenti ku kes país afrikanu.*

*Ku UNILAB stabelesedu un pulítika di koperason internacional akadémiku, prinsipalmenti ku kes país afrikanu, pa djuda ses studanti ten mas konxementu pa es pode partisipa midjor na prusésu di dizanvolvimetu di ses pais.*

*UNILAB kriadu na dos sidadi di interior di Brazil, Redenção na Maciço do Baturité, na stadu di Ceará, na 2010, y na sidadi di São Francisco do Conde, na Bahia, na 2014, na un pulítika di interiorizason di universidadi públiku, pa es pode txiga tanbe na kes sosiedadi kilonbóla ku indijina. UNILAB kriadu ku Lei nº 12.289, di 20 di júliu di 2010, ma Komison pa implanta-l nstaladu na otubru di 2008, y se pruméru statutu promulgadu na 2013.*

*Na sigundu artigu di se pruméru kapítulu sta:*

*Art.2º. Unilab, universidadi públiku federal di Brazil, sta voltadu pa koperason internacional, y konprometedu ku interkulturalidadi, sidadania y dimókrasia, es ta fundamenta tudu ses ason na interkanbi akadémiku y na solidaridadadi ku tudu pais di Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), spesialmenti kes afrikanu (UNILAB, 2013).*

## 1.4 Características da Instituição

No Ceará estão localizados os seguintes campi: **Campus da Liberdade, Campus das Auroras, a Unidade Acadêmica dos Palmares e a Fazenda Experimental Piroás.**

Atualmente a UNILAB está implementada no interior do Ceará, no Maciço de Baturité (nas cidades de Acarape e Redenção) e no Recôncavo da Bahia (na cidade de São Francisco do Conde). A instituição oferece os seguintes cursos que se destinam à Formação de Professores: Ciências Biológicas; Física; Letras – Língua Portuguesa; Letras – Língua Inglesa; Matemática; Química.

O curso de Bacharelado em Humanidades, com duração correspondente a 2 (dois) anos, ofertado no Ceará e na Bahia, é o 1º ciclo de formação obrigatório para ingresso em um dos cursos do 2º ciclo, chamado de terminalidade, com duração de 3 (três) anos os quais se destinam à Formação de Professores nas áreas de História, Pedagogia, Sociologia e Ciências Sociais.

São oferecidos os cursos: **Graduação Presencial:** Administração Pública; Agronomia; Antropologia; Bacharelado em Humanidades – BHU; Ciências Biológicas – Licenciatura; Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Sociais; Enfermagem; Engenharia de Computação; Engenharia de Energias; Farmácia; Física; História; Letras – Língua Portuguesa; Letras – Língua Inglesa; Matemática – Licenciatura; Pedagogia – Licenciatura; Química – Licenciatura; Relações Internacionais; Sociologia – Licenciatura. **Pós-Graduação: Lato Sensu – Especialização (A Distância):** Gestão Pública; Gestão Pública Municipal; Gestão em Saúde; Saúde da Família; Gestão de Recursos Hídricos, Ambientes e Energéticos; Gênero, Diversidade e Direitos Humanos; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Ciências é 10 – Ensino de Ciências: Anos Finais do Ensino Fundamental; Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. **Strictu Sensu – Mestrado:** Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis – MASTS;

Mestrado Interdisciplinar em Humanidades – MIH; Mestrado Acadêmico em Enfermagem – MAENF; Programa de Mestrado em Antropologia UFC-UNILAB; Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT; Mestrado Acadêmico em Estudos da Linguagem; Mestrado Acadêmico em Energia e Ambiente; Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (associação com IFCE).

Para conhecer sobre os cursos distribuídos em cada campus da Bahia e do Ceará, ver site: [unilab.edu.br/cursos-de-graduação/](http://unilab.edu.br/cursos-de-graduação/)

No mapa que segue, apresentamos o Brasil situado na América do Sul e o fluxo dos estudantes de Cabo Verde para os estados brasileiros, especificamente Ceará e Bahia.



A seguir apresentação mais detalhada do Campus dos Malês, localizado na cidade de São Francisco do Conde, na Bahia, onde foi desenvolvida a pesquisa.

# Perfil di UNILAB

Na Ceará ten: **Campus da Liberdade, Campus das Auroras, Unidade Acadêmica dos Palmares y Fazenda Experimental Piroás.**

Gósi, UNILAB sta na interior di Ceará, na Maciço de Baturité (na sidadi di Acarape y Redenção) y na Recôncavo da Bahia (na sidadi di São Francisco do Conde). El ta feresse kursu di formason di prusor na ária di Biolujia, Fízika, Létra – Língua Purtuges, Létra – Língua Ingles, Matimátika, Kímika.

Kes kursu di Bacharelatu na Umanidadi, ku durason di 2 (dos) anu, feresedu na Ceará ku na Bahia, e kel 1º siklu di formason obrigatóri pa entra na un di kes kursu di 2º siklu, “terminalidade”, ku durason di 3 (tres) anu pa Formason di Prusor di Stória, Pedagogia, Susiolujia e Sênsia Susial.

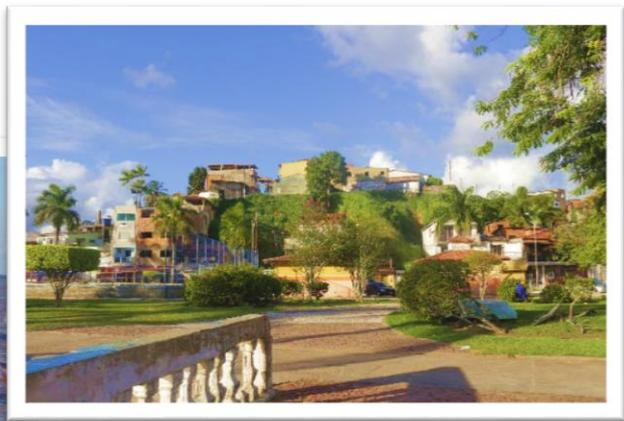
Ta feresedu kursu di: **Graduason Prisensial:** na dimistrason Públiku; Agronomia; Antropolojia; Bacharelatu na umanidadi – BU; Biolójia – Lisensiatura; siénsia di Natureza y Matimátika; sênsia Susial; nfermaji; Injinharia di kunputason, Injinharia di Inerjia, Farmánsia; Fízika; Stória; Létra – Língua Purtuges Létra – Língua Ingles; Matimátika – Lisensiatura; Pedagogia – Lisensiatura; kímika – Lisensiatura; Ralason Internasional; Susiolujia – Lisensiatura. **Pós-Graduason: Lato Sensu – Especializason** (di longi): Geston Públiku, Jeston Públiku Munisipal; Jeston na Saúdi; Saúdi di Família; Jeston di Rakursu Ídriku, Ambienti y Inerjétiku; Jéneru, Diversidadi y Diretu Umanu; Literatura Afrikanu di Língua Portugues; Sênsia e 10 – Nsinu di Sênsia: Anu Final di Nsinu Fundamental; Metudulujia Interdisiplinar y Interkultural pa Nsinu Fundamental y Nsinu Médiu. **Strictu Sensu – Mestradu:** Mestradu Akadémiku na Sosiobiodiversidadi y Tekinolujia Sustentavi – MASTS; Mestradu Interdisiplinar na **Umanidadi** – MIH; Mestradu Akadémiku na nfermaji – MAF; Prugrama di Mestradu na Antropolojia UFC-UNILAB; Mestradu Prufisional na Matimátika na Redi Nasional – PROFMAT; Mestradu Akadémiku na Studu di Linguaji; Mestradu Akadémiku na Inerjia y Ambienti, Mestradu Prufisional na nsinu y Formason dosenti (asosiason ku IFCE).

*Pa sabe di kes kursu ki ta dadu na Campus da Bahia ku di Ceará, e so djobe na kel site li: [unilab.edu.br/cursos-de-graduação/](http://unilab.edu.br/cursos-de-graduação/)*

*Na kel mapa li, Brazil, na Mérka Sul, y flukisu di studadi di Kabuverdi pa ses stadu, mas izatamenti Ceará y Bahia.*

*Y gósi, ku mas ditali, Canpus dos Malês na sidadi di São Francisco do Conde, na Bahia, na pundi kel piskiza li dizanvedu.*

## 1.5 São Francisco do Conde



Fotos:  
Eugénio da Silva  
Evandeco

**S**ão Francisco do Conde é considerada a terceira cidade do Recôncavo da Bahia, com 31.699 habitantes. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), mais de 90% de sua população se declaram de etnia negra e o município

representa um dos maiores Produto Interno Bruto - PIB do Brasil (SANTANA, 2011).

A origem da palavra Recôncavo Baiano faz referência às terras em torno da Baía de Todos os Santos – nome dado a uma reentrância da costa litorânea do estado da Bahia. O Recôncavo é a região geográfica em formato de um arco que contorna a Baía de Todos os Santos, onde se constituiu um sistema geo-histórico. Hoje a localidade é constituída por uma população pluriétnica e pluricultural, rica também em diversidade de recursos naturais.

Por muito tempo o sistema escravista ordenou as relações e a econômicas, cuja grande característica foi a brutal exploração da força de trabalho africana e negra brasileira e a tentativa de imposição dos valores lusitanos, contraposta com múltiplas formas de resistência, rebeliões, fugas e negociações exercitadas pelos povos e segmentos sociais dominados (UNILAB, 2016).

Segundo a pesquisadora Jaciara Santana, historicamente o Recôncavo é a soma das regiões da cana-de-açúcar, fumo, mandioca, pequena pecuária leiteira e de produção de lenha, situadas em torno da Baía de Todos os Santos e muito dependentes de Salvador. A região é constituída, além da cidade de São Francisco do Conde, pelos municípios de: Amargosa, Conceição do Almeida, Sapeaçu, Castro Alves, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Salinas da Margarida, Muniz Ferreira, Nazaré, São Felipe, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Muritiba, Cachoeira, São Felix, Maragogipe, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro, Saubara, Conceição do Jacuípe, Terra Nova, Amélia Rodrigues, Teodoro Sampaio, Candeias, Conceição da Feira, Simões Filho, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passe, Camamu, Ituberá e Valença.

Para saber mais sobre a história da cidade de São Francisco do Conde, visite o site da Unilab!  
[http://www.unilab.edu.br/historias\\_sfc/](http://www.unilab.edu.br/historias_sfc/)

# São Francisco do Conde

*São Francisco do Conde e tirseru sidadi mas grandi di Recôncavo da Bahia, ku 31.699 abitanti. Sigundu Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), mas di 90% si populason ta konsidera ses kabésa préту, y el e un di kes munisipi ku PIB – Produту Intérnu Brutu mas grandi di Brazil (SANTANA, 2011).*

*Palavra Recôncavo Baiano ta ben di própi orografia na vólta di Baía de Todos os Santos – nómi di un entrada na kósta litoral di stadu di Bahia. Recôncavo e un zóna jográfiku ku forma di un arku na vólta di stadu di Baía de Todos os Santos, y ki ta forma un sistéma jo-stóriku. Oxi el ten un populason pluriétiniku y plurikultural, riku, tanbe, na diversidadi di ses rakursu natural.*

*Pa un munti témpu se sistema skrabista komanda se sistéma konómiku, duminadu pa splorason di forsa di trabadju afrikanu y négru brazileru y tentativa di inpoi kes valor di Purtugal, ma kontrariadu ku txeu forma di razisténsa, rabóita, fuga, y nogosiason izijidu pa kes povu y segiméntu sosial duminadu. (UNILAB, 2016).*

*Sigundu Jaciara Santana, piskizador, stórikamenti Recôncavo e un sóma di kes rajion di kána, tabáku, mandióka, pekuária lijeru di produson di leti y di produson di lenha, na volta di Baía de Todos os Santos, y el e txeu dependenti di Salvador. Palen di sidadi di São Francisco do Conde, el ten munisipi di: Amargosa, Conceição do Almeida, Sapeaçu, Castro Alves, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Salinas da Margarida, Muniz Ferreira, Nazaré, São Felipe, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Muritiba, Cachoeira, São Felix, Maragogipe, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro, Saubara, Conceição do Jacuípe, Terra Nova, Amélia Rodrigues, Teodoro Sampaio, Candeias, Conceição da Feira, Simões Filho, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passe, Camamu, Ituberá y Valença.*

*Pa sabe di stória di São Francisco do Conde, e so entra na kel site li:  
Unilab ([http://www.unilab.edu.br/historias\\_sfc/](http://www.unilab.edu.br/historias_sfc/)).*

## 1.6 Onde está situada a UNILAB?

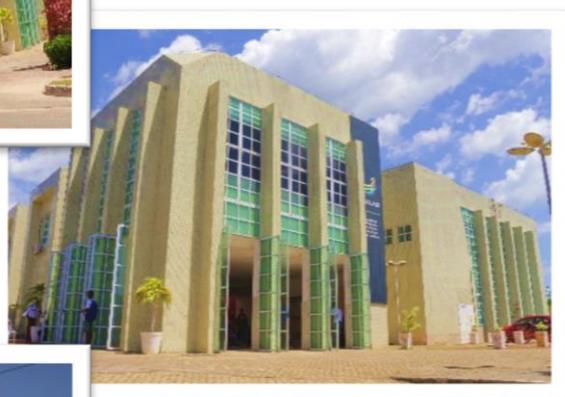


Ilustração: António Pedro Eduardo

O Campus dos Malês da UNILAB está situado na cidade de São Francisco do Conde, localizada no histórico Recôncavo da Bahia, a 67 km da capital, Salvador. Em fevereiro de 2013 foram iniciados os primeiros cursos de graduação e pós-graduação a distância; já em maio de 2014, tiveram início as atividades dos cursos presenciais e das ações na área de ensino, pesquisa e extensão.



Fotos: Eugénio da Silva Evandeco



Fonte: UNILAB Campus São Francisco do Conde. Crédito: Arquivo Assecom

# Campus dos Malês e undi?

*O Campus dos Malês di UNILAB ta fika na sidadi di São Francisco do Conde, na stóriku Recôncavo da Bahia, 67 km di Salvador, kapital di se stadu. Na Febreru di 2013 kes pruméru kursu di graduason ku pós-graduason di lonji dadu rinkada; y na mes di Mai di 2014, rinkadu ku kes kursu prizensial ku aktividadi na ária de nsinu, piskiza y stenson.*

## 1.7 O Campus dos Malês

**O** Campus dos Malês conta com as seguintes ofertas de cursos: **Graduação Presencial:** Bacharelado em Humanidades – BHU; Letras – Língua Portuguesa; Bacharelado em Relações Internacionais; Licenciatura em Ciências Sociais; Licenciatura em História; Licenciatura em Pedagogia. **Graduação (Modalidade a Distância):** Administração Pública (Bacharelado). **Pós-Graduação Lato Sensu Especialização (Modalidade a Distância):** Gestão Pública; Gestão Pública Municipal; Gestão em Saúde; Especialização em Gestão de Recursos Hídricos, Ambientais e Energéticos; Especialização em Saúde da Família.

### **Importante:**

Deverá o/a candidato/a ler o edital do ano de inscrição para saber sobre as vagas ofertadas no curso de interesse!

## 1.7 Campus dos Malês

*Campus dos Malês ta ferese kes kursu li: **Graduason - Prizensial:** Baxarelatu na Umanidadi – BHU; Létra – Língua Purtugés; Baxarelatu na Relason Internasional; Lisensiatura na Sênsia Susial; Lisensiatura na Stória; Lisensiatura na Pedagujia. **Graduason (Di-Lonji):** diministrason Públiku (Bacharelatu). **Pós-Graduason Lato Sensu Spesializason (Di-Lonji):** Jeston Públiku; Jeston Públiku Munisipal; Jeston na Saúdi; Spesializason na Jeston di Rakursu Ídriku, Ambiental y Inerjétiku; Spesializason na Saúdi di Família.*

***Inpurtanti:*** *Tudu kandidatu debe le Idital di kel anu di nskrison pa sabe di vaga ki ten na kel kursu ki el kre.*

## 1.8 A Descoberta de uma Nova História

**A**o chegarem ao Brasil e na cidade de São Francisco do Conde, os/as estudantes cabo-verdianos/as se deparam com uma realidade diferente daquela mostrada nas telenovelas brasileiras, sobretudo no que se refere ao “mito da democracia racial”, que impera no país, se propaga no cenário internacional e não permite o reconhecimento da existência do racismo pelos nacionais. Trata-se de um racismo que se construiu pela negação do próprio racismo, além do preconceito racial e machismo, sexismo, misoginia e xenofobia. Contudo, apesar dos desafios enfrentados pelos/as estudantes PALOP, o conteúdo da grade curricular dos cursos –, principalmente o curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) –, ofertados na UNILAB, tem contribuído para tornar os/as estudantes mais conscientes e preparados (as) para lidar com essa realidade brasileira.

# Diskubérta di un Otu Rialidadi

*Studenti kabuverdianu, sin ki es ta txiga na Brazil, na sidadi di São Francisco do Conde, es ta da k'un rialidadi diferenti di kel ki es ta kustuma odja na nuvéla brazileru, prinsipalmenti kel di mitu di dimokrasia rasial, ki ta propagadu pa mundu interu y ta tadjá própi brazileru di rakohese izisténsa di rasismu na pais. El e un rasismu fidju di negason di própi rasismu, palen di prekonsetu rasial y maxismu, sekisismu, mizojinia y xenofobia. Simé, ku tudu kes difikuldadi li, grelia kurikular di ses kursu, prinsipalmenti kel di baxarelatu na Umanidadi (BHU), di UNILAB, a ta kontribui, manenti, pa djuda kes studanti di PALOP toma konsiênsia y fika mas priparadu pa lida ku kel rialidadi li di brazil.*

## 1.9 São Francisco do Conde e Cabo

### Verde: diferenças e semelhanças culturais



Ilustração: António Pedro Eduardo

É possível notar diferenças e semelhanças entre o Brasil e Cabo Verde. Essa relação entre os dois países reflete na forma como os/as estudantes cabo-verdianos/as da UNILAB lidam com as experiências encontradas na cidade de São Francisco do Conde/BA, onde está localizado o Campus dos Malês.

Muitas são as similaridades entre, principalmente, a ilha de Santiago e a Bahia, pelas marcas da história do colonialismo e da escravidão, desde os monumentos, como o Pelourinho, na cidade Velha, ao racismo que em Cabo Verde talvez seja menos discutido e mais velado, mas como o Brasil se faz presente a xenofilia por determinadas nacionalidades. Portanto, a paisagem da cidade litorânea baiana é um dos pontos apontados pelos/as estudantes que, à primeira vista, dizem se sentirem em casa, bem como relatam que, quando superada a barreira do racismo, são bem acolhidos pelas famílias baianas.



Fonte: Guia do Turismo - Brasil – São Francisco do Conde



Fonte: Guia Geográfico – Cabo Verde - Praia

# São Francisco do Conde y Kabuverdi: Diferénsa y Parsénsa Kultural

*Ta da pa nota diferénsa y parsénsa entri Brazil ku Kabuverdi, nun ralason ki ta raflati na maneras ki studanti Kabuverdianu di UNILAB ta lida ku kes nobu spirénsia ki es ta da ku el na sidadi di São Franscisco do Conde/BA, na pundi Campus dos Malês ta fika.*

*Ses parsénsa e txeu, prinsipalmenti entri ília di Santiago ku Bahia, trokadu di ses marka di stória di kolonialismu y skrabatura, désdi se monuméntu, sima pilorinhu na Sidadi-Vélia ti própi rasismu ki manbá na Kabuverdi ta sunkundidu mas y diskutidu ménus, ma, sima na Brazil, es ta sufri di xenofilia pa uns sértu nasionalidadi. Paisaji di litoral di Bahia e un di kes kusa ki mas ta po-s ta xinti na kasa, y ki fóra rasismu, es ta rasebedu ku txeu morabéza, pa kes familia di la.*

## 2ª Parte: Acesso à Universidade

### 2.1 O que fazer para ingressar na UNILAB? Orientações sobre o Processo Seletivo

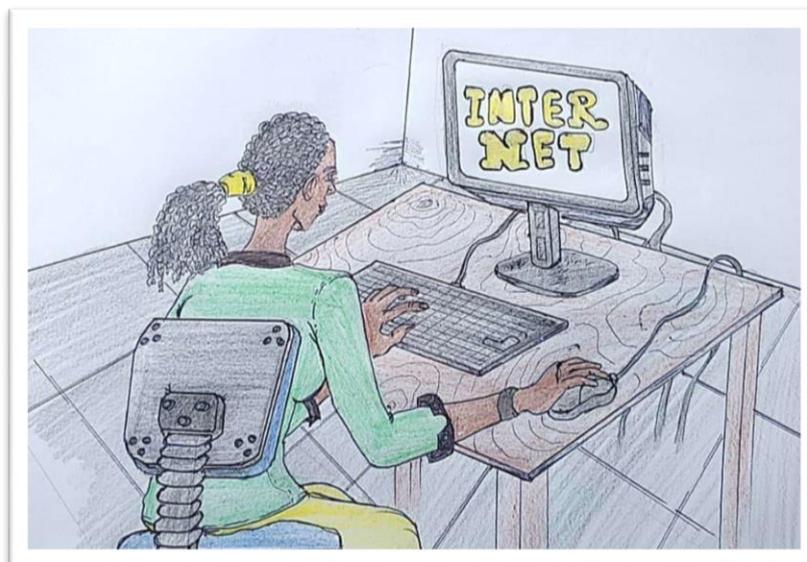


Ilustração: António Pedro Eduardo

**V**ocê encontrará todas as informações sobre o processo seletivo, selecionando o link informado no site da UNILAB. Atualmente é o <http://selest.unilab.edu.br> (2019), na seção Documentos publicados. Para se candidatar à vaga na UNILAB, é preciso obedecer às seguintes orientações, nesta ordem:

- 1º → Acompanhe a divulgação da abertura do edital da seleção UNILAB nestes espaços: nos murais e secretaria da sua escola, na embaixada brasileira, no Centro Cultural Brasil Cabo Verde ou no site da UNILAB.
- 2º → Na Internet, acesse o link informado no site e no edital;
- 3º → Vá para a seção Documentos publicados;
- 4º → Leia atentamente o Edital PROCESSO SELETIVO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS, do ano recorrente.
- 5º → Siga os procedimentos informados no Edital

Os Procedimentos do Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE) da UNILAB são acompanhados pelas seguintes instâncias:

- a) Comissão Permanente do Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros;
- b) Coordenação de Seleção, Acolhimento e Acompanhamento (CSAA), da Pró-Reitoria de Relações Institucionais (PROINST);
- c) Comissões específicas, constituídas para as avaliações, por edição do certame;
- d) Reitoria e Vice-Reitoria.

#### **PASSO A PASSO PARA O INGRESSO:**

**1º passo:** Tomar conhecimento do período de inscrição – normalmente acontece no mês de março –, por meio do endereço eletrônico da instituição: [www.unilab.edu.br](http://www.unilab.edu.br), o qual divulgará o endereço específico para acesso ao edital, que disponibilizará as informações sobre o Processo Seletivo e também nas dependências das Missões Diplomáticas Brasileiras (Embaixadas) em Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. **É muito importante ler todo o edital antes de realizar a inscrição!**

**2º passo:** INSCRIÇÃO. Atenção! Esse é um passo importante! Por isso é necessário o preenchimento correto do Formulário Eletrônico, disponível no Sistema de Seleção de Estrangeiros (Selest), de acordo com as informações constantes no Edital e no guia do estudante.

## Documentação necessária, referente ao Edital publicado em 2019:

Para efetivar a inscrição no PSEE, o candidato deverá escanear o BILHETE DE IDENTIDADE (frente e verso) e anexar (fazer o upload) conforme as orientações na página eletrônica do Selest (Edital nº1/2019).

Os dados seguintes que serão solicitados, de acordo ao edital do ano em questão, para o preenchimento do formulário eletrônico, deverão ser idênticos aos que constam no **BILHETE DE IDENTIDADE** (Edital nº1/2019), a saber: **a.** NOME DO CANDIDATO **b.** NÚMERO DO BILHETE DE IDENTIDADE **c.** DATA DE NASCIMENTO (nascidos até 15/07/2001) **d.** DATA DE VALIDADE DO BILHETE DE IDENTIDADE (válido até a data de publicação do Resultado Final, conforme Cronograma constante nesse Edital).

O candidato deverá anexar (fazer o upload) ao Formulário Eletrônico de Inscrição os seguintes documentos escaneados e gerados em formato PDF:

**a)** CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO (MÉDIO) cursado no país de inscrição;

**Observação:** Certificação de Conclusão do Ensino Secundário (Médio) ou Declaração de Conclusão emitida pelo educandário onde o candidato estudou.

**b)** HISTÓRICO ESCOLAR COMPLETO DO ENSINO SECUNDÁRIO (MÉDIO), com a relação das disciplinas cursadas e notas obtidas durante todas as séries do Ensino Médio.

**IMPORTANTE!** Seguir orientações contidas no manual do candidato, que estará disponível na página do Selest e também na página da UNILAB, para inserir as notas do HISTÓRICO ESCOLAR DO ENSINO SECUNDÁRIO (MÉDIO).

Na página eletrônica do Selest deverão ser inseridas as notas do Histórico Escolar do Ensino Secundário (Médio), de acordo com a ordem das disciplinas enumeradas no histórico de cada ano, preenchendo as notas de cada disciplina, isto é, uma nota de cada vez.

O/A candidato/a que necessitar de atendimento especializado e/ou específico para realizar a prova deverá, no período de inscrição, encaminhar e-mail para o [selecao.proinst@unilab.edu.br](mailto:selecao.proinst@unilab.edu.br) informando qual a condição que motiva a solicitação de atendimento, de acordo com as opções apresentadas e anexar documentação comprobatória em formato PDF (conferir Edital).

**3º Passo:** Após o resultado da avaliação relativa à primeira fase do processo seletivo, serão convocados/as para a prova de redação aqueles/as que forem selecionados/as nessa primeira etapa (conferir Edital).

As datas, os locais e os horários de aplicação da Prova de Redação, Português e Matemática serão confirmados pelas Embaixadas brasileiras e pelos Centros Culturais em Bissau, Dili, Luanda, Maputo, Praia e São Tomé, além de estarem divulgados no site da UNILAB.

**4º Passo:** Confirmação de Pré-Matrícula, Obtenção de Visto e Matrícula.

Você foi aprovado/a. Agora o próximo passo é a entrega de documentos de pré-matrícula, na Missão Diplomática (Embaixada ou Consulado do Brasil), onde se inscreveu. São eles:

- a)** Formulário de Confirmação de Pré-Matrícula (disponível no endereço eletrônico informado no Edital) preenchido, assinado e datado;
- b)** Formulário do Termo de Responsabilidade Financeira (assinado com firma reconhecida em cartório, no país de origem do candidato, e carimbado pelo Serviço Consular do Brasil), por meio do qual seu responsável financeiro afirme dispor de um mínimo equivalente a US\$ X (conferir Edital do ano) mensais, para custear as despesas com subsistência no Brasil durante o curso de graduação;

- c) Histórico(s) Escolar(es) de Ensino Secundário (Médio), correspondente a todos os anos letivos desse período. Esse documento deverá ser autenticado pela autoridade consular brasileira de sua jurisdição;
- d) Documento comprobatório de conclusão do Ensino Secundário (Médio).

## 2<sup>u</sup> Parti: Pa entra na Universidadi

Kusé ki ta mestedu pa entradu na

UNILAB? Orientason sobri Prusésu di Seleson.

*Tudu informason di prusésu di seleson, sta na site di UNILAB, na sekison Dokuméntu publikadu, na link: <http://selest.unilab.edu.br> (2019)'. Pa kandidatadu pa un vaga ten ki sigidu tudu kes orientason pabaxu li, déntu di órdi ki es sa ta mostra:*

**1<sup>u</sup>** → Kunpanha divulgason di abertura di idital di seleson di UNILAB na mural di informason y sekretária di skóla, na nbaxada brasileru, na Sentru Kultural di Brazil na Kabuverdi, o na site di UNILAB.

**2<sup>u</sup>** → Na Nét, entra na kel link, atualizadu, di ses site y na kel idital publikadu.

**3<sup>u</sup>** → Konsulta sekison di Dukuméntu publikadu;

**4<sup>u</sup>** → Le y dretu Idital, atualizadu, di PROCESSO SELETIVO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS.

**5<sup>u</sup>** → Sigi tudu kes prusediméntu ki sta na Idital.

*Tudu prosediméntu di Prusésu seletivu di studanti stranjeru (PSEE) di UNILAB ten konpanhaméntu pa kes órgu li:*

- a) Comissão Permanente do Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros;*
- b) Coordenação de Seleção, Acolhimento e Acompanhamento (CSAA), di Pró-Reitoria de Relações Institucionais (PROINST);*
- c) Alguns kumison, spisífiku, kriadu pa fase kes avaliason, na kada idison,*
- d) Reitoria y Visi-Reitoria.*

### **Pasu-Pasu pa entrada na UNILAB:**

**1<sup>u</sup> pasu:** Informa di periodu di inskrison - normalmenti e na mes di Marsu -, ta entra na site [www.unilab.edu.br](http://www.unilab.edu.br), na pundi ta informadu link izatu di idital ki ten informason di Prusésu di Sileson, y tanbe na nbaxada di Brazil di kada pais: Angóla, Giné-Bisau, Kabuverdi Monsanbiki, Santumé y Prínsipi y Timor Lésti. E inpurtanti le kel idital tudu antis di fase inskrison.

**2<sup>u</sup> pasu:** INSKRISON. Kuidadu! Kel li e un pasu inpurtanti! Se formulari iletróniku, na Sistema di Sileson di Stranjeru (Selest), ten ki prenxedu dretu, tudu dakordu ku kes informason forneseu na Idital y na Gia di Studenti.

### **Dukuméntason mestedu na idital di anu 2019:**

Pa valida un inskrison na PSEE, kada kandidatu ten ki skánia si Bileti di Identidadi ( frenti y tras) y anekisa-l (upload) sima sta splikadu na pájina di Selest (Idital n<sup>u</sup> 1/2019).

Tudu dadu pididu na prienximéntu di es formulari, (a. NÓMI DI KANDIDATU b. NUNBRU BILETI IDENTIDADI c. DATA NASIMÉNTU (nasedu ti 15/07/2001) y d. DATA DI VALIDADI DI BILETI IDENTIDADI), ten ki prienxedu sima es sta na BILETI DI IDENTIDADI (validadi te data di publikason di Razultadu Final, sima Kronograma di se Idital).

Kes dokumentu li tanbe debe skaniadu, na formatu PDF, y anekisadu via upload:

- a) SERTIFIKADU DI KONKLUZON DI NSINU SEKUNDÁRI,** kursadu na pais di inskrison.

*Alérta: Sertifikadu di konkluzon di Nsinu Sekundári o un diklarason di konkluzon imitidu pa kel skóla undi kada kadidatu studa na el.*

**b)** *Un STÓRIKU SKOLAR KONPLÉTU DI NSINU SEKUNDÁRI, Un ralason di tudu disiplina, di tudu anu, ku ses nóta, fasedu.*

**INPURTANTI!** *Debe siguidu tudu orientason di manual di kandidatu na pájina do Selest y, tanbe, na pájina di UNILAB, pa karega-l (upload).*

*Tudu disiplina y nóta di kada anu debe lansadu, un-un, na pájina iletróniku di Selest, dakordu ku ses órdis na stóriku di kada anu.*

*Kel kadidatu ki sa ta meste di un tendimétu spisializadu y/o spisífiku pa fase próva, na témpu di inskrison, debe manda un email pa seleson.proinst@unilab.edu.br ta informa razon di se pididu y anêkisa ses konprovativu, na formatu PDF (djobe na Idital)*

**3<sup>u</sup> Pasu:** *Dispos di razultadu di avaliason di pruméru fazi di prusésu di sileson, kes ki silesionadu ta txomadu pa un próva di radason (djobe na Idital).*

*Data, lugar y óra di próva di Radason, Purtugés y Matimátika pode konfirmadu na Nbxada di Brazil y na Séntru Kultural brazileru na Bisau, Dili, Luanda, Maputu, Praia y Santumé, palen di site di UNILAB.*

**4<sup>u</sup> Pasu:** *Konfirmason di Pré-Matríkula, pididu di Vistu y Matríkula.*

*Dispos di aprovalu, prósimu pasu e entrega tudu dokuméntu di pré-matríkula na Mison Diplomátiku (Nbxada o Konsuladu di Brazil), na pundi inskrebedu:*

**a)** *Formulari di Konfirmason di Pré-Matríkula (el sta na inderesu iletróniku di Idital) priexedu, sinadu y ku data;*

**b)** *Formulari di Térnu Rasponsabilidadi Finanseru (ku sinatura rekonhesedu na kartório di pais di oriji di kada kandidatu, y karinbadu na Sirbisu Konsular di Brazil), na pundi responsavi finanseru di kada kandidatu ta fla*

*ma e ten kel mínimu mensal, na valor US\$ X (djobe Idital di kel anu), pa sustenta se rasponsabilizadu na Brazil, duranti se kursu di graduason;*

*c) Stóriku Skolar di Nsinu Sekundari, di tudu ses anu letivu, otentikadu pa otoridadi konsular brazileru, na jurisdison di kada kenha;*

*d) Dokumentu konprovativu di konkluson di Nsinu Sekundári.*

## 2.2 Visto

→ Após o recebimento da Carta de Aceitação da UNILAB, o candidato deverá, obrigatoriamente, encaminhar-se ao Setor Consular da Embaixada brasileira e solicitar o visto temporário para o período de 01 (um) ano, além de uma via original do Formulário *Visa Application Form* (EDITAL n°1/2019).

→ O candidato selecionado deverá, obrigatoriamente, solicitar na Embaixada Brasileira a inscrição no Cadastro de Pessoa Física (CPF), documento indispensável para matrícula junto à UNILAB (EDITAL n°1/2019).

## Vistu

→ Si ki rasebedu Karta di Setason di UNILAB, tudu kandidatu ten ki bai na Setor Konsular di Nbxada brazileru pidi un vistu tenporari, di 01 (un) anu, y un via orijinal di Formulari di Visa Application Form (IDITAL n°1/2019).

→ Tudu kandidatu silesionadu, tanbe, ten ki pidi, na Nbxada Brazileru, se inskrison na Cadastro de Pessoa Física (CPF), un dokuméntu, obrigatóri, pa matrikula na UNILAB (EDITAL n°1/2019).

## 2.3 Como chegar ao Brasil?



Ilustração: António Pedro Eduardo

→ Após a obtenção do visto concedido pela Embaixada Brasileira, o/a estudante deve, de imediato, providenciar a compra da passagem aérea. Vale lembrar que os custos da passagem deverão ser por conta do/a estudante, que poderá buscar financiamento com os órgãos governamentais e/ou organizações não governamentais – ONG, presentes no seu território. As ONGs têm ajudado alguns/algumas dos/as estudantes cabo-verdianos/as na compra de passagens aéreas e de material de estudo, a exemplo de computadores.

## Pa txiga Brazil

→ Dispos di toma vistu, na Nbxada Brazileru, tudu studanti debe kunpra si pasaji d'avion. E inportanti sabe, ma kustu di pasaji e pa kónta di própi studanti, y ki el pode djobe un finansiaméntu di govérnu y/o di algun ONG (organizason kagubernamental), na se pais. Aguns ONG ta anda ta djuda alguns studanti kabuverdianu kunpra ses pasaji aéri y tanbe algun material di studu, sima konputador.

## 2.4 Permanência no Brasil

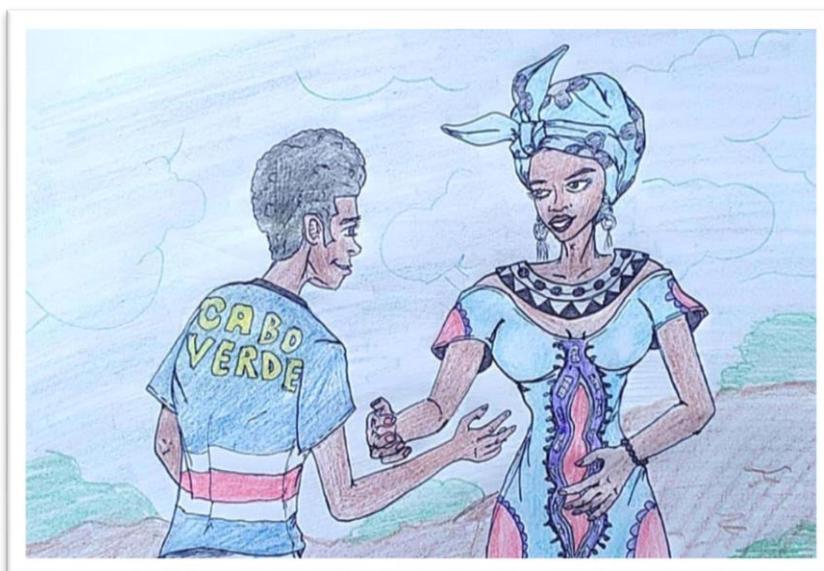


Ilustração: António Pedro Eduardo

### **CHEGUEI AO BRASIL. O QUE DEVO FAZER?**

→ O/A estudante deverá se apresentar à Pró-Reitoria de Relações Institucionais (Proinst) da UNILAB, no dia útil seguinte à sua chegada a Fortaleza, no Ceará, ou a Salvador, na Bahia, para confirmação de sua chegada.

### **Procedimentos na Unidade da Polícia Federal, no Brasil:**

O candidato selecionado tem um prazo de 30 (trinta) dias, a partir de sua chegada ao Brasil, para se apresentar na unidade da Polícia Federal (em Fortaleza, no Ceará ou em Salvador, na Bahia) e solicitar seu Registro Nacional de Estrangeiro (RNE).

**Observações:** O candidato selecionado poderá requerer o Registro Nacional de Estrangeiro (RNE) por meio da página eletrônica da Polícia Federal, agendando o dia e horário em que deverá comparecer:

- 1) Acessar: <http://www.dpf.gov.br/servicos/estrangeiro>.
- 2) Escolher a opção “Requerer registro e emissão/renovação de Cédula de Identidade de Estrangeiro”.
- 3) Preencher o Formulário eletrônico disponível na opção “Requerer Registro / Renovação”. Em seguida, clicar no botão SALVAR e imprimir o formulário preenchido.
- 4) Após o preenchimento e impressão do formulário eletrônico, verificar se existe agenda disponível na Unidade do DPF e selecionar data e hora para o atendimento. Será necessário informar o CÓDIGO DE SOLICITAÇÃO impresso no cabeçalho do formulário.
- 5) ATENÇÃO! Não perca o prazo de registro. Caso não haja disponibilização de agendamento, o requerente deverá comparecer imediatamente à Unidade do Departamento de Polícia Federal.

### Secretaria da Saúde

O/A estudante, ainda na primeira semana da sua chegada, deverá se apresentar à Secretaria de Saúde, para tomar as vacinas no período estabelecido pela Secretaria e no mesmo local onde é retirado o cartão do Sistema Único de Saúde (SUS), que lhe dará acesso ao serviço de saúde pública do Brasil.

## Stadia na Brazil

### DJA N TXIGA, MÓ N TA FASE?

→ *Tudu studanti si ki el txiga e ten ki ba prizenta si kabésa na Pró-Reitoria de Relações Institucionais (Proinst) di UNILAB, lógu na pruméru dia útil dispos ki el txiga Fortaleza, na Ceará, o na Salvador, na Bahia, pa konfirma ma dj’el txiga.*

### ***Prosediméntu na Unidade da Polícia Federal, na Brazil:***

*Tudu kandidatu silesionadu ten un prazu di 30 (trinta) dia, ta konta di data ki el txiga Brazil, p'el prizenta kabésa na Unidade di Polícia Federal (na Fortaleza, na Ceará, o na Salvador, na Bahia) y pidi se Rajistu Nasional di Stranjeru (RNE).*

***Alérta:*** *Tudu kandidatu silesionadu pode pidi se Rajistu Nasional di Stranjeru (RNE) via pájina eletróniku di Polícia Federal, y ajenda dia e orári ki el ta konparese:*

- 1)*** *Entra na <http://www.dpf.gov.br/servicos/estrangeiro>.*
- 2)*** *Skodje opison “Requerer registro e emissão/renovação de Cédula de Identidade de Estrangeiro”.*
- 3)*** *Prenxe kel Formulari iletréniku na opison “Requerer Registro / Renovação”. Y klika na boton SALVAR, y inprimi formulari prenxedu.*
- 4)*** *Dispos di prenxe y inprimi formulari iletróniku, debe djobedu un data disponivi na ajénda di Unidade do DPF y silesionadu un data y óra di atendiméntu. Ten ki informadu CÓDIGO DE SOLICITAÇÃO inprimidu na se kabesári.*
- 5)*** ***INPORTANTI!*** *Ka perde kel prazu di rajistu. Si ka ten dispunibilidadi na ajénda, debe dirijidu lógu pa Unidade do Departamento de Polícia Federal.*

### ***Secretaria da Saúde***

*Inda na pruméru sumana ki txigadu na Brazil, tudu studanti ten ki ba prizenta kabésa na Secretaria de Saúde, pa el toma tudu ses vasina inda déntu di prazu stabelesedu. Y la mé el ta trata di si karton di Sistema Único de Saúde (SUS), pa el pode ten asésu na sirbisu di saúdi públiku di Brasil.*

## 2.5 Matrícula

→ Para efetivar a matrícula, o/a estudante deverá apresentar cópia e original dos documentos relacionados abaixo:

- a)** Passaporte, contendo apostado o Visto Temporário IV;
- b)** Histórico escolar do Ensino Secundário (Médio), autenticado pela autoridade consular brasileira de sua jurisdição;
- c)** Documento comprobatório da conclusão do Ensino Secundário (Médio), que deverá ter sido expedido pelo Ministério da Educação, ou equivalente, do país de origem do candidato, autenticado pela autoridade consular brasileira de sua jurisdição;
- d)** Comprovante de situação cadastral do Cadastro de Pessoa Física (CPF);
- e)** Protocolo de registro junto ao Departamento de Polícia Federal, em Fortaleza-Ceará ou em Salvador-Bahia;
- f)** 01 (uma) fotografia 3x4.

## Matrícula

→ Pa fase se matricula, tudu studanti debe ten un kópia y orijinal di tudu kes dukuméntu li:

- a)** Pasaporti, tudu ku Vistu Temporáriu IV pruntu;
- b)** Stóriku skolar di nsinu Sikundári otentikadu na sirbisu konsular brasileru di si jurisdison;
- c)** Dukumentu konprovativu di konkluzon di nsinu Sikundáriu, imitidu pa Ministéri di Idukason, o un ikivalenti, di pais di oriji di kel kandidatu y otentikadu na sirbisu konsular brasileru di si jurisdison;
- d)** Konprovativu di situason kadastral di Cadastro de Pessoa Física (CPF);
- e)** Protokolu di rijistu na Departamento de Polícia Federal, na Fortaleza-Ceará o na Salvador-Bahia;
- f)** 01 (un) fotografia 3x4 (Karinha).

## 2.6 Onde morar?

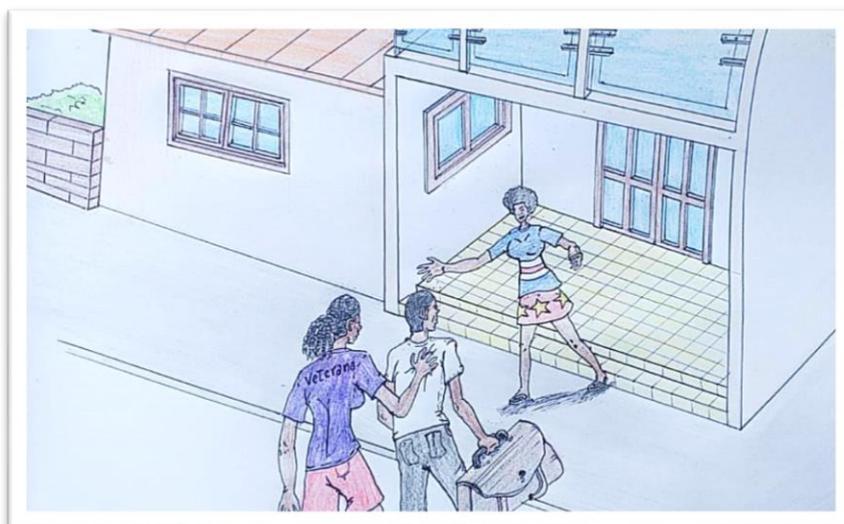


Ilustração: António Pedro Eduardo

→ Em 2019 a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis da UNILAB lançou um comunicado sobre as condições da universidade até o relativo ano, informando que a residência estudantil da UNILAB, no Ceará, ainda estava em fase de construção (UNILAB, 2019). Dessa forma, a organização e os trâmites referentes à busca de moradia são de exclusiva responsabilidade dos estudantes.

### Kau mora

→ Na 2019, Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis da UNILAB públika un kumunikadu sobri kondison di universidadi, ti kel anu la, ta informa ma razidénsa di studanti di UNILAB, na Ceará, inda staba na se fazi di konstruson (UNILAB, 2019). Nton, tudu organizason y spidienti di ranja kasa e di rasponsabilidadadi di kada studanti.

## 2.7 Quais os apoios para permanecer no Brasil?

→ A Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE) é o setor responsável pela concessão das bolsas, por meio do Programa Bolsa Permanência (PBP).

1. O auxílio-moradia, recurso disponibilizado pelo Ministério da Educação do Brasil, destina-se somente à complementação das despesas com aluguel de imóveis.
2. O auxílio-moradia poderá ser requerido por todos/as os/as estudantes, desde que atendam aos critérios estabelecidos. Portanto, não há garantia de deferimento da solicitação.
3. A cidade de Redenção e cidades vizinhas nem sempre podem atender à crescente procura por aluguel e imóveis pelos estudantes.
4. Salientamos que os valores cobrados para aluguéis de imóveis atualmente são elevados e que a UNILAB não tem controle sobre os preços cobrados.

## Apoiun pa sta na Brazil

→ *Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE) e setor responsavi pa da bolsa di studu, via Programa Bolsa Permanência (PBP).*

1. *Auxílio-moradia, un rakursu ki Ministério da Educação do Brasil ta disponibiliza, e so un konpliméntu pa djuda paga despeza di rénda kasa.*
2. *Tudu studanti pode pidi “Auxílio-moradia”, desdi ki el sta déntu di kes kritéri izijidu. Nton, ningen ka ten, a priori, garantia di difiriméntu.*
3. *Sidadi di Redenção ku ses sidadi satéltiti nen sénpri sa ta konsigi kubri un dimanda di rénda di kasa, k’e kada bes mas grandi ku prizénsa di studanti.*
4. *Na kes últimu ténpu li, valor di rénda ki sa ta kobradu sta un bokadu altu y UNILAB ka ten nun puder pa kontrola kes présu.*

## 2.8 Experiências de estudantes

### Caboverdianos/as da UNILAB

A experiência inicia com a primeira informação sobre o projeto de Cooperação Internacional entre o Brasil com os países da CPLP e a UNILAB. Em 2019 muitos estudantes relataram que tomaram conhecimento sobre o processo seletivo para concorrer a uma vaga na UNILAB, por meio de amigos ou parentes que já estudavam na Universidade, os quais estão residentes na zona rural, afastados da capital. Seguem alguns relatos de estudantes:

**Emanuel** – mais conhecido como Manu – concorreu na seleção de 2013.2 para o curso de engenharia eletrônica, oferecido somente na UNILAB do Ceará. Contudo, a procura para esse curso é muito grande e eram três vagas para cada país, de modo que o estudante não pode ingressar, pois ficou em quarto lugar. No primeiro semestre de 2014 ele se candidatou de novo, mas dessa vez escolheu um curso que tinha maior número de vagas, porque já estava desanimado, optando então pelo BHU, que tinha 14 vagas, no qual foi aprovado e assim fez os procedimentos para viajar. Apesar de não ter sido a sua primeira escolha, Manu disse que passou a gostar do curso e aconselha a todos que o façam: “[...] *Quem quer começar uma carreira acadêmica, profissional é ótimo passar pela experiência de BHU... você amadurece, tem uma experiência de vida ímpar [...]*” (SEMEDO, 2019).

**Darini** chegou à Bahia para estudar na UNILAB, em 2016, cuja escolha do campus se deu em virtude de já haver pessoas conhecidas, do mesmo bairro onde ela mora em Cabo Verde. Para estudar em São Francisco do Conde, a estudante optou pelo curso do BHU, em detrimento de Letras. A estudante ficou sabendo do processo de seleção e todo o procedimento para se candidatar por meio desses amigos que tinham feito essa experiência.

**Nilton**, em 2014, estava planejando ir para Portugal, mas um parente que já estudava na UNILAB desde 2012, no campus do Ceará, enviou um *link* pelo *Facebook*, com informações sobre o processo seletivo na UNILAB. Ao acessar o edital para o período que estava procurando, ele verificou que preenchia todos os requisitos para concorrer à vaga, então se candidatou. O seu acesso à Embaixada Brasileira foi fácil, porque mora em uma região próxima da capital, porém, antes do contato direto com a Embaixada, obteve informações por meio do Centro Cultural Brasileiro em Cabo Verde – CCB, que, por sua vez, o encaminhou para a Embaixada. O estudante relatou que a sua preparação para o que iria encontrar no Brasil já se iniciou no CCB.

As relações raciais no Brasil ainda se constituem em um grande desafio para as populações negras – brasileira e estrangeira. Isso se deve ao “Mito da Democracia Racial” que impera no país e se propaga no cenário internacional, embora seja desmistificado pela ciência. No Brasil existe um racismo que se construiu pela negação do próprio racismo, o que torna bastante desafiadoras as relações dos/as estudantes africanos/as com o contexto social e político brasileiro, além do preconceito racial e machismo, sexismo, misoginia e xenofobia. Apesar dos desafios enfrentados pelos/as estudantes PALOP, os conteúdos da matriz curricular dos cursos, principalmente o curso de BHU, têm contribuído para torná-los/as mais conscientes e preparados/as para enfrentar e responder, intelectualmente, às ofensas.

Outros/as estudantes cabo-verdianos/as também compartilharam de suas experiências, como **Michel, José Eduardo, Jacica e Sônia Maria** (REIS, 2020).

## Spiriensa di studanti kabuverdianu di UNILAB

Tudu ta kumesa ku kes pruméru informason sobri Projecto de Cooperação Internacional entre o Brasil com os países da CPLP e a UNILAB. Na 2019 txeu studanti fla ma e fika ta sabe kel prusésu di sileson pa konkóre pa un vaga na UNILAB, pa bóka di amigu o parenti ki dja sa ta studaba la, y ta moraba na fóra, lonji di kapital. Gósi, alguns ralatu di studanti:

**Emanuel** – konxedu pa Manú – konkóre, na sileson di 2013.2 pa kursu di Njinharia Eletróniku, ki ten so na UNILAB di Ceará. Un kursu ku txeu dimanda, y so ku tres vaga pa kada pais. El fika na kuartu lugar, sen pode entra. Na pruméru simétru di 2014 el torna kandidata ma, gósi, pa un kursu ku mas vaga. Dizanimadu el skodje BHU ki tenba 14 vaga, el pasa y el kumesa ta da tudu kes spidienti pa el pode viaja. Ka éra kursu ki el kreba ma oxi el sa ta gusta d’el y el ta konsedja tudu algen pa fase-l: “[...] Kenha ki kre kumesa un bon karera akadémiku y prufisional, N ta konsedja pasa pa spirénsa di BHU, el ta madura, el ta ten un bida úniku [...]” (SEMEDO, 2019)

**Dairini** txiga Bahia na 2016 pa studa na UNILAB. Un skódja mutivadu pa prizénsa di alguns amigu y vizinhu, di Kabuverdi, la na kel Campus. E skodje kursu di BHU, na São Francisco do Conde, enbes di kursu di Létra. El fika ta sabe di kel prusésu di silenson ku tudu ses prusediméntu pa bóka di kes ses amigu li, ki dja pasaba pa el.

**Nilton**, na 2014, staba tudu pa ba Purtugal, ma un parenti di-sel ki dja staba ta studa, désdi 2012, na Campus di Ceará, manda-l un link na Facebook ku tudu informason di prusésu di sileson di UNILAB. Si ki el entra na idital, di kel periodu ki el kreba, el da kóntra ma el ta prenxeba tudu kes rakizitu p’e konkóre pa vaga ki el kreba, y el kandidata. Pa el txiga na nbaxada Brazil foi faxi, trokadu di el móra pértu di kapital. Ma, artis di el txiga na nbaxada dja el konsigiba alguns informason na Séntru Kultural Brazileru na Kabuverdi – CCB, ki manda-l nbaxada y anda ta pripara-l pa kel ki el sa ta baba atxa la.

Situason rasial na Brazil inda e un dizafiu grandi pa kes populason négru, brazileru y stranjeru. Kel li, trokadu di un mitu di dimokrasia rasial, negadu pa sênsia, ma simé propagadu pa mundu interu. Un rasismu fidju di

*negason di própi rasismu, ki ta konplika situason di studanti afrikanu na kontestu sosial y pulítiku brazileru, palen di prekonsetu rasial y maxismu, sekisismu, mizojinia y xenofubia. Simé, ku tudu kes difikuldadi li, grelia kurikular di ses kursu, prinsipalmenti kel di baxarelatu na Umanidadi (BHU), di UNILAB, a ta kontribui, manenti-manenti, pa djuda kes studanti di PALOP toma konsiênsia y fika mas priparadu pa ruspode, ku intilijênsa, tudu kes tentativa di ofênsa.*

*Otus studanti kabuverdianu tanbé partília ses ixpírênsia, sima Michel, José Eduardo, Jacica i Sônia Maria (REIS, 2020).*

## 2.9 Pós-permanência

### → CONCLUÍ A GRADUAÇÃO. O QUE DEVO FAZER?

O/A estudante tem a opção de se candidatar ao curso de pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, na UNILAB ou em outras universidades. Atualmente (fevereiro 2020), a UNILAB oferta cinco cursos de especialização *lato sensu*, todos na modalidade a distância, e cinco programas de mestrado com oferta anual de vagas, nas modalidades acadêmico e profissional (ver site UNILAB).

O estudante Manu, por exemplo, foi um dos que, já em 2020, ingressaram no curso de mestrado, em outra universidade brasileira.

### → ORIENTAÇÕES SOBRE O PROCESSO SELETIVO

Quando lançado, o Edital da Seleção é disponibilizado no site da UNILAB. Nele você encontrará todas as informações, ao selecionar o link: <http://selest.unilab.edu.br>, na seção Documentos publicados. É necessário, portanto, aceitar todas as condições nele estabelecidas.

## → PASSO A PASSO:

- 1º) Acompanhe a divulgação da abertura do edital da seleção UNILAB, nos murais e secretaria da sua escola, na Embaixada Brasileira, no Centro Cultural Brasil - Cabo Verde.
- 2º) Na internet, acesse o link: <http://selest.unilab.edu.br>
- 3º) Clique na seção Documentos publicados.
- 4º) Leia atentamente o Edital PROCESSO SELETIVO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS, do ano recorrente.

Exemplo de seleção ocorrida em 2019:

De acordo com o Item 06 do EDITAL nº 01/2019 a seleção constará da análise do histórico escolar do candidato, para atribuição de uma Nota do Ensino Secundário (NES) e da prova de Redação (NR). Para o(s) país(es) que atingir(em) o número de inscrições maior do que o número de vagas ofertadas, serão convocados para a Prova de Redação os candidatos até três vezes o número vagas, por curso (1ª opção).

Em caso de empate na Nota de Ensino Secundário, será convocado para a Prova de Redação o candidato de maior idade, considerando-se a data de nascimento (UNILAB, 2019).

## 2.9 Pós-permanência

### → DJA N KABA NHA KURSU, E MÓDI GÓ?

*Tudu studanti ten opison di kandidata pa kursu di pós-graduason lato sensu o stricto sensu, na UNILAB o na un otu universidadi. Gósi (febreru di 2020), UNILAB ten un oférta di sinku kursu di spesializason lato sensu, es tudu na modalidadi di-lonji, y sinku prugrama di mestradu, ku vaga anual, na modalidadi akadémiku y prufisional (djobe site UNILAB).*

*Manu, purizénplu, e un di kes studanti ki na 2020 entra na kursu di mestradu, na un otu universidadi brazileru.*

## → ORIENTASON SOBRI PROSÉSU DI SILESON

Óras ki un idital ta fika prontu, el ta podu na site di UNILAB. Na el ta atxadu tudu kes informason ki ta mestedu, na link: <http://selest.unilab.edu.br>, na sekison Documentos publicados. Tudú kondison ki sta na el ten ki setadu.

### → PASU-PASU:

**1<sup>u</sup>)** Kunpanha divulgason di abertura di idital di silesón di UNILAB na mural di informason y sekretária di skóla, na nbaxada brasileru, y na Sentru Kultural di Brazil na Kabuverdi.

**2<sup>u</sup>)** Na internet, entra na link: <http://selest.unilab.edu.br>

**3<sup>u</sup>)** Klika na seson Documentos publicados.

**4<sup>u</sup>)** Le y dretu Idital, atualizadu, di *PROCESSO SELETIVO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS*.

Alguns Izénplu di silesón na 2019:

Dakordu ku Iten 06 di *IDITAL n<sup>u</sup> 01/2019* di silesón, análizi di stóriku skolar di kada kandidatu ta konta pa da-l un Nóta di Nsinu Sekundári (NES) e di próva di Radason (NR).

Pa kel/s pais ki tingi un nunbru di inskrisón mas grandi ki nunbru di vaga disponivi ta konvokadu un Próva di Radason pa kes kandidatu na un nunbru mas txeu di tres bes kel nunbru di vaga dadu (*1<sup>a</sup> opison*).

Na kazu di npati na Nóta di Nsinu Sekundári, ta pasa pa próva di radason kel kandidadu mas bédju, ku bazi na data di naseméntu (UNILAB, 2019).

## 3ª Parte: Retorno à Cabo Verde

Muitos estudantes têm relatado que não planejam retornar para Cabo Verde. Alguns porque constituíram família no Brasil, outros porque têm preferido continuar no país para fazer a pós-graduação (mestrado e doutorado) ou até mesmo conseguir um emprego. A inserção ou reinserção no mundo do trabalho cabo-verdiano tem sido um desafio para muitos que saem do país de origem com o objetivo de estudar fora, seja porque a remuneração não é compatível com o investimento realizado para a sua formação, seja até mesmo por não encontrarem colocação no mercado de trabalho. Entretanto, o retorno desses sujeitos, agora munidos de novos conhecimentos, contribui para as mudanças e melhoria em seu país, haja vista que um dos principais objetivos da UNILAB, como uma universidade, é formar compromisso social.

## 3<sup>u</sup> Parti: Di volta pa kabuverdi

*Txeu studanti ta fra ma es ka tem planu di volta pa Kabuverdi. Alguns pamó dj'es ranjâ ses família la mé, otus pamó es ta prifirí fiká la na Brazil pa kontinuâ ta studâ, pa es fazê pós-Graduason (mestradu y dotoradu), ó própi atxâ un trabadju.*

*Entra o ratoma un lugar na merkadu trabadju di Kabuverdi a ta ser un dizafiu grandi, pa txeu studanti ki ta sai pa studa fóra, o pamódi salari di Kabuverdi ka ta kubri-s ses invistiméntu, o própi pa es ka konsigi un kolokason na merkadu di trabadju.*

*Tirmódi, ses vólta pa téra, munidu di novu y mas koxeméntu, e isensial pa provoka kes mudansa y midjóra ki ses pais ta meste y k'e parti di filosofia y konprimisu ki UNILAB asumi.*

## Referências / Referência

BRASIL, **Guia do Turismo. São Francisco do Conde - BA.** Disponível em: <https://www.guiadoturismobrasil.com/cidade/BA/301/sao-francisco-do-conde>. Acesso em 04/07/2019.

BRASIL. REPÚBLICA, **Presidência da Casa Civil.** Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm). Acesso em: 02/07/2019.

MALOMALO, Bas'llele. **Desafios de gestão multicultural numa universidade internacional:** caso da UNILAB. Disponível em: [file:///C:/Users/leodi/Desktop/Desafios\\_de\\_gestao\\_multicultural\\_numa\\_un.pdf](file:///C:/Users/leodi/Desktop/Desafios_de_gestao_multicultural_numa_un.pdf). Acesso em 04/02/2020.

MUNANGA, Kabengele. **Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas.** Sociedade e Cultura, v. 4, n. 2, jul./dez. 2001, p. 31-43. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/515/464>. Acesso em 31 out. 2018.

NASCIMENTO, Ana Maria Barbosa do. **Pespointos nos Trajes de Candomblé: Os Trajes Sagrados de Nôla de Araújo.** - Salvador, 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes, Salvador, 2016.

PREFEITURA de São Francisco do Conde. Disponível em: <http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/>. Acesso em: 02/07/2019.

REIS, Leodinéia da Costa. **Estudantes PALOP/UNILAB: Encantos e Desencantos Além do Atlântico na UNILAB.** 2020. Relatório (Mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Cachoeira, 2020.

SANTANA, Jaciara de. **São Francisco do Conde e o Enigma da Riqueza e Pobreza no Recôncavo Baiano.** 2011. 159 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Universidade Católica de Salvador – UCSAL. Salvador, 2011.

UNILAB. **Guia do Estudante de Graduação.** Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2018/02/guia-do-estudante-completo-VERSÃO-2018.pdf>. Acesso em: 07/01/2020.

UNILAB. **Integração Internacional.** Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/nosso-diferencial-de-integracao-internacional/>. Acesso em: 03/07/2019.

## Sobre a autora Lea

Leodinéia (da Costa Reis), filha de Lourdinéia e Leonídio, tia de Liane, nasceu em Salvador, Bahia, Brasil, é bacharel em Relações Internacionais, Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Terapeuta Holística na perspectiva Afrakana<sup>2</sup>, com foco nas causas emocionais das doenças.



## Sobri otóra Lea:

*Leodinéia (da Costa Reis), fidju di Lourdinéia e Leonídio, tia di Liane, nasi na Salvador, Bahia, Brazil, e bacharel na Relason Internasional, mestri na stória d'Áfrika, di Diáspora y di Povu Indijina, Terapeuta Olístiku na perspetiva Afrakana<sup>3</sup>, ku foku na kauzas imosional di doensa.*

---

<sup>2</sup> Segundo os estudiosos do Mdw Ntchr (língua antiga), o nome Afrakana significa, Terra dos seres humanos originais melaninados (carne) e do espírito da luz.

Af = terra

Ra = energia criadora visível nesse planeta através do Sol.

Ka = espírito

<sup>3</sup> *Pa studiozus di Mdw Ntchr (língua antiga), nomi Afrakana ta siginifika téra di ser umanu original melaninadu (karni) y di sprítu di lus.*

Af = téra

Ra = enerjía kriador vizível nes planeta através di sol.

ka = sprítu.

